

# ATLAS

## DOS ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE

QUEM SÃO E ONDE ESTÃO NOS ENSINOS  
BÁSICO E SECUNDÁRIO EM PORTUGAL

---

TERESA SEABRA  
ANA FILIPA CÂNDIDO  
INÊS TAVARES

---

# ATLAS DOS ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE QUEM SÃO E ONDE ESTÃO NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO EM PORTUGAL

---

Teresa Seabra

Ana Filipa Cândido

Inês Tavares



## FICHA TÉCNICA

### TÍTULO

ATLAS DOS ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE  
QUEM SÃO E ONDE ESTÃO NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO EM PORTUGAL

### AUTORES

Teresa Seabra, Ana Filipa Cândido e Inês Tavares

### PRIMEIRA EDIÇÃO

junho de 2023

### ISBN

978-972-8048-82-2

### DOI

10.15847/CIESODAtlasAlunosOrigemImigrante

### CAPAS

Inês Tavares

### EDIÇÃO GRÁFICA DE TEXTO E COMPOSIÇÃO

Ana Filipa Cândido

### IMPRESSÃO

Europress – Indústria Gráfica.

Publicação com a participação financeira da Escola de Sociologia e Políticas Públicas (ESPP) do Iscte-Instituto Universitário de Lisboa (mestrado em Sociologia, mestrado em Educação e Sociedade e mestrado em Administração Escolar).

Todos os direitos reservados  
© 2023, Observatório das Desigualdades

### COMO CITAR

Seabra, Teresa; Ana Filipa Cândido; e Inês Tavares (2023), Atlas dos Alunos com Origem Imigrante: Quem São e Onde Estão nos Ensinos Básico e Secundário em Portugal, Lisboa, Observatório das Desigualdades, CIES-Iscte. Consultar aqui: [https:// www.observatorio-das-desigualdades.com/](https://www.observatorio-das-desigualdades.com/)

Observatório das Desigualdades, CIES-Iscte, Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa  
E-mail: [info@observatorio-das-desigualdades.com](mailto:info@observatorio-das-desigualdades.com)  
Site: <http://observatorio-das-desigualdades.com>



## NOTA DE ABERTURA

A presente publicação resultou do protocolo estabelecido entre o CIES-Iscte (no âmbito do Observatório das Desigualdades e do projeto *(Des)igualdades nos trajetos escolares dos descendentes de imigrantes*) e a DGEEC, que possibilitou o acesso a microdados referentes a cada aluno no sistema educativo, público e privado, do primeiro ciclo do ensino básico ao ensino secundário, em Portugal continental. Como é referido na introdução ao estudo, este pretende perceber *quem são e onde estão* os alunos com origem imigrante que frequentam os estabelecimentos públicos dos ensinos básico e secundário em Portugal continental. O objetivo visa contribuir para o conhecimento sobre os estudantes com origem na imigração, identificando os seus perfis sociodemográficos e a suas localizações no território nacional.

Trata-se de uma análise inovadora quer da abordagem teórica, fazendo uma reinterpretação e um esclarecimento pertinentes sobre a construção das categorias sociais mais adequadas, como do exercício metodológico, no que concerne ao tipo de medidas estatísticas utilizadas e aos elementos cartográficos apresentados, com o intuito de mapear a distribuição territorial da população em causa.

O primeiro aspeto que gostaria de mencionar relaciona-se com a heterogeneidade das proveniências e das situações sociais dos alunos de origem imigrante. Este dado é particularmente relevante e demonstra que o sistema educativo nacional é cada vez mais cosmopolita e composto por uma diversidade socioeconómica e sociocultural crescente e assinalável. Em segundo lugar, verifica-se que a distribuição territorial das várias origens nacionais (e das distintas gerações) é bastante diferenciada não correspondendo a um perfil único, nem sequer a um padrão dominante. Esta complexidade representa uma enorme exigência em relação à conceção e à boa aplicação das políticas públicas, assim como aos múltiplos projetos educativos e pedagógicos a desenvolver no âmbito de cada agrupamento escolar.

No que diz respeito às medidas decorrentes da Ação Social, é essencial avaliar, noutros estudos, se estas estão a responder devidamente a todas as necessidades prementes (e, também, às mais invisíveis). Todavia, os dados apresentados sugerem que dada a complexidade do sistema é importante estabelecer-se e consolidar-se uma melhor articulação institucional e organizacional entre as diretivas e as prioridades de atuação definidas pela administração central e as formas de intervenção nos contextos e nos quadros de interação locais, onde só as organizações escolares, em articulação com as autarquias, poderão antecipar os riscos e sinalizar as vulnerabilidades mais vincadas e desestruturadoras. Torna-se, por isso, fundamental que as diversas fragilidades de partida não comprometam os percursos de inserção social e escolar e que, por seu turno, as políticas sejam capazes de fazer a diferença e de possibilitar uma vida social, cultural e económica decentes e com perspetivas reais e previsíveis de futuro na sociedade portuguesa.

*Renato Miguel do Carmo*  
Diretor do Observatório das Desigualdades  
Professor associado com agregação do Iscte

## AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer pelas preciosas revisões do estudo ao Jorge Malheiros, à Patrícia Ávila e ao Renato Miguel do Carmo. Pelas revisões cartográficas ao Paulo Morgado e pelos conselhos demográficos à Sónia Pintassilgo. Sem dúvida que em muito enriqueceram este estudo. Cabe outro agradecimento à DGEEC, pela cedência dos dados e pela disponibilidade em auxiliar o processo empírico sempre que necessário. Agradece-se também à Escola de Sociologia e Políticas Públicas (ESPP) a colaboração prestada para fins de publicação.

# ÍNDICE

<b>SUMÁRIO EXECUTIVO</b> .....	XI
<b>CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA</b> .....	1
<b>CAPÍTULO 1. CONSIDERAÇÕES EM TORNO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE</b> .....	5
<b>CAPÍTULO 2. DADOS E OPÇÕES METODOLÓGICAS</b> .....	13
<b>CAPÍTULO 3. QUEM SÃO E ONDE ESTÃO OS ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE?</b> .....	23
UMA ANÁLISE COMPARATIVA SEGUNDO O ESTATUTO MIGRATÓRIO .....	23
OS ALUNOS DE ORIGEM IMIGRANTE: ESTATUTO GERACIONAL .....	27
OS ALUNOS DE ORIGEM IMIGRANTE: TIPO DE ASCENDÊNCIA .....	30
DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE PELO TERRITÓRIO NACIONAL .....	36
EM SÍNTESE .....	39
<b>CAPÍTULO 4. AS DIFERENTES ORIGENS NACIONAIS</b> .....	43
<b>CONTEXTUALIZAÇÃO DAS DIFERENTES ORIGENS NACIONAIS</b> .....	43
<b>UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS ORIGENS NACIONAIS MAIS REPRESENTADAS</b> .....	44
POR ESTATUTO GERACIONAL .....	45
POR TIPO DE ASCENDÊNCIA .....	46
POR CONDIÇÕES SOCIAIS (ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE E APOIO DA ASE) .....	48
POR DISTRIBUIÇÃO PELO TERRITÓRIO NACIONAL .....	52
<b>CAPÍTULO 5. FICHAS POR ORIGEM NACIONAL</b> .....	57
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	131
<b>ANEXO I</b> .....	134

## ÍNDICE DE QUADROS, GRÁFICOS E FIGURAS

QUADRO 1. SÍNTESE DOS PRINCIPAIS ESQUEMAS DE CLASSIFICAÇÃO E DAS PRINCIPAIS CATEGORIAS EMPREGUES NO ESTUDO DAS POPULAÇÕES COM ORIGEM IMIGRANTE (ADAPTADO AOS ALUNOS) .....	9
QUADRO 2. DADOS OMISSOS POR VARIÁVEL. PERCENTAGEM FACE AO TOTAL DE ALUNOS INSCRITOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, ENTRE 2012/2013 E 2019/2020. ....	14
QUADRO 3. VARIÁVEIS CONSTRUÍDAS, CRITÉRIOS DE OPERACIONALIZAÇÃO E DEFINIÇÃO DAS CATEGORIAS. ....	16

QUADRO 4. DADOS OMISSOS NAS VARIÁVEIS CONSTRUÍDAS, ENTRE 2012/2013 E 2019/2020. (%) .....	18
QUADRO 5. DADOS OMISSOS NA ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE POR ESTATUTO MIGRATÓRIO E POR ESTATUTO GERACIONAL, EM 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%). .....	19
QUADRO 6. ALUNOS MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, SEGUNDO O ESTATUTO MIGRATÓRIO E O SEXO, 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%). .....	25
QUADRO 7. TOP10 DOS MUNICÍPIOS COM MAIS ALUNOS DE ORIGEM IMIGRANTE, 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%). .....	37
QUADRO 8. TOP10 DOS MUNICÍPIOS COM MAIOR PROPORÇÃO TERRITORIAL DE ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE, 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%). .....	38
QUADRO 9. AS 18 ORIGENS NACIONAIS MAIS REPRESENTADAS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, EM 2019/2020, (Nº E %). .....	45
QUADRO 10. ALUNOS POR ORIGEM NACIONAL SEGUNDO O TIPO DE ASCENDÊNCIA NACIONAL, 2019/2020 (% EM LINHA).....	47
QUADRO 11. ALUNOS POR ORIGEM NACIONAL SEGUNDO O TIPO DE ASCENDÊNCIA E O ESTATUTO GERACIONAL, 2019/2020 (% EM LINHA) * .....	48
QUADRO 12. ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE POR ORIGEM NACIONAL, 2019/2020 (%). .....	50
QUADRO 13. ALUNOS QUE BENEFICIAM DA ASE SEGUNDO A ORIGEM NACIONAL (%) E DIFERENÇA EM P.P. RELATIVAMENTE AOS AUTÓCTONES, 2012/13 E 2019/20. ....	51
QUADRO 14. TOP3 DOS MUNICÍPIOS COM MAIS ALUNOS POR PAÍS DE ORIGEM, 2019/2020 (%) .....	53
GRÁFICO 1. ALUNOS MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, SEGUNDO O ESTATUTO MIGRATÓRIO, 2012/2013 A 2019/2020 (Nº).....	24
GRÁFICO 2. ALUNOS DE ORIGEM IMIGRANTE MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, 2012/2013 A 2019/2020 (Nº e %). .....	24
GRÁFICO 3. ALUNOS MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, SEGUNDO O ESTATUTO MIGRATÓRIO E A ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE, 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%). .....	26
GRÁFICO 4. ALUNOS MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, SEGUNDO O ESTATUTO MIGRATÓRIO E O USUFRUTO DO APOIO DA AÇÃO SOCIAL ESCOLAR, 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%). .....	27
GRÁFICO 5. ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, SEGUNDO O ESTATUTO GERACIONAL, 2012/2013 A 2019/2020 (%). .....	28
GRÁFICO 6. ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, SEGUNDO O ESTATUTO GERACIONAL E A ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE, 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%). .....	29
GRÁFICO 7. ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, SEGUNDO O ESTATUTO GERACIONAL E O USUFRUTO DA AÇÃO SOCIAL ESCOLAR, 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%). .....	30
GRÁFICO 8. ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, SEGUNDO O TIPO DE ASCENDÊNCIA NACIONAL, 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%). .....	31

GRÁFICO 9. ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, SEGUNDO TIPO DE ASCENDÊNCIA NACIONAL E A ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE, 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%).	32
GRÁFICO 10. ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, SEGUNDO O TIPO DE ASCENDÊNCIA NACIONAL E O USUFRUTO DA ASE, 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%).	33
GRÁFICO 11. ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, SEGUNDO O TIPO DE ASCENDÊNCIA MISTA (COM ou SEM LUSOASCENDÊNCIA) E O USUFRUTO DA ASE, 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%).	34
GRÁFICO 12. ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, SEGUNDO O TIPO DE ASCENDÊNCIA MISTA (COM ou SEM LUSOASCENDÊNCIA) E O USUFRUTO DA ASE, 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%).	35
GRÁFICO 13. ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, SEGUNDO O TIPO DE ASCENDÊNCIA NACIONAL E O ESTATUTO GERACIONAL, 2019/2020 (%).	35
FIGURA 1. DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DOS ALUNOS DE ORIGEM IMIGRANTE MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO EM PORTUGAL CONTINENTAL, POR MUNICÍPIO, 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%).	36
FIGURA 2. PROPORÇÃO DOS ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO FACE AO TOTAL DE ALUNOS EM CADA MUNICÍPIO, PORTUGAL CONTINENTAL, 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%).	38
FIGURA 3. DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DOS ALUNOS DE ORIGEM IMIGRANTE POR PAÍS DE ORIGEM, 2019/2020 (%).	44





# SUMÁRIO EXECUTIVO

## **OBJETIVO**

O *Atlas dos Alunos com Origem Imigrante* tem como objetivo aprofundar o conhecimento sobre os alunos com origem na imigração, conhecendo o seu perfil sociodemográfico e a sua localização no território nacional. Analisa-se em que medida existem (des)continuidades entre as condições sociais destes alunos e as dos seus pares autóctones e, tratando-se de um grupo bastante heterogéneo, explora-se de que modo estas condições variam conforme a origem nacional, o tipo de ascendência nacional e o estatuto geracional dos alunos com origem imigrante.

## **DADOS**

A análise tem como base microdados disponibilizados pela Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC) do Ministério da Educação (MEdu) e do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (MCTES), que abrange todos os alunos inscritos nos ensinos básico e secundário das escolas da rede pública em Portugal continental. O estudo foca-se no último ano letivo disponível – 2019/2020 – e, para dar uma perspetiva mais completa da década, incluíram-se os anos letivos de 2012/2013 e de 2015/2016. No entanto, para a análise da evolução demográfica utilizam-se todos os anos letivos de 2012/2013 a 2019/2020.

## PRINCIPAIS CONCLUSÕES

### 1. OS ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE INSCRITOS NAS ESCOLAS PÚBLICAS DOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO EM PORTUGAL CONTINENTAL AUMENTARAM.

Passaram de 14% do total de alunos em 2012/2013 para 17% em 2019/2020, com um aumento, tanto absoluto (+3.336 alunos) como relativo (+3,03 p.p.). Os autóctones registaram uma redução de 169.400 alunos, passando de 84% para 81%. Os filhos de emigrantes regressados mantiveram uma presença residual, correspondente a valores entre 1% e 2%, tendo diminuído cerca de 2.900 alunos ao longo do período analisado.

### 2. A ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE DOS ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE É MAIS ELEVADA DO QUE NO CASO DOS SEUS PARES AUTÓCTONES.

Em 2019/2020, a diferença na proporção dos progenitores que tinham completado o ensino superior dos alunos com origem imigrante e dos seus colegas autóctones era de 4 p.p., um valor que reduziu face aos anos letivos precedentes (o hiato era perto 7 p.p.). No que se refere apenas à conclusão de um dos anos de escolaridade do ensino básico, a diferença também se tem reduzido, mas, no último ano em análise, os progenitores dos alunos autóctones tinham mais 10 p.p. do que os que têm origem imigrante.

### 3. OS ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE TERÃO MAIORES NECESSIDADES ECONÓMICAS DO QUE OS SEUS COLEGAS AUTÓCTONES, DADA A MAIOR PROPORÇÃO DOS QUE BENEFICIAM DA AÇÃO SOCIAL ESCOLAR (ASE).

No ano letivo de 2019/2020, os alunos com origem imigrante tinham mais 3,6 p.p. de alunos beneficiários da ASE do que os seus pares autóctones, similar à distância verificada nos anos letivos precedentes. Após um aumento dos beneficiários da ASE verificado entre 2012/2013 e 2015/2016, ocorreu uma redução generalizada em 2019/2020 da proporção de alunos beneficiários da ASE.

### 4. OS ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE NASCIDOS EM PORTUGAL E QUE TÊM UM DOS PAIS COM NATURALIDADE PORTUGUESA REPRESENTAVAM 41,7% DO TOTAL DOS ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE.

#### *Sobre o estatuto geracional*

### 5. A MAIORIA DOS ALUNOS DE ORIGEM IMIGRANTE ERAM DE SEGUNDA GERAÇÃO. CONTUDO, NOS ANOS MAIS RECENTES, DESDE 2016/2017, AUMENTOU A PRESENÇA (ABSOLUTA E RELATIVA) DOS ALUNOS DE PRIMEIRA GERAÇÃO.

Os alunos de primeira geração passaram a representar 39,7% em 2019/2020, correspondente a 57.637 alunos (mais 7.155 face a 2012/2013). Por sua vez, os alunos de segunda geração diminuíram de 102.574 em 2012/2013 para 87.517 em 2019/2020. O aumento da primeira geração acompanha a recente retoma da imigração, particularmente a partir de 2015, após o período de crise financeira e austeritária.

### 6. OS ALUNOS DE PRIMEIRA E DE SEGUNDA GERAÇÃO APRESENTAVAM, EM 2019/2020, NÍVEIS DE ESCOLARIDADE FAMILIAR SIMILARES, DEIXANDO DE SE OBSERVAR A VANTAGEM DE QUALIFICAÇÕES DOS PROGENITORES DOS ALUNOS DE SEGUNDA GERAÇÃO.

A similitude dos níveis de escolaridade familiar deveu-se, sobretudo, à melhoria expressiva da escolaridade dos pais dos alunos de primeira geração.

- 7.** EM 2019/2020, OS ALUNOS DE **PRIMEIRA GERAÇÃO TINHAM PROPORCIONALMENTE MENOS BENEFICIÁRIOS DA ASE** DO QUE OS DE SEGUNDA GERAÇÃO, INVERTENDO A TENDÊNCIA REGISTADA NOS ANOS LETIVOS PRECEDENTES.

A proporção dos alunos de primeira geração que receberam este apoio económico foi de 29,2% e no caso da segunda geração de 34,9%. Destaca-se a diminuição significativa da proporção de alunos de origem imigrante de primeira geração beneficiários da ASE, passando de 48,2% em 2012/2013 para 29,2% em 2019/2020.

*Sobre o tipo de ascendência nacional*

- 8.** A **MAIORIA** DOS ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE TINHA **ASCENDÊNCIA NACIONAL MISTA** (VARIA ENTRE 58% E 63%) E, DESTES, CERCA DE **90% TINHA LUSOASCENDÊNCIA**.

Os alunos com ascendência nacional única variam entre 37% e 42% e, entre os alunos com ascendência nacional mista, os alunos com lusoascendência aumentaram progressivamente de 89,5% e 91,4%, ao longo do período em análise.

- 9.** OS ALUNOS COM **ASCENDÊNCIA NACIONAL MISTA** VIVIAM EM FAMÍLIAS COM **NÍVEIS DE ESCOLARIDADE MAIS ELEVADOS** DO QUE OS SEUS PARES COM ASCENDÊNCIA NACIONAL ÚNICA.

Entre os dois grupos, existia uma diferença de 8,5 p.p. em 2019/2020, relativamente aos progenitores que completaram o ensino superior, tendo-se reduzido em relação à verificada nos anos letivos precedentes. Além da escolaridade familiar dominante dos alunos com ascendência nacional mista ser superior à daqueles que tinham ascendência nacional única, também era mais elevada em relação aos seus colegas autóctones.

- 10.** OS ALUNOS COM **ASCENDÊNCIA NACIONAL MISTA** TINHAM UMA **MENOR PROPORÇÃO DE BENEFICIÁRIOS DA ASE** DO QUE OS SEUS PARES COM ASCENDÊNCIA NACIONAL ÚNICA.

Embora, ao longo do período em análise, os alunos com ascendência nacional única apresentassem uma maior proporção de beneficiários da ASE, estes registaram uma diminuição expressiva, de 52,2% em 2012/2013 para 35,0% em 2019/2020, aproximando-se, assim, dos seus pares com ascendência nacional mista (31,1%).

- 11.** OS **ALUNOS COM LUSOASCENDÊNCIA** TINHAM PROGENITORES COM **NÍVEIS DE ESCOLARIDADE FAMILIAR INFERIORES** AOS DOS SEUS COLEGAS DE ASCENDÊNCIA NACIONAL MISTA SEM LUSOASCENDÊNCIA.

Em termos de escolaridade familiar dominante, importa referir que os alunos com e sem lusoascendência apresentavam níveis de escolaridade familiar próximos, embora os pais dos alunos sem lusoascendência estivessem numa situação de vantagem. Além disso, a diferença entre os grupos, no que diz respeito à proporção de alunos cujas famílias completaram graus do ensino superior, aumentou, passando de 2 p.p. em 2012/2013 para 4,1 p.p. em 2019/2020.

- 12.** OS **ALUNOS COM LUSOASCENDÊNCIA** TINHAM UMA **MENOR PROPORÇÃO DE BENEFICIÁRIOS DA ASE** DO QUE OS SEUS COLEGAS DE ORIGEM NACIONAL MISTA SEM LUSOASCENDÊNCIA.

A diferença reduziu-se ao longo do período em análise, passando de 7,3 p.p. em 2012/2013 para 3,3 p.p. em 2019/2020. Ambos os grupos registaram uma diminuição da proporção de beneficiários da ASE, mais expressiva no caso dos alunos sem lusoascendência.

*Sobre o tipo de ascendência nas diferentes gerações*

**13. A MAIORIA DOS ALUNOS DE PRIMEIRA GERAÇÃO TINHA ASCENDÊNCIA NACIONAL ÚNICA (74,3%), ENQUANTO OS ALUNOS DE SEGUNDA GERAÇÃO TINHAM PREDOMINANTEMENTE ASCENDÊNCIA NACIONAL MISTA (77,5%).**

A maioria dos alunos de segunda geração com ascendência nacional mista tinham lusoascendência (71,7%).

*Sobre a distribuição territorial*

**14. OS ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE DISTRIBUÍAM-SE, PREFERENCIALMENTE, PELOS MUNICÍPIOS DA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA, DA FAIXA LITORAL DE AVEIRO-PORTO-BRAGA, DO ALGARVE E DO ALENTEJO LITORAL.**

Em 2019/2020, o TOP5 de atração dos estudantes de origem imigrante era constituído pelos concelhos de Sintra, Lisboa, Amadora, Almada e Cascais. Refira-se, ainda, que os alunos com origem imigrante, de forma consistente, aumentaram nos concelhos de Braga e de Aveiro e diminuíram no concelho de Loures.

**15. O MUNICÍPIO DO PAÍS QUE TINHA UMA MAIOR PROPORÇÃO DE ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE, EM RELAÇÃO AO NÚMERO TOTAL DE ALUNOS DO RESPECTIVO MUNICÍPIO, É LOULÉ.**

No ano letivo de 2019/2020, os municípios em que existia maior peso dos alunos com origem imigrante, a seguir a Loulé, eram Vila do Bispo, Aljezur, Loures e Seixal.

*As diferentes origens nacionais*

Foram identificadas 88 origens nacionais que recobrem Estados de todos os continentes. Foram selecionadas para análise detalhada as que tinham, em 2019/2020, um efetivo superior a 1.000 alunos inscritos, correspondendo a 18 origens nacionais, que representam cerca de 86% do total de alunos com origem imigrante. Da análise do conjunto destas origens, destaca-se o seguinte:

**16. AS ORIGENS NACIONAIS MAIS REPRESENTADAS ERAM A BRASILEIRA, A ANGOLANA, A FRANCESA E A CABO-VERDIANA (REPRESENTANDO UM TOTAL DE 58%).**

Os 18 países de origem mais representados eram: Brasil (28,6%), Angola (13,9%), França (9,5%), Cabo Verde (6,3%), Moçambique (4,0%), Ucrânia (3,6%), Guiné-Bissau (3,2%), Roménia (2,5%), Venezuela (2,4%), São Tomé e Príncipe (2,4%), Alemanha (2,3%), Moldávia (1,7%), China (1,4%), Espanha (1,1%), Índia (0,8%), Reino Unido (0,8%), África do Sul (0,7%) e Nepal (0,7%).

**17. AS ORIGENS NACIONAIS QUE REGISTRARAM UM MAIOR CRESCIMENTO FORAM A NEPALESA (+1214%), A BRASILEIRA (+119%), A INDIANA (+76,6%) E A VENEZUELANA (+61,1%).**

Os alunos das origens ucraniana, chinesa, espanhola e sul-africana também aumentaram, embora com menos expressão. No sentido inverso, com uma diminuição do número de alunos estão as restantes origens, destacando-se a maioria das origens dos PALOP: a moçambicana (-40,7%), a cabo-verdiana (-27,4%), a angolana (-25,8%) e a guineense (-24,8%).

**18. NA GRANDE MAIORIA DAS ORIGENS NACIONAIS EXISTIA UM PREDOMÍNIO DE ALUNOS DE SEGUNDA GERAÇÃO, SENDO EXCEÇÃO O CASO DOS ALUNOS COM ORIGEM BRASILEIRA, INDIANA E NEPALESA. NA ORIGEM GUINEENSE E NA CHINESA EXISTIA UMA DISTRIBUIÇÃO EQUILIBRADA DOS ALUNOS PELAS DUAS GERAÇÕES.**

Face a 2012/2013, as origens nacionais que registaram um maior aumento da segunda geração foram a romena, a moldava e a ucraniana. O aumento da primeira geração foi mais expressivo nas origens venezuelana e indiana, embora no caso da origem venezuelana permaneça uma maioria de segunda geração. No caso nepalês o aumento não foi expressivo porque o número de alunos de primeira geração sempre foi elevado.

**19. A MAIORIA DOS ALUNOS DE ORIGEM FRANCESA (90,2%), ALEMÃ (89,6%), SUL-AFRICANA (89,5%), MOÇAMBICANA (84,4%), ESPANHOLA (82,0%), VENEZUELANA (61,6%), BRITÂNICA (61,3%) E ANGOLANA (61,6%) TINHA ASCENDÊNCIA NACIONAL MISTA COM LUSOASCENDÊNCIA.**

Por sua vez, as origens nacionais em que a maioria dos alunos tinha ascendência nacional única eram a chinesa (77,7%), a nepalesa (75%), a indiana (69,3%) a moldava (67,5%), a ucraniana (65,9%), a romena (61,4%), a guineense (55,8%), a brasileira (53,5%) e a santomense (50,3%). A origem cabo-verdiana destacava-se por ter uma distribuição mais equilibrada em termos de ascendência nacional única e mista (lusoascendência), respetivamente: 47,1% e 40,7%.

**20. OS ALUNOS COM PROGENITORES QUE ATINGIRAM NÍVEIS DE ESCOLARIDADE MAIS ELEVADOS (ENSINO SUPERIOR É PREDOMINANTE FACE AOS RESTANTES NÍVEIS DE ESCOLARIDADE) ERAM DAS SEGUINTE ORIGENS NACIONAIS: ALEMÃ, ANGOLANA, BRITÂNICA, ESPANHOLA, FRANCESA, MOÇAMBICANA, MOLDAVA, SUL-AFRICANA, UCRANIANA E VENEZUELANA.**

Por sua vez, as origens cabo-verdiana, guineense, santomense e chinesa são marcadas por um background familiar menos escolarizado, predominando, no máximo, a conclusão de anos de escolaridade do ensino básico. Existe ainda um conjunto de origens marcadas por uma escolaridade familiar intermédia, em que é mais expressiva a proporção dos que atingiram o ensino secundário, são a romena, a brasileira, a indiana e a nepalesa. Entre 2012/2013 e 2019/2020, todas as origens nacionais registaram uma melhoria da escolaridade familiar, com exceção da moldava (que apresentou valores similares), sendo que as origens nacionais que registaram uma melhoria mais expressiva da escolaridade familiar dominante, com um aumento mais expressivo da proporção de progenitores que completaram o ensino superior, foram, por ordem decrescente: a venezuelana, a francesa, a espanhola, a alemã, a sul-africana e a brasileira.

**21. AS ORIGENS NACIONAIS QUE APRESENTAVAM UMA MAIOR PROPORÇÃO DE ALUNOS BENEFICIÁRIOS DA ASE ERAM A SANTOMENSE (59,0%), A CABO-VERDIANA (54,0%) E A GUINEENSE (51,7%).**

Em contrapartida, as origens nacionais com menor proporção de beneficiários da ASE eram a britânica (18,2%), a alemã (19,7%), a sul-africana (20,5%), a moçambicana (21,7%) e a francesa (23,0%). As origens brasileira e nepalesa têm uma proporção de beneficiários da ASE próxima da dos autóctones (29,9%). Face a 2012/2013, a maioria dos alunos das diferentes origens nacionais registaram uma redução de beneficiários deste apoio económico, com exceção dos alunos das origens venezuelana e chinesa, que registaram um aumento. Aqueles em que ocorreu uma diminuição mais expressiva foram os de origem nepalesa, moldava e brasileira (entre menos 13,5 p.p. e 21 p.p.).

**22. AS 18 ORIGENS NACIONAIS DISTRIBUÍAM-SE DE FORMAS DIFERENTES PELO TERRITÓRIO NACIONAL.**

Os alunos com origem brasileira, francesa, angolana, moçambicana, chinesa e alemã tinham uma distribuição mais dispersa, estando presentes em vários municípios no território nacional. Contrariamente, as origens nepalesa, indiana, guineense, santomense e venezuelana estavam concentradas em poucos municípios. Por exemplo, 45% dos alunos

de origem nepalesa estavam no concelho de Lisboa, 30% da origem venezuelana estava no distrito de Aveiro e os alunos de origem dos PALOP estavam concentrados nos concelhos da Área Metropolitana de Lisboa. Complementarmente, as restantes (espanhola, romena e ucraniana sul-africana, britânica, cabo-verdiana e moldava) revelavam uma dispersão intermédia. Os concelhos em que existia maior concentração dos alunos das diferentes origens nacionais são Lisboa, Sintra, Cascais, Amadora, Loures, Loulé, Almada e Seixal.

# CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

---

O presente estudo pretende esclarecer *quem são e onde estão* os alunos com origem imigrante que frequentam os estabelecimentos públicos dos ensinos básico e secundário em Portugal continental. O objetivo é aprofundar o conhecimento sobre os alunos com origem na imigração, conhecendo o seu perfil sociodemográfico e a sua localização no território nacional. Analisa-se em que medida existem (des)continuidades entre as condições sociais destes alunos e as dos seus pares autóctones e, tratando-se de um grupo bastante heterogéneo, explora-se de que modo estas mesmas condições variam conforme a origem nacional, o tipo de ascendência e o estatuto geracional dos alunos com origem imigrante. Numa primeira fase, aprofunda-se a análise acerca destes alunos independentemente da origem nacional específica e, numa segunda fase, é analisada cada uma das origens nacionais mais representadas nas escolas portuguesas, aplicando os mesmos procedimentos analíticos adotados para o conjunto dos descendentes de imigrantes.

A análise tem como base microdados disponibilizados pela Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC) do Ministério da Educação (MEdu) e do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (MCTES), que abrange todos os alunos inscritos nos ensinos básico e secundário em Portugal continental. O estudo foca-se ano letivo de 2019/2020 e, para dar uma perspetiva mais completa da década, incluíram-se os anos letivos de 2015/2016 e 2012/2013.<sup>1</sup> No entanto, para a análise da evolução demográfica utilizam-se todos os anos letivos de 2012/2013 a 2019/2020.

O contributo inovador deste estudo prende-se com três aspetos. Primeiro, o universo abrangido pelos dados usados: a totalidade dos alunos no território de Portugal continental, proporcionando a oportunidade de realizar uma análise extensiva de âmbito nacional sobre a presença dos alunos com origem imigrante. Na literatura sociológica, os estudos centram-se tendencialmente em unidades territoriais mais pequenas, como a Área Metropolitana de Lisboa. Segundo aspeto, os dados disponibilizados abrangem quase uma década, entre os anos letivos de 2012/2013 e 2019/2020, permitindo uma análise evolutiva. Terceiro, a desconstrução analítica da categoria origem imigrante, através de novos recortes categoriais, permitiu avançar no estudo da heterogeneidade migrante e

---

<sup>1</sup> Optou-se por utilizar 2012/2013 como ano inicial da série porque este é o primeiro ano na década em que os dados apresentam valores omissos mais reduzidos, constituindo-se o ano mais fiável a utilizar para dar conta dos anos iniciais da década.

desocultar diferenças e variações ainda desconhecidas entre alunos com origem imigrante e intra origens nacionais, em termos de presença no sistema educativo português e das condições sociais das suas famílias, considerando a escolaridade familiar dominante e o eventual usufruto da ajuda económica da Ação Social Escolar (ASE).

Explicitando um pouco mais, o estudo tem os seguintes objetivos:

1. Analisar a evolução demográfica dos alunos no sistema educativo português, segmentando os que têm origem imigrante, os que são filhos de emigrantes regressados e os que são autóctones;<sup>2</sup>
2. Conhecer as condições sociais dos alunos de cada um dos subgrupos - origem imigrante; filhos de emigrantes regressados; autóctones - comparando-as entre si.
3. Mapear a distribuição dos alunos com origem imigrante por município, de modo a identificar onde estão estes estudantes no território nacional.
4. Aprofundar a caracterização dos alunos com origem imigrante, analisando e comparando as subcategorias referentes ao estatuto geracional (primeira ou segunda geração) e ao tipo de ascendência (única ou mista), com destaque para os alunos com lusoascendência.
5. Analisar, de entre o conjunto dos alunos com origem imigrante, o perfil sociodemográfico e a localização territorial de cada uma das origens nacionais mais representadas nas escolas portuguesas.

Em suma, pretende-se tornar disponível um atlas do perfil sociodemográfico dos alunos com origem imigrante nos ensinos básico e secundário português, de forma a dar a conhecer a heterogeneidade presente, tanto ao nível das diferentes origens nacionais, das diferenças de estatuto geracional, do tipo de ascendência, como das suas condições sociais, nunca perdendo de vista a comparação destas com as dos seus pares autóctones.

O Atlas está estruturado em quatro capítulos. O primeiro discerne considerações em torno das categorias de análise basilares ao estudo aqui desenvolvido. O segundo apresenta os dados utilizados, assim como as opções metodológicas tomadas e as variáveis criadas. O terceiro capítulo apresenta uma comparação entre alunos com origem imigrante e autóctones em termos de condições sociais, explorando a heterogeneidade dos primeiros através de comparações intragrupo e dando a conhecer a sua distribuição pelo território nacional. O quarto capítulo foca-se, primeiramente, na análise das diferentes origens nacionais presentes nas escolas e, secundamente, apresenta uma análise comparativa das 18 origens mais representadas. Posteriormente, no último capítulo, é realizada uma análise detalhada dos alunos de cada uma das 18 origens através da apresentação de fichas por origem nacional.

---

<sup>2</sup> Trata-se de uma categoria que surgiu na exploração dos dados e será definida no *Capítulo 2. Dados e Opções Metodológicas*.



## CAPÍTULO 1

---

# CONSIDERAÇÕES EM TORNO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE



## CAPÍTULO 1. CONSIDERAÇÕES EM TORNO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Caracterizar a presença dos alunos com origem imigrante implica definir quem são estes alunos, explicitando quais são os critérios de categorização e de classificação subjacentes. Geralmente, a categoria alunos com origem imigrante diz respeito aos alunos que têm naturalidade estrangeira ou que têm pelo menos um dos progenitores com naturalidade estrangeira, embora se encontrem pequenas diferenças de conceptualização, dependendo dos objetivos de cada estudo, da sua população-alvo e, no caso dos estudos que recorrem a dados secundários, das variáveis disponíveis. Neste quadro, na produção de conhecimento sobre os alunos com origem imigrante permanece alguma heterogeneidade de critérios de classificação e, conseqüentemente, de definição deste grupo. É mais comum a definição através da naturalidade dos progenitores ou do aluno, mas alguns estudos incluem como critério de classificação a nacionalidade (ver, por exemplo, Pires, 2009 e Justino e Santos, 2017). No que se refere à naturalidade, pode considerar-se apenas a do aluno, apenas a dos progenitores (exigindo que sejam ambos ou somente um natural de um país estrangeiro) ou o conjunto das naturalidades da tríade (o aluno e cada um dos progenitores).

Em Portugal, nos dados estatísticos oficiais, produzidos e divulgados anualmente pela Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC), é identificada apenas a nacionalidade do aluno, enquanto na produção científica predomina o recurso à naturalidade do aluno e/ou dos seus progenitores.<sup>3</sup> Em ambos os casos, trata-se de alunos com origem na imigração, mas, no primeiro caso, o recorte permite distinguir os alunos estrangeiros dos alunos nacionais enquanto, no segundo, se incluem os que, tendo nacionalidade portuguesa, têm ascendentes diretos nascidos fora de Portugal, o que acontece com grande parte dos estudantes comumente designados por segunda geração de imigrantes.<sup>4</sup>

Considerar a naturalidade do aluno e dos progenitores, em vez da nacionalidade do aluno (o mais comumente usado), é sociologicamente mais relevante, pois remete para referenciais de vida do aluno e dos seus progenitores, permite apreender diferenciações internas importantes, e não se reduz à fixação do atributo de um estatuto jurídico. O caráter redutor do uso da nacionalidade

---

<sup>3</sup> Ver, respetivamente, as publicações do Perfil do Aluno lançadas anualmente pela DGEEC e, como exemplo da produção científica nacional e estrangeira, os textos de Seabra *et al.* (2014); Seabra, Carvalho e Ávila (2019); Firmino *et al.* (2020); e Portes e Rumbaut (2005).

<sup>4</sup> A utilização das categorias referente ao estatuto geracional não é consensual devido aos problemas que podem emergir da sua utilização, nomeadamente o risco de exterioridade, por continuidade genealógica associada, principalmente, à categoria segunda geração. Esta pode ainda implicar não-pertença, assumindo que somente o sedentarismo multigeracional num determinado território tornaria uma pessoa num verdadeiro cidadão, levantando também questões de ordem identitária (ver Cândido e Seabra, 2023 e Mateus, 2013 para um melhor aprofundamento destes problemas). Optou-se pela utilização no presente estudo da terminologia de primeira geração e segunda geração, uma vez que é a habitualmente utilizada em estudos internacionais acerca desta temática, além do seu contributo em termos analíticos. Refira-se que a sua utilização cumpre somente o papel de categorias analíticas para aprofundar a realidade migratória no sistema educativo português. Como veremos, o simples discernimento da primeira e da segunda geração de alunos no sistema educativo português já torna possível captar (des)continuidades em termos de condições sociais face ao total dos alunos com origem imigrante e aos alunos autóctones.

acentua-se no caso português dadas as particularidades das políticas de acesso à nacionalidade.<sup>5</sup> Ter como critério base a nacionalidade significa deixar fora da contabilização, por parte dos especialistas e técnicos, os alunos com origem imigrante que adquiriram a nacionalidade do país de acolhimento, seja por terem nascido no país, por terem adquirido ao longo do seu trajeto, ou por, no momento da imigração, já serem portadores de nacionalidade portuguesa. No caso português é uma realidade bastante expressiva: no ano letivo de 2018/2019, as estatísticas revelavam existir cerca de 6% de alunos com nacionalidade estrangeira nos ensinos básico e secundário em Portugal continental, mas, quando contabilizados os alunos em que pelo menos um dos pais tem origem imigrante, o valor mais que duplica, representando cerca de 15% (Seabra e Cândido, *no prelo*). É possível que este desfasamento aumente no futuro porque os critérios de aquisição e atribuição da nacionalidade suprarreferidos foram implementados em 2020, sendo provável que o número de alunos com nacionalidade portuguesa aumente.

Assim, em Portugal, os dados atualmente divulgados sobre os alunos com nacionalidade estrangeira sub-representam a realidade migratória nacional no sistema educativo e podem enviesar, positiva ou negativamente, a leitura que dela se faz,<sup>6</sup> contribuindo para a criação de políticas públicas que acabam por se tornar ineficientes. Neste contexto, torna-se particularmente pertinente conhecer os alunos com origem imigrante, explorando este universo da forma mais detalhada possível, através do uso de subcategorias frequentemente utilizadas na produção científica sobre a temática dos descendentes de imigrantes, cruzando-as com variáveis estruturais de ordem social. As categorias utilizadas nos exercícios analíticos têm efeitos nos resultados que se obtêm, não só na dimensão do universo, como revelado supra, mas também na avaliação que se faz da igualdade de oportunidades proporcionada pelo sistema educativo português.

Salienta-se que os dados oficiais dos sistemas educativos não se focam todos na categoria da nacionalidade. Como evidenciado no Relatório da Eurydice (2019), os critérios utilizados para identificar as crianças e jovens de origem migrante são variáveis entre os países: são mais usados como critério o país de nascimento do aluno, o estatuto de residência do aluno e a língua materna e, menos usado, o critério do país de nascimento dos progenitores. Enumeram-se alguns exemplos concretos: (i) na Finlândia e na Noruega classifica-se a população com origem migratória com base na ancestralidade, identificando a naturalidade dos progenitores e dos avós; (ii) na Alemanha, cada Lander produz as suas próprias estatísticas de educaao, operacionalizando de forma diferente a origem nacional - alguns utilizam o país de nascimento de pelo menos um dos progenitores, outros

---

5 Portugal e o país da europa com políticas de nacionalidade mais favoráveis  naturalizaao dos imigrantes, conciliando o princípio *jus soli* (critério de solo) e o princípio *jus sanguinis* (critério de consanguinidade). Recentemente a lei tornou-se mais inclusiva de acordo com o princípio *jus soli* ao introduzir as seguintes condioes: (i) a nacionalidade portuguesa e atribuída aos filhos de imigrantes nascidos em território português desde que os progenitores tenham autorizaao de residência, nao sendo necessário período mínimo de residência; e (ii) pode ser adquirida desde que os progenitores residam em território português há pelo menos um ano, independentemente do seu estatuto legal. No que respeita ao princípio *jus sanguinis*, os indivíduos com pelo menos um ascendente de nacionalidade portuguesa originária do 2o grau na linha reta podem adquirir nacionalidade portuguesa, desde que o ascendente em questao nao tenha perdido essa nacionalidade (para mais detalhes consultar a Lei Orgânica n.o/2020, 10 de novembro, nona alteraao  Lei n.o37/81).

6 Em países em que o acesso  nacionalidade e mais limitado e dificultado, centrar a análise na nacionalidade nao tem este efeito de distorao, ao ser mais sobreponível o contingente de alunos estrangeiros com os que têm origem na imigraao.

a língua falada em casa ou a principal na família (Gogolin, McMonagle e Salem, 2019); (iii) nos Países Baixos, as estatísticas educativas classificam os alunos com origem imigrante de acordo com o país de nascimento dos progenitores, atribuindo a categoria de *background* estrangeiro aos indivíduos que têm pelo menos um progenitor nascido no estrangeiro (Van Praag *et al.*, 2019); (iv) na Suécia, o critério é idêntico, mas ambos os progenitores têm de ter naturalidade estrangeira (Szulkin e Jonsson, 2007).

Dada a diversidade de modos de classificar e categorizar as populações oriundas dos movimentos migratórios e a falta de consenso na definição de algumas das categorias, importa sistematizar, com inspiração em Lessard-Philips *et al.* (2017) e nos complementos de Cândido e Seabra (2023), os principais esquemas comparativos utilizados na produção de conhecimento sobre os indivíduos com origem imigrante, assim como as categorias que, geralmente, os operacionalizam. O quadro 1 realiza uma síntese dos principais esquemas de classificação e das principais categorias empregues em cada um.

São três os principais esquemas comparativos de classificação:

1. O esquema comparativo de classificação dicotómica maioria-minoria distingue, tendencialmente, duas categorias: os autóctones (a maioria) e os de origem imigrante (a minoria). A utilização da terminologia maioria-minoria pode ser polémica por dois motivos: (i) implica uma lógica hierárquica e de subordinação, implícita de uma minoria a uma maioria; (ii) as populações com origem imigrante têm uma forte presença nalguns países, sendo que em muitas sociedades europeias o grupo maioritário está progressivamente a transformar-se numa minoria (Crul e Schneider, 2010: 1255). Ainda assim, no caso português, a população com origem imigrante representa uma minoria a nível nacional. Estas categorias dicotómicas correm o risco de reducionismo, como evidenciam Cândido e Seabra (2023), por serem marcadas pelo seu carácter *guarda-chuva*, incluindo sob o mesmo rótulo indivíduos pautados por uma diversidade de condições sociais, económicas, migratórias e étnicas, o que potencia o risco de homogeneização e o reforço de diferenças construídas, quando não controladas essas condições, ou seja, na ausência de uma abordagem estruturalista (Vietze *et al.*, 2022). No entanto, de um ponto de vista analítico, continuam a ser categorias importantes na análise das desigualdades educativas e na caracterização da diversidade cultural do sistema educativo português e, por esse motivo, serão utilizadas neste estudo, sendo posteriormente cruzadas com outras variáveis de carácter cultural, migratório, social e económico, como será explicitado no *Capítulo 2. Dados e Opções Metodológicas*.

2. O esquema comparativo de classificação geracional distingue duas, três ou, com menor frequência, mais categorias pertencentes à (ou dentro do universo da) categoria origem imigrante. A comparação geracional tipicamente utilizada categoriza duas gerações que se distinguem pela naturalidade do indivíduo com origem imigrante, tendo em comum que pelo menos um dos progenitores tem de ter naturalidade estrangeira: na categoria primeira geração são incluídos aqueles que têm naturalidade estrangeira e a categoria segunda geração compreende os nascidos no país de acolhimento. É comum a categoria primeira geração ser atribuída apenas aos indivíduos que imigraram em adultos ou que realizaram parte significativa da sua socialização na sociedade de origem e, por conseguinte, na segunda geração serem integrados os indivíduos que chegaram numa

idade precoce ao país de acolhimento. Acrescenta-se ainda que alguns estudos desdobram estas gerações, como dão conta Cândido e Seabra (2023), Mateus (2013) e Rumbaut (2006). A segmentação da primeira geração (em 1.25, 1.5 e 1.75) tem o propósito de detalhar os efeitos de diferentes intervalos de idade, como indicadores de diferentes estádios de desenvolvimento e de socialização, no processo de adaptação e integração na sociedade de acolhimento. A distinção entre geração 2.0 e geração 2.5 procura discernir os efeitos do tipo de ascendência (dos progenitores), assumindo e conciliando os resultados e conclusões que demonstram que quando um dos pais tem a naturalidade do país de acolhimento a integração<sup>7</sup> é mais favorável, nomeadamente nas trajetórias escolares e no desempenho escolar dos alunos filhos de imigrantes. Por exemplo, Szulkin e Jonsson (2007) referem que na Suécia os estudos geralmente só consideram os alunos até à geração 2.0, uma vez que descobriram que a geração 2.5 tem resultados (em termos de acesso e desempenho escolar) idênticos aos autóctones. Por último, há investigação que identifica ainda a terceira geração<sup>8</sup>, alargando o universo de estudo ou centrando-o nesta população (por exemplo, Mateus, 2013; o estudo *Immigration and Intergenerational Mobility in Metropolitan Los Angeles (IIMMLA)* (Rumbaut, Massey e Bean, 2006) e o CILS4EU (Dollman, Jacob e Kalter, 2014).

Neste estudo serão utilizadas apenas as definições genéricas de primeira e segunda geração porque a utilização de dados secundários condiciona as variáveis que podem ser utilizadas e construídas na análise. A inexistência de variáveis referentes à idade com que o aluno chegou a Portugal e à naturalidade dos avós impossibilita a criação das categorias da terceira geração e das subgerações da primeira geração.

3. Por último, o esquema comparativo entre e intra grupos permite ultrapassar alguns dos problemas e das fragilidades das categorias referidas acima. Neste âmbito, podem ser criados subgrupos de acordo com as origens nacionais, o tipo de ascendência e as condições sociais, e relacioná-las. Há uma multiplicidade de variáveis que podem ser usadas, como o sexo e a idade. Aquelas que se encontram no Quadro 1 são apenas alguns exemplos, podendo ser ainda mais desdobrados: tal como se podem identificar alunos de segunda geração de acordo com o tipo de ascendência, o mesmo pode ser feito para a primeira geração. A criação de subgrupos e o cruzamento de variáveis é crucial na desconstrução da conceção homogénea e grupismo das categorias mais genéricas, como origem imigrante, primeira e segunda geração e, inclusive, dos autóctones, revelando como o grupismo não é uma constante mas uma variável conforme as categorias empregues na análise (Brubaker, 2002). A análise sociodemográfica dos alunos com origem imigrante, empregando esquemas comparativos entre e intragrupos, é relevante para dar conta da sua heterogeneidade e conhecer melhor quem são estes alunos no sistema educativo português.

---

7 O termo 'integração' é utilizado ao longo deste texto como referência a análises que se centram nas (des)continuidades entre as condições sociais dos alunos autóctones e dos seus pares de origem imigrante, e, mais amplamente, no caso de referência a outros estudos, de comparações de resultados escolares. Assume-se que a integração passa pela igualdade de condições e resultados entre os grupos, ou por uma experiência social mais similar em termos de direitos civis, políticos e sociais.

8 Que corresponde aos casos em que os indivíduos e os progenitores nasceram no país de acolhimento e, pelo menos, um dos avós tem origem imigrante.

**QUADRO 1.** SÍNTESE DOS PRINCIPAIS ESQUEMAS DE CLASSIFICAÇÃO E DAS PRINCIPAIS CATEGORIAS EMPREGUES NO ESTUDO DAS POPULAÇÕES COM ORIGEM IMIGRANTE (ADAPTADO AOS ALUNOS)

Esquemas de classificação	Categorias	Critério de categorização
<b>Dicotomia maioria-minoria</b>	Autóctone	Aluno e progenitores nascidos no país em estudo
	Origem imigrante/descendente de imigrantes	Aluno com naturalidade do país de acolhimento ou estrangeiro e pelo menos um dos progenitores com naturalidade estrangeira
	Nacional	Aluno com cidadania do país em estudo
	Estrangeiro	Aluno com cidadania estrangeira
<b>Geracional</b>	primeira geração	Aluno com naturalidade estrangeira
	1.5	Aluno que imigra entre os 6 e os 12 anos
	segunda geração	Aluno com naturalidade do país de acolhimento com um ou dois progenitores com naturalidade estrangeira.
	2.0	Aluno com dois progenitores com naturalidade estrangeira
	2.5	Aluno com um progenitor com naturalidade estrangeira
	terceira geração	Aluno com naturalidade do país de acolhimento com ambos os progenitores nascidos no país de acolhimento e pelo menos um dos avós com naturalidade estrangeira
<b>Entre-intra grupos</b>	Neste esquema há uma multiplicidade de subcategorias que podem ser criadas. Estes são apenas alguns exemplos de classificação.	Origens nacionais (múltiplas categorias)
		Origem imigrante com tipo de ascendência
		Aluno com origem imigrante com ascendência nacional única
		Aluno com origem imigrante com ascendência nacional mista
		Tipo de ascendência com estatuto geracional
		Aluno com ascendência nacional única de segunda geração
		Aluno ascendência nacional única de primeira geração
		Aluno com ascendência nacional mista de segunda geração
		Aluno ascendência nacional mista de primeira geração





## CAPÍTULO 2

# DADOS E OPÇÕES METODOLÓGICAS

---



## CAPÍTULO 2. DADOS E OPÇÕES METODOLÓGICAS

Neste Atlas é analisada a informação estatística disponibilizada pela Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC), no âmbito do projeto *(Des)igualdades nos trajetos escolares dos descendentes de imigrantes*, coordenado por Teresa Seabra, com o objetivo de explorar a realidade dos alunos com origem imigrante, traçando um retrato da escolarização destas crianças e jovens ao longo da segunda década do século XXI em Portugal. Este beneficia do protocolo entre o Observatório das Desigualdades, enquadrado no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Iscte-Instituto Universitário de Lisboa (CIES-Iscte), e a DGEEC, que possibilitou o acesso a microdados referentes a cada aluno no sistema educativo, público e privado, do primeiro ciclo do ensino básico ao ensino secundário, em Portugal continental. Os microdados foram devidamente anonimizados, garantindo a completa proteção de informação pessoal dos alunos em análise. Foram facultadas bases de dados anuais, do ano letivo 2012/2013 até ao ano letivo 2019/2020, com informação relativa às seguintes variáveis: sexo, idade, naturalidade, nacionalidade, escola, turma, concelho da escola, escalão da Ação Social Escolar (ASE) do aluno; profissão, situação na profissão, escolaridade, naturalidade e nacionalidade de cada um dos progenitores. A partir destas variáveis foram construídas novas variáveis compósitas, explicitadas no quadro 3.

Importa referir as condições de produção da informação disponibilizada pelas fragilidades e pelos problemas analíticos que surgiram no seu tratamento. A informação tem origem nos registos administrativos de cada escola, que resultam da informação integrada na plataforma de matrículas dos alunos e que se refere aos dados do encarregado de educação e é complementada, posteriormente, pelos diretores de turma e professores titulares. Esta informação é exportada para a plataforma de alunos, sediada nos serviços do Ministério da Educação (MEdu), pelo que não existe, efetivamente, nenhum serviço de validação interna da mesma. Neste quadro processual, é natural ocorrerem formas de preenchimento não uniformes, circunstâncias que geram campos por preencher e informação contraditória ou ambígua entre variáveis (por exemplo, o mesmo progenitor colocar que a sua profissão é médico e que a sua escolaridade é o ensino básico), assim como situações em que a informação disponibilizada não é passível de codificação, passando a ser considerada omissa (por exemplo, os casos em que a naturalidade dos alunos ou dos progenitores aparece indecifrável, como “CS” ou “TV”). A informação omissa concentra-se em determinadas variáveis, nomeadamente nos níveis de escolaridade atingidos pelos progenitores, e distribui-se desigualmente pelos diferentes subgrupos de estudantes analisados, tendo efeitos na leitura que é feita da realidade em análise. Por este motivo, disponibiliza-se no quadro 2 o cômputo dos dados omissos em cada variável utilizada no estudo. Neste quadro incluem-se as variáveis profissão e situação na profissão, para evidenciar o elevado volume de dados omissos que se verifica e que justifica a opção de não ter sido construída a variável classe social da família em que o aluno se insere.

**QUADRO 2** DADOS OMISSOS POR VARIÁVEL. PERCENTAGEM FACE AO TOTAL DE ALUNOS INSCRITOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, ENTRE 2012/2013 E 2019/2020.

Variáveis	2012/2013	2013/2014	2014/2015	2015/2016	2016/2017	2017/2018	2018/2019	2019/2020
Naturalidade do pai	7,3	10,5	6,4	5,2	5,0	4,9	5,9	10,1
Naturalidade da mãe	5,7	9,1	5,0	3,9	3,6	3,4	3,5	4,5
Naturalidade do aluno	3,7	6,7	4,1	3,1	3,4	3,7	12,9	10,6
Habilitações do pai	27,9	29,5	25,4	24,5	24,2	24,4	25,3	28,6
Habilitações da mãe	22,9	24,4	19,9	18,7	17,7	16,8	16,4	16,4
Situação na profissão do pai	25,9	27,8	24,1	23,6	24,0	25,1	27,3	32,1
Situação na profissão da mãe	20,2	22,0	17,9	17,1	16,7	16,8	17,4	18,5
Profissão do pai	62,9	65,0	64,1	27,4	27,4	28,1	29,6	33,9
Profissão da mãe	65,0	67,8	67,3	23,1	22,2	21,8	22,1	23,1
Total de alunos	1.159.909	1.131.673	1.103.742	1.068.951	1.060.575	1.051.248	1.044.613	1.037.263

Nota: a variável Ação Social Escolar não foi contemplada neste quadro pelo facto de não apresentar dados omissos.

FONTE: DGEEC, cálculos próprios.

Explicitam-se, agora, as variáveis utilizadas ao longo do estudo, detalhando-se as variáveis construídas a partir dos indicadores presentes nas bases de dados, sistematizadas no quadro 3.

Para identificar os alunos com origem imigrante foi necessário criar uma variável denominada estatuto migratório. Na construção desta variável, primeiramente, foram utilizados os dados referentes à naturalidade do pai e da mãe, distinguindo-se dois grupos de alunos: alunos com origem imigrante e alunos autóctones. Nos primeiros pelo menos um dos progenitores tem naturalidade estrangeira e, por sua vez, nos segundos ambos os progenitores tem naturalidade portuguesa. Num segundo momento, atendendo à existência de alunos naturais de países estrangeiros cujos pais nasceram ambos em Portugal, optou-se por criar uma terceira categoria: os filhos dos emigrantes regressados. Os alunos que pertencem a esta categoria distinguem-se dos alunos com origem imigrante na medida em que os seus pais têm ambos naturalidade portuguesa. Esta diferença parece ser suficientemente pertinente para distingui-los, pelo facto de se assumir que a socialização familiar será diferente e que as ligações culturais dos progenitores a Portugal serão *a priori* mais significativas, o que se explicaria pelo próprio regresso. Existem estudos a nível nacional que detetam estes casos e optam por integrá-los na categoria dos alunos autóctones (Seabra et al., 2014 e Mateus, 2013). No entanto, o facto de ambos os progenitores terem naturalidade portuguesa não significa que os alunos não se confrontem com obstáculos na sua adaptação à sociedade de origem dos pais,

principalmente nos casos em que as condições sociais da família são desfavorecidas, limitando o apoio escolar que é possível dar ao descendente (Suárez-Orozco e Suárez-Orozco, 2001). A falta de conhecimento sobre os alunos com estas características, principalmente em comparação com aquele que existe sobre os alunos que são integrados na categoria origem imigrante, torna recomendável trabalhá-los à parte (ou isoladamente) para salvaguardar possíveis erros na análise realizada no presente estudo, e futuramente, se explorar em maior detalhe esta categoria dos filhos de emigrantes regressados.

Importa destacar que o conjunto de alunos de origem imigrante, ao integrar alunos em que um dos progenitores nasceu em Portugal, recobre tanto os casos de pessoas que imigraram para Portugal e vieram a constituir família com alguém nascido neste país, como as situações em que a união resultou de uma situação em que a pessoa nascida em Portugal emigrou e se uniu a outra no país de origem desta, tendo posteriormente regressado. Com base na informação disponível, não podemos discernir estas situações específicas e, deste modo, optou-se por incluí-las no grupo dos alunos de origem imigrante, na medida em que um dos pais nasceu num país estrangeiro, mesmo que alguns casos configurem situações de regresso ao país de origem de um dos progenitores.

No processo de categorização da variável do estatuto migratório existiram alunos que não foi possível integrar em nenhuma das categorias e, conseqüentemente, foram eliminados da análise, nomeadamente nos casos em que a naturalidade de um dos progenitores é portuguesa, mas a naturalidade do outro é desconhecida. Esta opção foi uma forma de assegurar que não se estariam a incluir alunos com origem imigrante na categoria dos alunos autóctones. Como é possível observar no quadro 4, o valor dos casos omissos no estatuto migratório varia entre 7,3% e 12,7% entre 2012/2013 e 2019/2020, tendo sido registado o valor mais baixo em 2016/2017 (5,2%) e o mais alto em 2018/2019 (13,1%).

Com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre o conjunto de alunos de origem imigrante, foram criadas duas variáveis complementares: o estatuto geracional e o tipo de ascendência.

O estatuto geracional distingue, de entre o universo dos alunos com origem imigrante, aqueles que têm naturalidade estrangeira (primeira geração) e os que têm naturalidade portuguesa (segunda geração).<sup>9</sup> Apesar dos problemas associados ao uso da categoria segunda geração ao ter por referência pessoas/alunos que não têm qualquer experiência migratória, esta tem assumido relevância nos estudos sobre a escolarização dos alunos com origem na imigração, nomeadamente no que se refere ao desempenho escolar (ver, por exemplo, Kao e Tienda, 1995; OECD, 2019; Cruil and Mollenkopf, 2012; Cândido, 2020).<sup>10</sup> Além disso, quando procedermos à análise das origens nacionais dos alunos, o cruzamento com o estatuto geracional permitirá distinguir a imigração recente da antiga: tendencialmente, o número de alunos de primeira geração é maior nas origens nacionais com vagas de imigração mais recentes e menor nas origens nacionais de vagas mais antigas.

<sup>9</sup> Para ser elegível para a categorização de acordo com o estatuto geracional é necessário estar disponível a naturalidade do aluno, condição que nem sempre é cumprida, existindo alguns dados omissos: em 2012/2013 existem 0,4% de dados omissos nesta variável e em 2019/2020 rondam os 7,5% de casos, o que revela um acréscimo expressivo de dados omissos sobre a naturalidade do aluno.

<sup>10</sup> Na nota de rodapé 5 é evidenciada a falta de consenso que existe, assim como os motivos subjacentes, sobre a utilização desta categoria e da variável estatuto geracional.

**QUADRO 3** VARIÁVEIS CONSTRUÍDAS, CRITÉRIOS DE OPERACIONALIZAÇÃO E DEFINIÇÃO DAS CATEGORIAS.

<p><b>Estatuto migratório</b> Operacionalizada a partir da naturalidade dos progenitores e do aluno.</p>	<p><i>Origem imigrante:</i> aluno tem pelo menos um dos progenitores com naturalidade estrangeira.</p> <p><i>Filho de emigrantes regressados:</i> aluno tem naturalidade estrangeira e os progenitores têm naturalidade portuguesa.</p> <p><i>Autóctone:</i> aluno tem naturalidade portuguesa e os progenitores têm naturalidade portuguesa.</p>
<p><b>Estatuto geracional</b> Operacionalizada a partir da naturalidade dos progenitores e do aluno</p>	<p><i>Primeira geração:</i> aluno tem naturalidade estrangeira e pelo menos um dos progenitores tem naturalidade estrangeira.</p> <p><i>Segunda geração:</i> aluno tem naturalidade portuguesa e pelo menos um dos progenitores tem naturalidade estrangeira.</p>
<p><b>Tipo de ascendência nacional</b> Operacionalizada a partir da naturalidade dos progenitores</p>	<p><i>Única:</i> a naturalidade dos progenitores é igual.</p> <p><i>Mista:</i> a naturalidade dos progenitores é diferente.</p> <p>- <i>Lusoascendência:</i> um dos progenitores tem naturalidade portuguesa e o outro tem naturalidade estrangeira.</p>
<p><b>Origem nacional</b> Operacionalizada a partir da naturalidade dos progenitores Critério: preponderância da naturalidade estrangeira<sup>11</sup></p>	<p>Nesta variável foram criadas 88 categorias correspondentes às várias origens nacionais com presença nos ensinos básico e secundário em Portugal continental. Na nota de rodapé 14 são explicitados os critérios de seleção das origens nacionais e no anexo I podem ser consultadas as categorias.</p>
<p><b>Escolaridade familiar dominante</b> Operacionalizada com base na escolaridade dos progenitores Critério: preponderância da escolaridade mais elevada</p>	<p><i>Sem habilitações:</i> Nenhum dos pais tem habilitações ou um dos pais não tem habilitações e o outro tem escolaridade omissa.</p> <p><i>Ensino básico:</i> a escolaridade mais elevada de pelo menos um dos progenitores é no máximo um dos ciclos do ensino básico.</p> <p><i>Ensino secundário:</i> a escolaridade mais elevada de pelo menos um dos progenitores é no máximo o ensino secundário.</p> <p><i>Ensino superior:</i> a escolaridade mais elevada de pelo menos um dos progenitores é um dos ciclos do ensino superior.</p>
<p><b>Ação Social Escolar (ASE)</b> Operacionalizada com base no escalão de beneficiário da ASE</p>	<p><i>Beneficiário da ASE:</i> aluno com Escalão A ou Escalão B.<sup>12</sup></p> <p><i>Não beneficiário da ASE:</i> aluno sem nenhum escalão.</p>

O tipo de ascendência nacional é uma variável que pretende aprofundar a análise da origem imigrante do aluno, distinguindo os alunos que têm ascendência nacional única (os pais têm a mesma naturalidade) dos que têm ascendência nacional mista (os pais têm naturalidade diferente). Complementarmente, de entre os que têm ascendência nacional mista, separaram-se os alunos com lusoascendência (um dos pais tem naturalidade portuguesa),<sup>13</sup> atendendo aos resultados de

11 A título de exemplo, considera-se que um aluno tem origem brasileira caso: (i) a naturalidade de ambos os pais seja brasileira; (ii) a naturalidade do pai seja brasileira e a naturalidade da mãe seja portuguesa ou omissa; (iii) ou vice-versa, a naturalidade da mãe seja portuguesa e a naturalidade do pai seja portuguesa ou omissa.

12 O escalão A da Ação Social Escolar corresponde ao escalão 1 do abono de família, que tem como referência o valor anual do Indexante dos Apoios Sociais (IAS), ou seja, aos alunos cujos agregados familiares não auferiram um rendimento anual igual ou superior a 0,5xIASx14. No escalão B da ASE inserem-se os alunos dos agregados familiares cujos rendimentos anuais são superiores a 0,5xIASx14 e iguais ou inferiores a 1xIASx14. Para mais informação sobre as comparticipações previstas para cada escalão da ASE consultar o despacho n.º 7255/2018, de 31 de julho.

13 Nesta variável, os dados omissos dizem respeito aos alunos que têm algum dos progenitores sem informação referente à naturalidade, não possibilitando aferir o tipo de ascendência. Os casos omissos variam entre 4,1% em 2015/2016 e 10,4% em 2019/2020; também neste caso se regista um aumento dos casos omissos (ver Quadro 4).

pesquisas que revelam ser benéfico para o sucesso dos trajetos escolares dos alunos com origem imigrante ter um dos pais com naturalidade do país de acolhimento (Mateus, 2019, 2022; Azzolini, Schnell and Palmer, 2012).

Ainda no que diz respeito à caracterização da genealogia/ascendência dos alunos com origem imigrante, foi criada a variável origem nacional. Esta foi construída a partir da naturalidade de ambos os progenitores. Quando a ascendência é única, a naturalidade dos pais foi atribuída à origem nacional do aluno, quando mista com lusoascendência, utiliza-se o critério da preponderância da naturalidade estrangeira (por exemplo, se a naturalidade do pai é brasileira e a naturalidade da mãe é portuguesa, a origem nacional do aluno será brasileira). Quando os pais têm ambas naturalidade estrangeira com origem em países diferentes (e nenhuma delas corresponde à portuguesa), não sendo pertinente atribuir preponderância nem à naturalidade da mãe, nem à naturalidade do pai, optou-se por não atribuir origem nacional específica a estes alunos, não sendo considerados na análise quando utilizada a variável da origem nacional. No ano letivo 2019/2020, foram identificadas 88 origens nacionais diferentes, o que representa cerca de 94% do total de alunos de origem imigrante.<sup>14</sup> Destas 88 origens nacionais, 18 delas têm um contingente de, pelos menos, 1.000 estudantes (em 2019/2020) e representam cerca de 86% dos alunos com origem imigrante. Estão nesta situação as seguintes origens nacionais: a alemã, a angolana, a brasileira, a britânica, a cabo-verdiana, a chinesa, a espanhola, a francesa, a guineense, a indiana, a moçambicana, a moldava, a nepalesa, a romena, a santomense, a sul-africana, a ucraniana e a venezuelana.<sup>15</sup>

Importa referir que na análise destas origens nacionais, quando estudado o tipo de ascendência, o único grupo de origem mista analisado é o dos alunos com lusoascendência, pelas razões suprarreferidas. Complementarmente, os restantes alunos são de ascendência nacional única ou só têm informação referente à naturalidade de um dos progenitores, estando a outra omissa. Por exemplo, na origem venezuelana, 61,6% dos alunos têm lusoascendência, 30,1% têm origem nacional única (30,1%) e em 8,9% dos casos é omissa a naturalidade de um dos progenitores. Esta informação é detalhada para as 18 origens nacionais no *Capítulo 4*.

Para caracterizar as condições sociais dos alunos foram criadas duas variáveis: o usufruto do apoio da ASE e a escolaridade familiar dominante. A ASE corresponde a um conjunto de medidas e apoios financeiros que se traduzem “em apoios alimentares, transportes escolares, alojamento, auxílios económicos, prevenção de acidentes e seguro escolar” e contempla dois níveis de participação (escalão A e B).<sup>16</sup> Neste estudo optou-se por dividir entre aqueles que usufruem da ASE, juntando os dois escalões, e os que não são beneficiários. A escolaridade familiar dominante é

---

<sup>14</sup> Esta análise será detalhada no *Capítulo 4. As Diferentes Origens Nacionais*. Os 6,6% restantes correspondem às origens nacionais com uma representação tão reduzida – menos de 10 alunos - no sistema escolar português que não foram abordadas na análise das origens nacionais (2,1%), além dos casos que não foram possíveis categorizar por serem alunos com ascendência mista sem lusoascendência (4,5%).

<sup>15</sup> Na operacionalização da origem nacional há estudos que optam por criar categorias mais amplas como, por exemplo, Vietze et al. (2022), que categorizam da seguinte forma os alunos no sistema educativo alemão conforme os países de origem: Alemanha, Predominantemente de países árabes, Turquia, Europa do Leste e Europa Central e Outros; ou Almeida et al. (2021) que categorizam os alunos no sistema educativo português de acordo com a sua naturalidade em: Brasil, PALOP, EU15, Leste Europeu e Outros. Este tipo de agrupamentos oculta diferenças de condições sociais e migratórias, perfis sociodemográficos heterogéneos que importa conhecer.

<sup>16</sup> Definição retirada do glossário da DGEEC. Para mais informação sobre os escalões, ver nota de rodapé 12.

uma variável importante de caracterização das condições sociais dos alunos, principalmente porque é a variável social mais frequentemente relacionada com o desempenho escolar (Seabra, 2009). Esta variável foi construída utilizando o critério de preponderância da escolaridade mais elevada, cruzando a escolaridade de cada um dos progenitores (Seabra et al., 2014). Para além desta operação, foi ainda necessário recodificar os níveis de escolaridade em categorias mais agregadas: sem habilitações, ensino básico, ensino secundário e ensino superior.

A escolaridade familiar dominante é uma variável que apresenta bastantes dados omissos comparativamente com as restantes variáveis: 16,2% em 2012/2013 e 9,2% em 2019/2020. Embora a proporção de dados omissos tenha diminuído, o que se deverá à melhoria da qualidade da informação recolhida, o problema prende-se com a distribuição dos dados omissos por cada categoria em análise. Algumas análises comparativas podem carecer de rigor, dada a sobre-representação dos dados omissos em determinadas categorias.<sup>17</sup> Os dados omissos são prejudiciais na análise dos dados pelos enviesamentos que causam e, portanto, para além de se contemplar este aspeto nas conclusões a retirar da análise, ter-se-á o cuidado de identificar as situações em que as comparações são dúbias.

QUADRO 4. DADOS OMISSOS NAS VARIÁVEIS CONSTRUÍDAS, ENTRE 2012/2013 E 2019/2020. (%).

Variável	2012/2013	2013/2014	2014/2015	2015/2016	2016/2017	2017/2018	2018/2019	2019/2020
Estatuto migratório	7,3	10,6	6,5	5,3	5,2	5,3	13,1	12,7
Escolaridade familiar dominante	20,6			16,2				12,5
Total de alunos	1.159.909	1.131.673	1.103.742	1.068.951	1.060.575	1.051.248	1.044.613	1.037.263
Estatuto geracional	0,4	0,4	0,4	0,7	3,1	4,2	12,9	7,5
Tipo de ascendência	5,7			4,1				10,4
Total origem imigrante	153.618	133.095	139.146	138.765	139.964	140.521	144.591	156.954

FONTE: DGEEC, cálculos próprios.

De modo ilustrativo, observe-se o quadro 5, referente à escolaridade familiar por estatuto migratório e por estatuto geracional. Neste caso, os dados omissos na escolaridade familiar dominante das diferentes categorias do estatuto migratório apresentam valores relativamente diferenciados: uma

<sup>17</sup> Segundo Alisson (2002: 4-8), quando se está perante *missing completely at random* (MCAR), isto é, quando não existe nenhuma diferença sistemática nas variáveis totalmente observadas entre aquelas com dados presentes e aquelas com dados ausentes, então os dados são considerados observados aleatoriamente, não existindo problemas na análise.

proporção maior no grupo dos filhos dos emigrantes regressados, menor no caso dos autóctones, e um valor intermédio no caso dos alunos com origem imigrante. Ao longo do período em análise, a proporção de dados omissos aumentou no primeiro caso e diminuiu nos restantes. As comparações entre os alunos com origem imigrante e os autóctones serão menos equívocas, no sentido em que há uma menor margem de erro, pelo facto do valor de casos omissos ser relativamente reduzido em ambos os casos, assumindo-se que a estrutura de qualificações não mudaria muito. No entanto, comparar a escolaridade familiar dos alunos filhos dos emigrantes regressados com os alunos das outras duas categorias, assim como entre as gerações e os tipos de ascendência, dada a sobre-representação de dados omissos em certos grupos, merece um cuidado particular na sua análise e, portanto, as conclusões resultantes destas comparações carecem de robustez.<sup>18</sup>

**QUADRO 5** DADOS OMISSOS NA ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE POR ESTATUTO MIGRATÓRIO E POR ESTATUTO GERACIONAL, EM 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%).

		2012/2013	2015/2016	2019/2020
<b>Estatuto migratório</b>	Origem imigrante	18,6	14,3	14,6
	Filhos de emigrantes regressados	26,0	28,8	36,7
	Autóctones	15,6	12,9	7,4
<b>Estatuto geracional</b>	Primeira geração	36,5	32,1	26,0
	Segunda geração	9,7	7,3	5,7
<b>Tipo de ascendência</b>	Única	30,1	25,0	20,4
	Mista	7,5	6,5	6,8
	Com lusoascendência	7,1	6,2	6,7
	Sem lusoascendência	11,3	9,0	7,7

FONTE: DGEEC, cálculos próprios.

<sup>18</sup> Uma nota final sobre os dados omissos na escolaridade familiar dominante: foram feitos cruzamentos entre estes dados omissos e o apoio da ASE, segundo o estatuto migratório e geracional, não tendo estes revelado qualquer relação entre a omissão da informação e a condição social das famílias, avaliada pelo usufruto deste apoio económico.





## CAPÍTULO 3

---

# QUEM SÃO E ONDE ESTÃO OS ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE?

the  $\mathbb{R}^n$  is a linear space over  $\mathbb{R}$  with the usual addition and scalar multiplication. The inner product is defined by

$$(x, y) = x_1 y_1 + x_2 y_2 + \dots + x_n y_n \quad (1)$$

where  $x = (x_1, x_2, \dots, x_n)$  and  $y = (y_1, y_2, \dots, y_n)$  are vectors in  $\mathbb{R}^n$ . The norm of a vector  $x$  is defined by

$$\|x\| = \sqrt{(x, x)} = \sqrt{x_1^2 + x_2^2 + \dots + x_n^2} \quad (2)$$

The distance between two vectors  $x$  and  $y$  is defined by

$$d(x, y) = \|x - y\| = \sqrt{(x - y, x - y)} \quad (3)$$

The angle between two vectors  $x$  and  $y$  is defined by

$$\cos \theta = \frac{(x, y)}{\|x\| \|y\|} \quad (4)$$

The orthogonal projection of a vector  $x$  onto a vector  $y$  is defined by

$$p_y(x) = \frac{(x, y)}{(y, y)} y \quad (5)$$

The orthogonal distance from a vector  $x$  to a vector  $y$  is defined by

$$d(x, y) = \|x - p_y(x)\| \quad (6)$$

The orthogonal distance from a vector  $x$  to a subspace  $S$  is defined by

$$d(x, S) = \inf_{y \in S} \|x - y\| \quad (7)$$

The orthogonal distance from a point  $x$  to a line  $L$  is defined by

$$d(x, L) = \inf_{y \in L} \|x - y\| \quad (8)$$

The orthogonal distance from a point  $x$  to a plane  $P$  is defined by

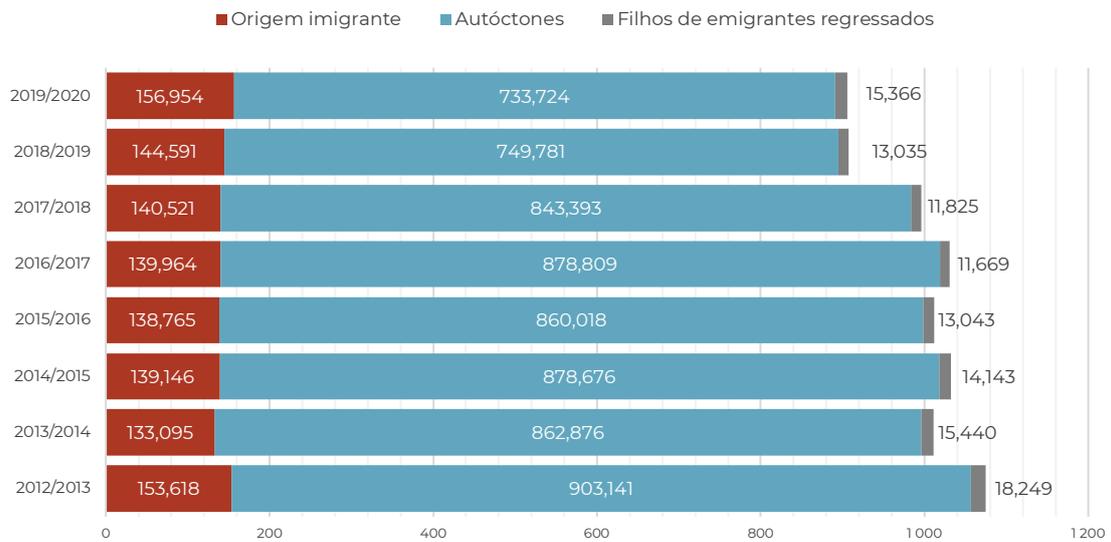
$$d(x, P) = \inf_{y \in P} \|x - y\| \quad (9)$$

### CAPÍTULO 3. QUEM SÃO E ONDE ESTÃO OS ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE?

Iniciamos esta secção pela análise dos alunos com origem imigrante, num primeiro momento, comparando entre alunos com origem imigrante, alunos filhos de emigrantes regressados e alunos autóctones e, num segundo, desagregando entre os alunos com origem imigrante, os que são de primeira e de segunda geração e, ainda, distinguindo os que têm ascendência nacional única dos que têm ascendência nacional mista (e, dentro desta, os que têm lusoascendência). Num último momento, é analisada a distribuição territorial dos alunos com origem imigrante.

#### UMA ANÁLISE COMPARATIVA SEGUNDO O ESTATUTO MIGRATÓRIO

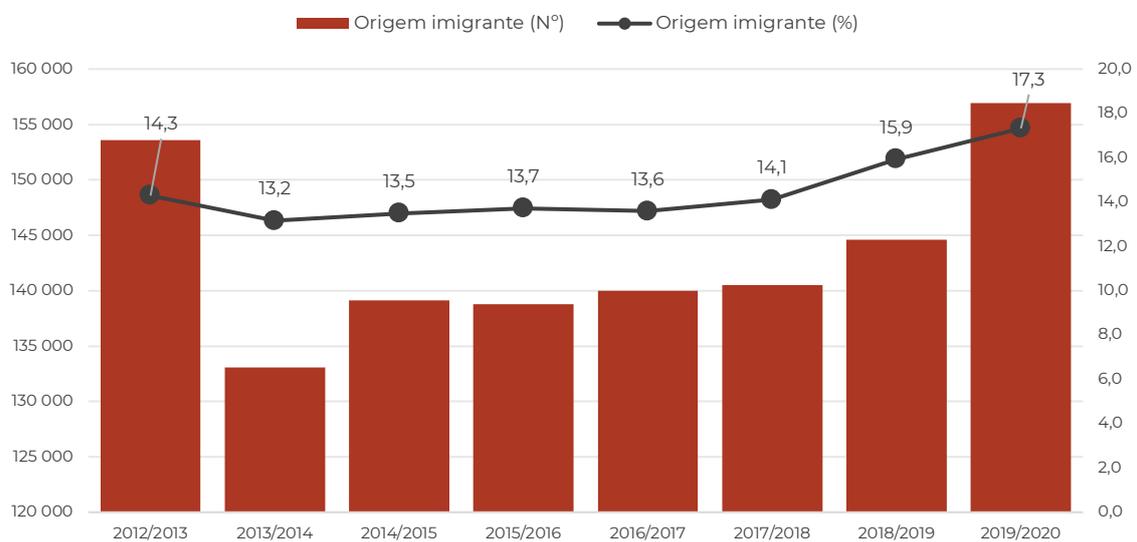
O gráfico 1 apresenta os alunos matriculados nos ensinos básico e secundário, em Portugal continental, segundo o estatuto migratório e o gráfico 2 acrescenta para cada ano letivo a proporção de alunos com origem imigrante. Entre os anos letivos de 2012/2013 e 2019/2020, esta proporção de alunos com origem imigrante variou entre 13% e 17% do total de alunos, enquanto os filhos de emigrantes regressados existem residualmente, variando entre 1% e 2%. Em consequência, os alunos autóctones representam entre 81% e 85% dos estudantes ao longo dos oito anos letivos analisados. É de notar que os alunos de origem imigrante decresceram em 2013/2014 face ao ano anterior, seguindo-se uma ligeira recuperação e estabilização a partir deste ano letivo, tendo-se verificado um crescimento acentuado no último ano em análise, no qual se atinge o valor absoluto e relativo mais elevado (159.954 e 17,3%). Em termos absolutos, verificou-se um crescimento do contingente de alunos com origem imigrante (entre o primeiro e o último ano ocorre um aumento de cerca de 3.300 estudantes) e, simultaneamente, um incremento relativo deste, sendo que tal se deve, também, à diminuição do número de alunos autóctones (entre 2012/2013 e 2019/2020 passaram a estar inscritos menos cerca de 169.400 alunos autóctones no sistema de ensino português). Relativamente aos filhos de emigrantes regressados, o número mantém-se relativamente estável, tendo, contudo, diminuído cerca de 2.900 alunos durante o período analisado.



**GRÁFICO 1.** ALUNOS MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, SEGUNDO O ESTATUTO MIGRATÓRIO, 2012/2013 A 2019/2020 (Nº).

FONTE: DGEEC, cálculos próprios

**GRÁFICO 2.** ALUNOS DE ORIGEM IMIGRANTE MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, 2012/2013 A 2019/2020 (Nº e %).



FONTE: DGEEC, cálculos próprios

Após esta visão global do período em análise, passamos a centrar-nos em alguns dos anos letivos (2012/2013, 2015/2016 e 2019/2020), procurando captar a evolução da situação dos alunos descendentes de imigrantes ao longo deste período.<sup>19</sup>

Primeiro, procura-se saber se existe alguma diferença entre os estudantes segundo o estatuto migratório no que se refere ao sexo, como o quadro 6 explicita. Constata-se que esta distribuição é relativamente semelhante em todas as categorias, sendo a diferença mais dilatada entre o sexo feminino e o sexo masculino nos alunos autóctones, que ronda os 2,5 pontos percentuais (p.p.) em todos os anos em análise, com maior preponderância dos rapazes face às raparigas, como aliás sucede, tendencialmente, em todos os estatutos migratórios.

**QUADRO 6.** ALUNOS MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, SEGUNDO O ESTATUTO MIGRATÓRIO E O SEXO, 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%).

Ano letivo	Sexo	Origem imigrante	Filhos de emigrantes regressados	Autóctones
2019/2020	Feminino	49,6	50,0	48,9
	Masculino	50,4	50,0	51,1
2015/2016	Feminino	49,7	49,0	48,8
	Masculino	50,3	51,0	51,2
2012/2013	Feminino	49,5	49,5	48,9
	Masculino	50,5	50,5	51,2

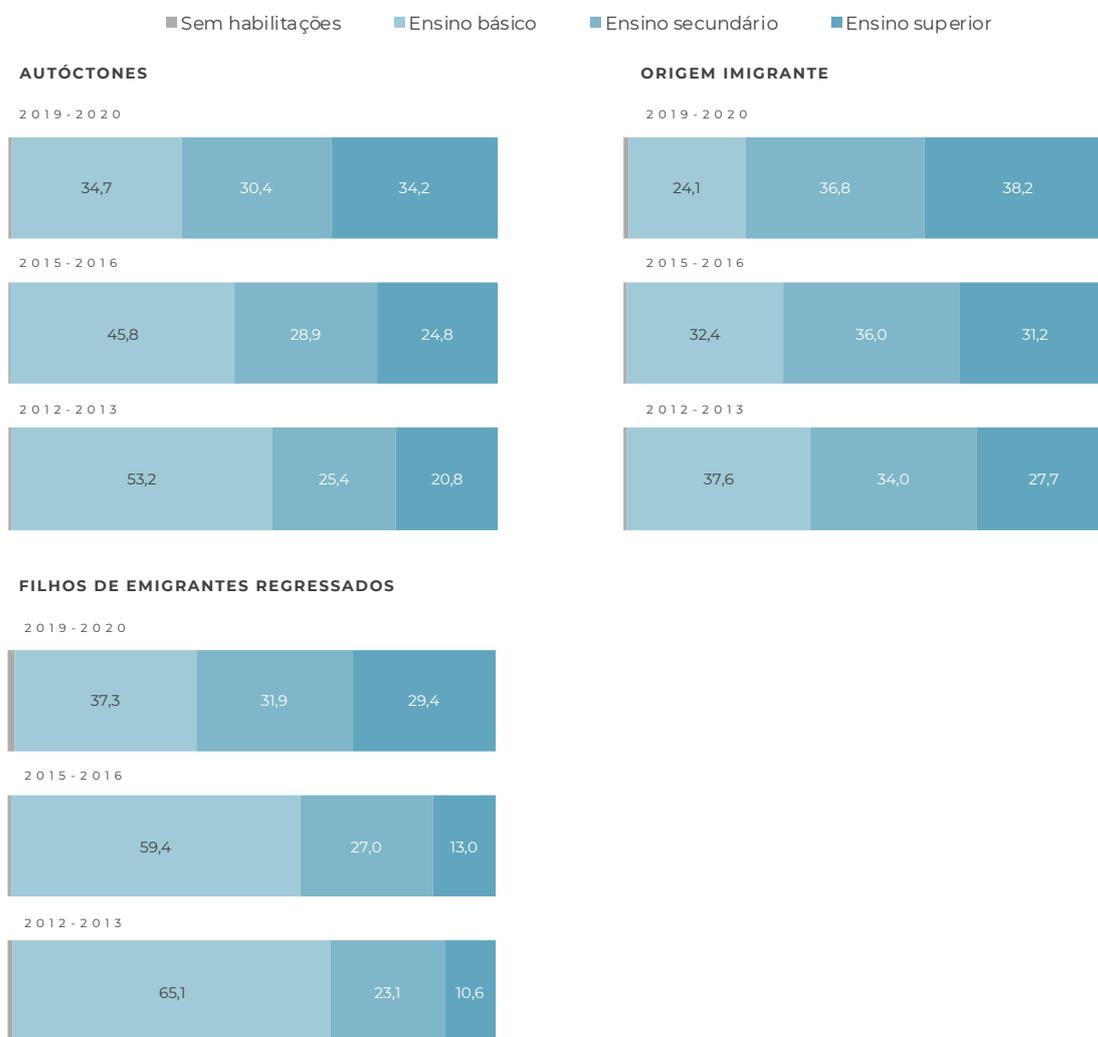
FONTE: DGEEC, cálculos próprios

Analisando as condições sociais de cada um destes grupos de alunos, tendo como indicador a escolaridade familiar dominante (gráfico 3), observar-se que: (i) as famílias dos alunos com origem imigrante têm uma escolaridade familiar superior à das famílias dos alunos autóctones, ao longo de todos os anos letivos; (ii) tanto as famílias dos alunos autóctones como daqueles com origem imigrante registaram uma melhoria dos níveis de escolaridade. Tendo por referência as famílias dos alunos que concluíram o ensino secundário ou um dos graus do ensino superior, verifica-se que em 2012/2013 os alunos com origem imigrante tinham cerca de mais 16 p.p. do que os alunos autóctones, valor que reduz para cerca de 10 p.p. em 2019/2020, indicativo de uma aproximação entre os níveis de escolaridade dos dois grupos.

A melhoria generalizada das qualificações verificada nos anos letivos mais recentes vai ao encontro do aumento de qualificações que se tem verificado na última década em Portugal, com o ensino secundário a ganhar peso em relação ao ensino básico, o ensino superior a aumentar e a população sem habilitações a diminuir progressivamente.

<sup>19</sup> A análise detalhada que se segue deste universo de alunos assumiria um conjunto de informação de enorme dimensão, sem ganhos em termos analíticos.

Importa ainda referir que, em todos os anos letivos, os filhos de emigrantes regressados correspondem claramente ao grupo cujos progenitores tinham os níveis de escolaridade mais baixos. Contudo, existe uma proporção bastante expressiva de dados omissos, por volta dos 40% no último ano letivo, o que torna a análise desta evolução e a comparação com os restantes grupos pouco fiável.

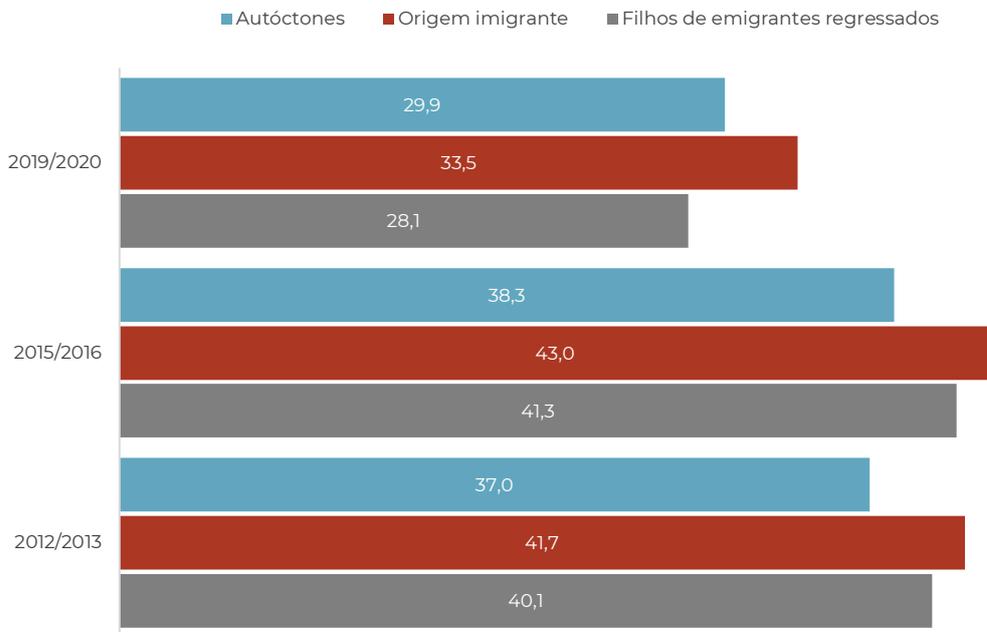


**GRÁFICO 3.** ALUNOS MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, SEGUNDO O ESTATUTO MIGRATÓRIO E A ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE, 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%).  
 FONTE: DGEEC, cálculos próprios

A análise das condições sociais em que vivem estes diferentes grupos de alunos incluiu, além da comparação entre os capitais escolares, uma medida das necessidades económicas das suas famílias, tendo por base o apoio prestado às mesmas através da ASE. O gráfico 4 reporta-se aos alunos que beneficiam deste apoio, tendo sido calculada a percentagem de alunos que beneficiam do mesmo, para cada estatuto migratório. Como se pode verificar, a proporção de alunos enquadrados por este

apoio tem vindo a diminuir ao longo dos anos em análise, embora algumas tendências se mantenham, nomeadamente a de que os alunos de origem imigrante são os que revelam mais necessidades de ordem económica. Se em 2012/2013 os filhos de emigrantes regressados surgiam como a segunda categoria de alunos com maior proporção beneficiários da ASE, em termos relativos, em 2019/2020 os alunos autóctones assumiram essa posição, passando os filhos de emigrantes regressados a serem os que, tendencialmente, recorrem menos a este apoio económico. Importa lembrar que a redução generalizada da ASE pode não significar menores necessidades económicas, uma vez que, sendo o usufruto do apoio anexado ao valor de referência Indexante dos Apoios Sociais (IAS), uma alteração deste pode excluir do acesso ao mesmo algumas das famílias anteriormente contempladas.

Por último, refira-se que a clivagem entre os alunos de origem imigrante e os alunos autóctones, no que respeita à proporção de beneficiários da ASE, diminuiu entre 2012/2013 e 2019/2020, passando de 4,7 p.p. para 3,6 p.p..



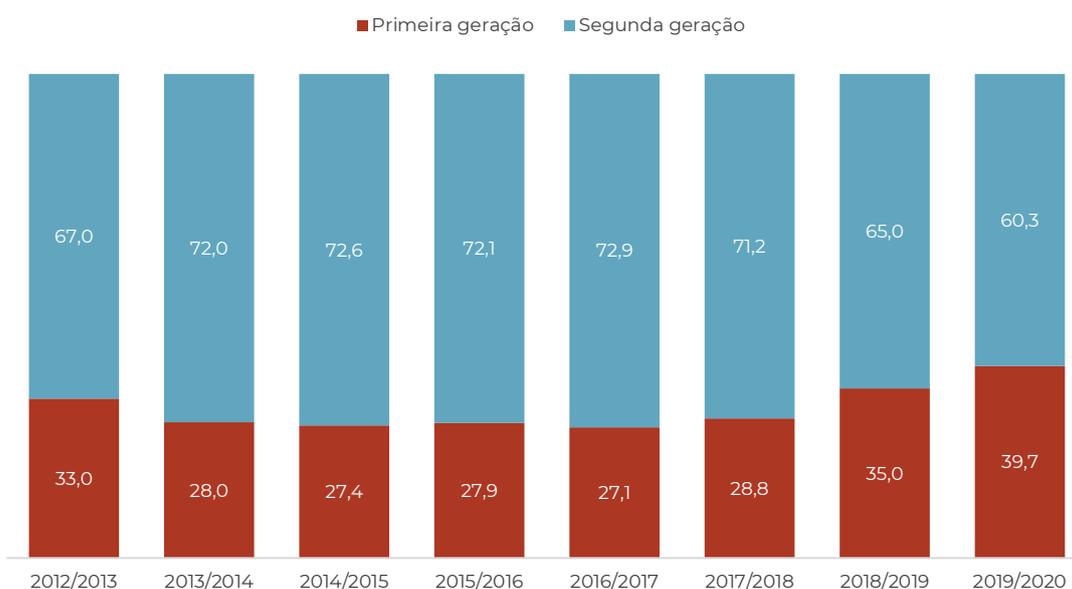
**GRÁFICO 4.** ALUNOS MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, SEGUNDO O ESTATUTO MIGRATÓRIO E O USUFRUTO DO APOIO DA AÇÃO SOCIAL ESCOLAR, 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%).

FONTE: DGEEC, cálculos próprios.

#### OS ALUNOS DE ORIGEM IMIGRANTE: ESTATUTO GERACIONAL

Separando os alunos por estatuto geracional, como ilustrado no gráfico 5, evidencia-se a existência de uma maior presença dos alunos de segunda geração, sempre superior a 60% do total de alunos de origem imigrante. No entanto, apesar de um aumento relativo da segunda geração entre os anos

letivos de 2012/2013 e 2015/2016 (mais 5,1 p.p.), no período subsequente (entre 2015/2016 e 2019/2020) registou-se uma diminuição da proporção de alunos de segunda geração, passando de 72,1% para 60,3%. Por sua vez, observa-se um aumento no último quinquénio dos alunos de primeira geração, registando-se no ano letivo de 2019/2020 o valor mais elevado: 57.637 alunos de primeira geração, face a 50.482 em 2012/2013, o que corresponde a um aumento relativo de 6,7 p.p.. Esta tendência de aumento da primeira geração acompanha a recente retoma da imigração, particularmente a partir de 2015, após o período de crise financeira e austeritária (SEF, 2022; Oliveira e Gomes, 2020).



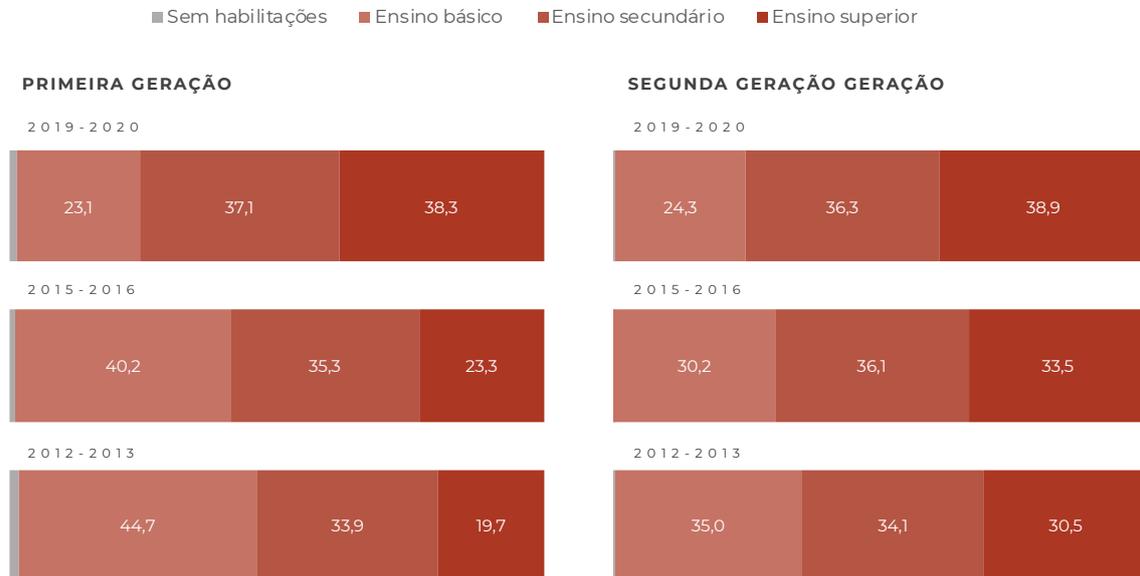
**GRÁFICO 5.** ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, SEGUNDO O ESTATUTO GERACIONAL, 2012/2013 A 2019/2020 (%).

FONTE: DGEEC, cálculos próprios.

Os estudantes de origem imigrante terão um perfil social diferenciado consoante o estatuto geracional? No que diz respeito à escolaridade familiar dominante (gráfico 6), observa-se que a diferença entre a escolaridade familiar destes dois grupos tem diminuído, observando-se distribuições dos níveis de escolaridade cada vez mais similares.<sup>20</sup> Comparando a situação entre o primeiro e o último ano letivo: (i) nos alunos de primeira geração diminuíram em 21,6 p.p. (passando de 44,7% para 23,1%) as situações com escolaridade familiar dominante correspondente ao ensino básico, e aumentou no que se refere ao ensino secundário e ensino superior, respetivamente, mais 3,2 p.p. e mais 18,6 p.p.; (ii) nos alunos de segunda geração a escolaridade familiar dominante aumentou mais 9 p.p. no ensino superior e mais 2 p.p. no ensino secundário. O aumento menos

<sup>20</sup> Note-se que a distribuição dos dados omissos entre estes dois grupos é desigual. Para mais informação sobre os dados omissos consultar o quadro 5 no *Capítulo 2. Dados e Opções Metodológicas*.

expressivo da escolaridade familiar dominante nos alunos de segunda geração foi o que contribuiu para que se aproximassem os níveis de escolaridade familiar dos grupos.



**GRÁFICO 6.** ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, SEGUNDO O ESTATUTO GERACIONAL E A ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE, 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%).

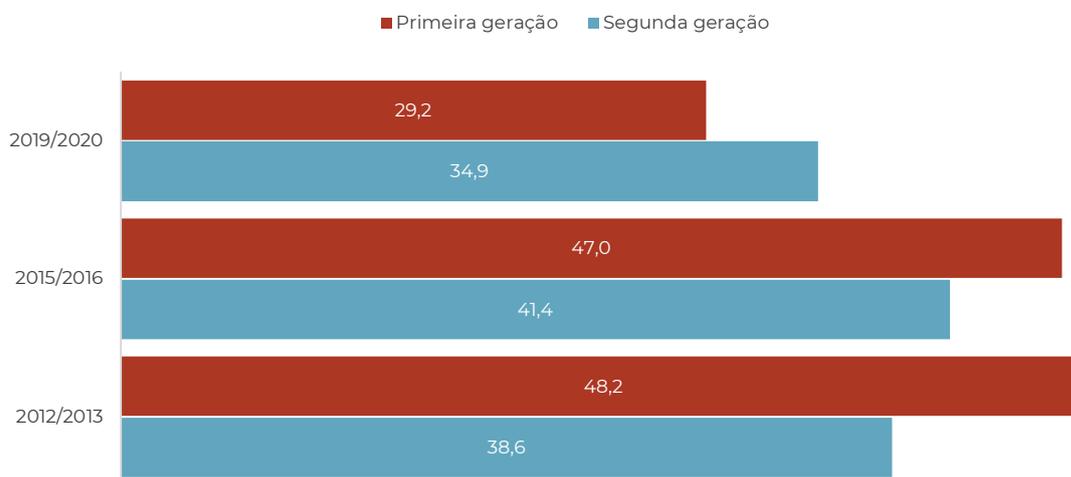
FONTE: DGEEC, cálculos próprios.

Se usarmos como indicador da condição social das famílias dos alunos de origem imigrante o apoio económico que recebem da ASE (gráfico 7), observa-se que em ambas as gerações se reduziu a proporção de beneficiários da ASE, entre os anos letivos de 2012/2013 e 2019/2020, sendo mais expressiva no caso dos de primeira geração (menos 19 p.p.) do que nos de segunda geração (menos 3,7 p.p.). Importa referir que nos anos letivos de 2012/2013 e 2015/2016, existia uma maior proporção de alunos de primeira geração beneficiários da ASE (respetivamente, mais 9,7 p.p. e 5,6 p.p. face à proporção de alunos de segunda geração), enquanto no ano mais recente a tendência se inverteu, ao serem os alunos de segunda geração que recebem este apoio social em maior proporção.

No caso dos alunos de primeira geração, constata-se que a tendência é de decréscimo ao longo dos três anos letivos: de quase metade dos alunos desta geração beneficiários da ASE em 2012/2013 (48,2%) para 29,2% em 2019/2020. Na segunda geração, há um aumento dos alunos beneficiários da ASE, de mais 2,9 p.p. entre 2012/2013 e 2015/2016, seguido de uma redução de 6,5 p.p. entre 2015/2016 e 2019/2020. O aumento verificado a meio do período em análise pode estar relacionado com a crise económica decorrente da Grande Recessão de 2013.

Note-se que, como referido previamente, a redução não significa necessariamente uma melhoria das condições económicas das famílias dos alunos, especialmente no caso dos alunos de primeira geração. Estes, dado tratar-se de alunos recém-chegados a Portugal, podem ainda não ter

reunido as condições necessárias para a candidatura ao apoio da ASE, uma vez que esta implica terem a sua situação legal regularizada, pelo menos no que diz respeito à Segurança Social, ou não terem conhecimento sobre o acesso a esta medida de apoio.



**GRÁFICO 7.** ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, SEGUNDO O ESTATUTO GERACIONAL E O USUFRUTO DA AÇÃO SOCIAL ESCOLAR, 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%).

FONTE: DGEEC, cálculos próprios.

### OS ALUNOS DE ORIGEM IMIGRANTE: TIPO DE ASCENDÊNCIA

No universo de alunos com origem imigrante é ainda possível distinguir os alunos com progenitores com a mesma nacionalidade estrangeira (ascendência nacional única) daqueles cujos progenitores têm nacionalidades diferentes (ascendência nacional mista). Como se observa no gráfico 8, a maioria dos alunos de origem imigrante têm ascendência mista, representando cerca de 60% em todos os anos letivos em análise. Um pormenor importante deste subuniverso de alunos com ascendência nacional mista é o facto de a grande maioria (cerca de 90%) ter lusoascendência, ou seja, um dos pais nasceu em Portugal, uma proporção que foi aumentando ligeiramente: 89,4% em 2012/2013, 90% em 2015/2016 e 91,4% em 2019/2020.



**GRÁFICO 8.** ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, SEGUNDO O TIPO DE ASCENDÊNCIA NACIONAL, 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%).

FONTES: DGEEC, cálculos próprios.

No que diz respeito à escolaridade familiar dominante em cada um dos tipos de ascendência verificam-se as seguintes tendências, ilustradas no gráfico 9: (i) os alunos com ascendência nacional mista vivem em famílias mais escolarizadas do que os seus pares que têm ascendência única; (ii) ambos os grupos revelam um aumento da escolaridade familiar dominante entre 2012/2013 e 2019/2020; (iii) em termos evolutivos, a escolaridade familiar dos dois grupos aproximou-se, dada a redução na clivagem respeitante à proporção de alunos cujas famílias concluíram pelo menos um dos graus do ensino superior, passando de 14,7 p.p. em 2012/2013 para 7,4 p.p. em 2019/2020.<sup>21</sup>

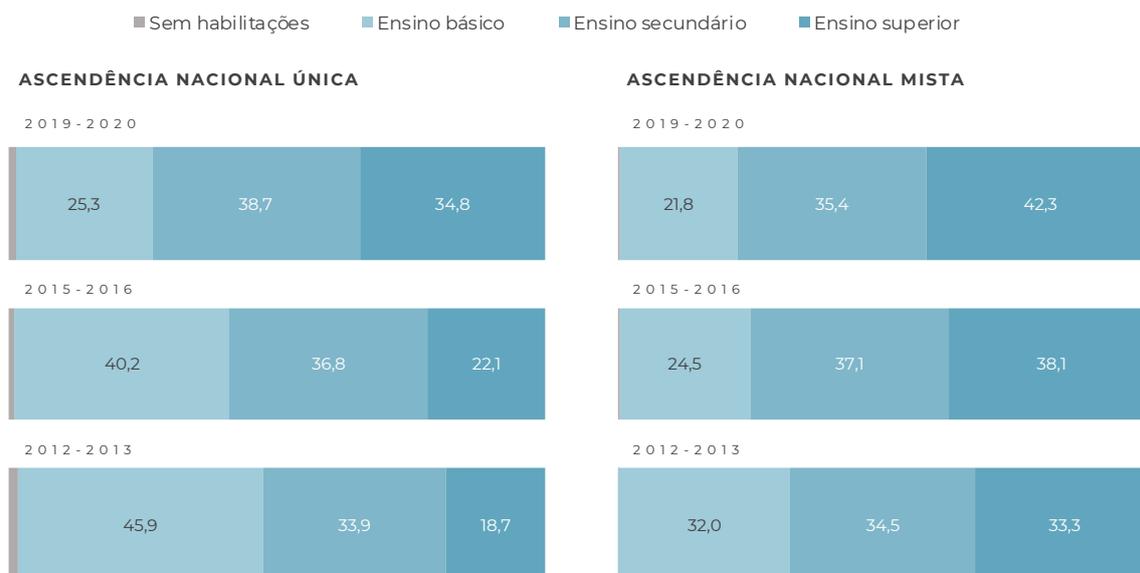
No caso dos alunos com ascendência nacional única, verifica-se que no ano letivo de 2012/2013 cerca de 46% destes alunos eram de famílias em que a escolaridade familiar dominante era o ensino básico, proporção que desce para 40,2% em 2015/2016 e, mais recentemente, para 25,3% em 2019/2020. Por sua vez, a proporção de alunos pertencentes a famílias com o ensino secundário e o ensino superior como escolaridade dominante aumenta entre 2012/2013 e 2019/2020: no primeiro passa de 33,9% para 38,7% e no segundo aumenta de 18,7% para 34,8%.

Os alunos com ascendência nacional mista pertencem a famílias mais escolarizadas que passaram também por um processo de progressivo aumento de escolarização entre 2012/2013 e 2019/2020: (i) a diminuição da proporção de alunos de famílias com ensino básico (menos 10 p.p. entre 2012/2013 e 2019/2020); (ii) o aumento de famílias com o ensino secundário (mais 1 p.p. entre 2012/2013 e 2019/2020); (iii) por último, o aumento de cerca de 10 p.p. dos alunos com escolaridade familiar dominante correspondente ao ensino superior.

Por último, importa destacar que a escolaridade familiar dominante no grupo dos alunos com ascendência nacional mista é superior tanto em relação à dos seus pares de origem imigrante, como

<sup>21</sup> Note-se que a distribuição dos dados omissos entre estes dois grupos é desigual. Para mais informação sobre os dados omissos consultar o quadro 5 no *Capítulo 2. Dados e Opções Metodológicas*.

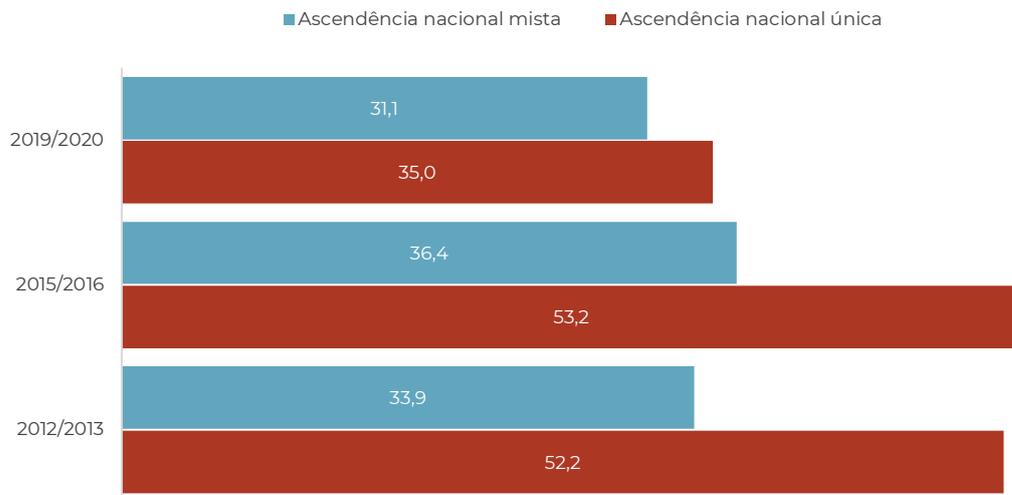
à das famílias dos seus colegas autóctones. Assim sendo, os alunos com ascendência mista parecem encontrar-se numa posição de vantagem social comparativamente com os restantes alunos, considerando a centralidade da escolaridade familiar na explicação das diferenças de desempenho escolar, assim como as vantagens da existência de progenitores naturais de diferentes países no desempenho escolar (Mateus, 2019, 2022; Azzolini, Schnell and Palmer, 2012).



**GRÁFICO 9.** ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, SEGUNDO TIPO DE ASCENDÊNCIA NACIONAL E A ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE, 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%).

FONTE: DGEEC, cálculos próprios.

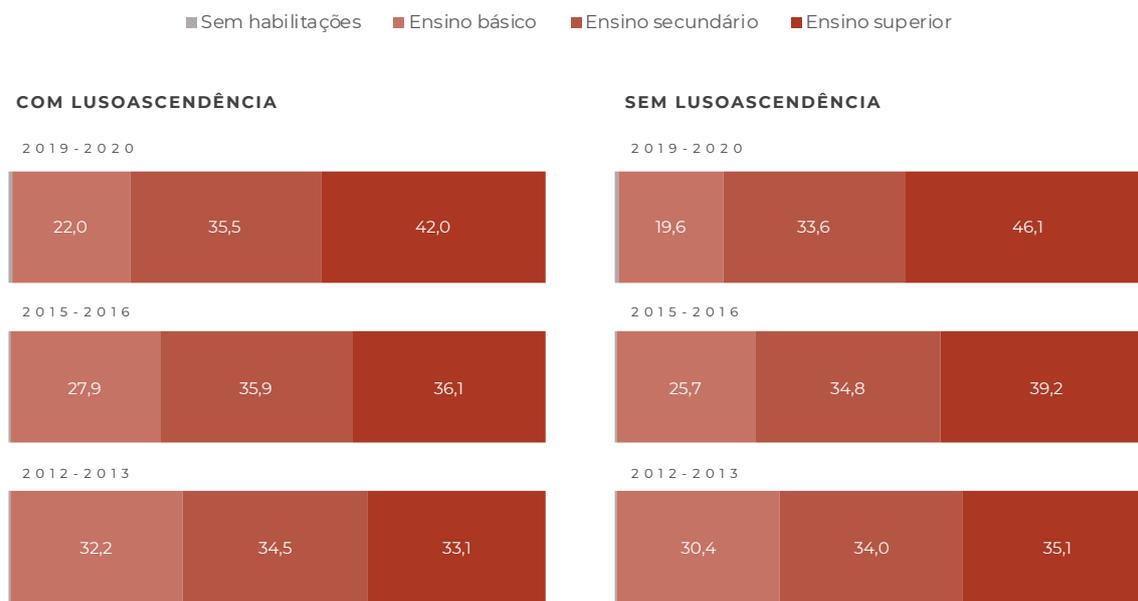
O gráfico 10 corresponde aos alunos com origem imigrante por tipo de ascendência e segundo o apoio que recebem da ASE. Constatou-se que: (i) tanto nos alunos com ascendência nacional única como nos alunos de ascendência nacional mista se reduz a proporção de beneficiários da ASE, de forma mais expressiva no caso dos primeiros (menos 17,2 p.p. e menos 2,8 p.p.); (ii) a clivagem entre os dois grupos se reduziu de forma considerável no período temporal em análise: passou de 18,3 p.p. em 2012/2013 para 3,9 p.p. em 2019/2020. A maior redução de beneficiários da ASE no caso dos alunos com ascendência nacional única poderá estar relacionada com o facto de, neste caso, estarmos a falar de famílias recém-chegadas, onde se encontram os alunos de primeira geração, como veremos adiante no gráfico 13.



**GRÁFICO 10.** ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, SEGUNDO O TIPO DE ASCENDÊNCIA NACIONAL E O USUFRUTO DA ASE, 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%).

FONTE: DGEEC, cálculos próprios.

Os alunos *com* lusoascendência (cerca de 90% dos que têm ascendência nacional mista) vivem em famílias um pouco menos escolarizadas do que os colegas cujos progenitores têm nacionalidades estrangeiras diferentes, como o gráfico 11 ilustra. Comparando a evolução entre os anos letivos de 2012/2013 e 2019/2020, no que se refere às situações em que as famílias completaram graus do ensino superior, no caso dos alunos *com* lusoascendência existiu um aumento de cerca de 8,9 p.p., enquanto nos estudantes *sem* lusoascendência o aumento foi de cerca de 11 p.p.. Em termos comparativos, complementarmente, importa referir que, embora com níveis de escolaridade familiar similares, houve um aumento ligeiro da clivagem entre os grupos: a diferença na proporção de alunos cujas famílias completaram graus do ensino superior passou de 2 p.p. em 2012/2013 para 4,1 p.p. em 2019/2020.

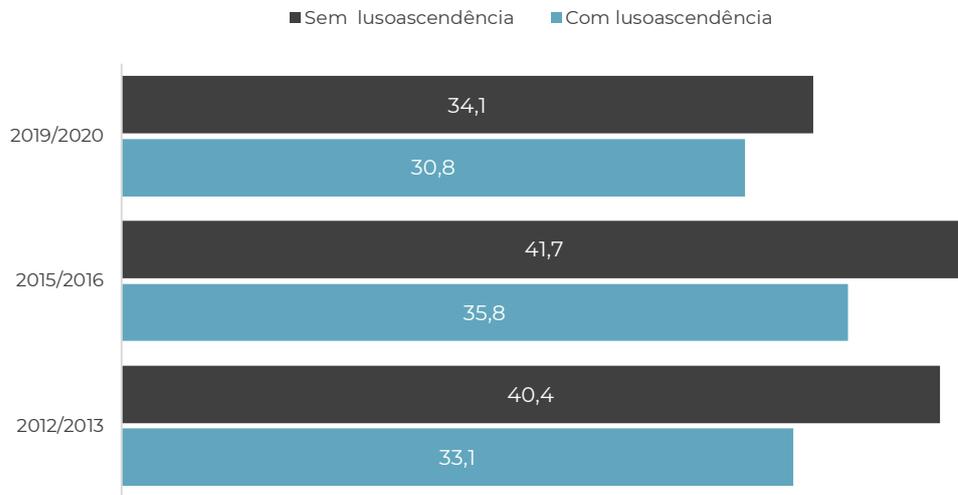


**GRÁFICO 11.** ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, SEGUNDO O TIPO DE ASCENDÊNCIA MISTA (COM ou SEM LUSOASCENDÊNCIA) E O USUFRUTO DA ASE, 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%).

FONTE: DGEEC, cálculos próprios.

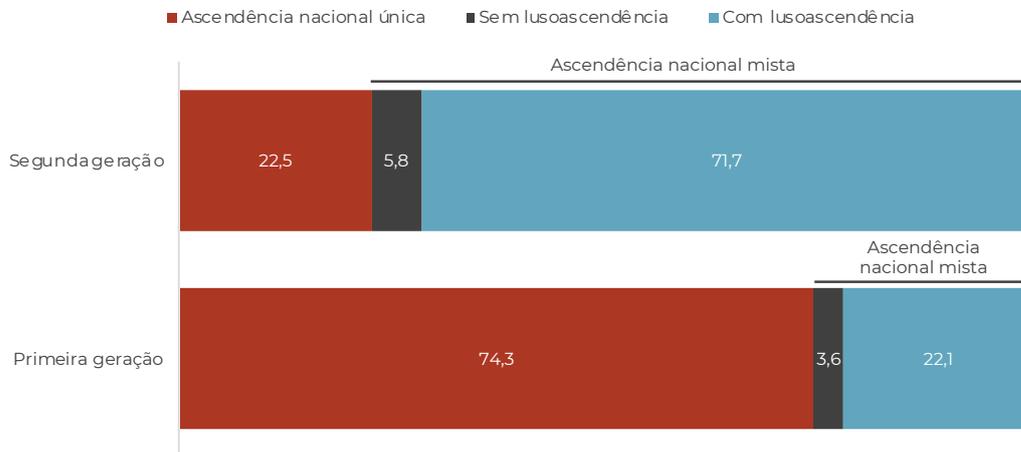
No que diz respeito à proporção de alunos que beneficiam do apoio da ASE, de entre os que têm origem nacional mista, observa-se no gráfico 12 uma diferença entre os alunos com e sem lusoascendência: é menor a proporção dos que beneficiam deste apoio no caso dos primeiros. Em ambos os casos, a proporção de alunos beneficiários da ASE decresceu entre os anos letivos de 2012/2013 e 2019/2020: menos 2,4 p.p. nos alunos com lusoascendência e menos 6,3 p.p. nos alunos sem lusoascendência. Acresce referir que (i) a meio do período em análise (2015/2016) se registou um ligeiro aumento da proporção de beneficiários da ASE e que (ii) a clivagem entre os subgrupos de alunos com ascendência mista diminuiu, passando de 7,2 p.p. em 2012/2013 para 3,3 p.p. em 2019/2020.

Num exercício complementar, cruzámos o tipo de ascendência e o estatuto geracional dos alunos de origem imigrante para o último ano letivo em análise, observável no gráfico 13. Verificou-se que (i) no caso dos alunos de primeira geração, a maioria (74,3%) tem progenitores com a mesma nacionalidade (ascendência nacional única), e que (ii) a maioria dos alunos de segunda geração tem origem nacional mista (77,5%), sendo que 71,7% destes alunos tem lusoascendência. Assim sendo, conclui-se que existe uma proporção expressiva de alunos com origem imigrante que nasceram em Portugal (segunda geração) e um dos pais tem nacionalidade portuguesa (lusoascendência). Este grupo de alunos de segunda geração e com lusoascendência representa 41,7% face ao total de alunos com origem imigrante.



**GRÁFICO 12.** ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, SEGUNDO O TIPO DE ASCENDÊNCIA MISTA (COM ou SEM LUSOASCENDÊNCIA) E O USUFRUTO DA ASE, 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%).

FONTE: DGEEC, cálculos próprios.



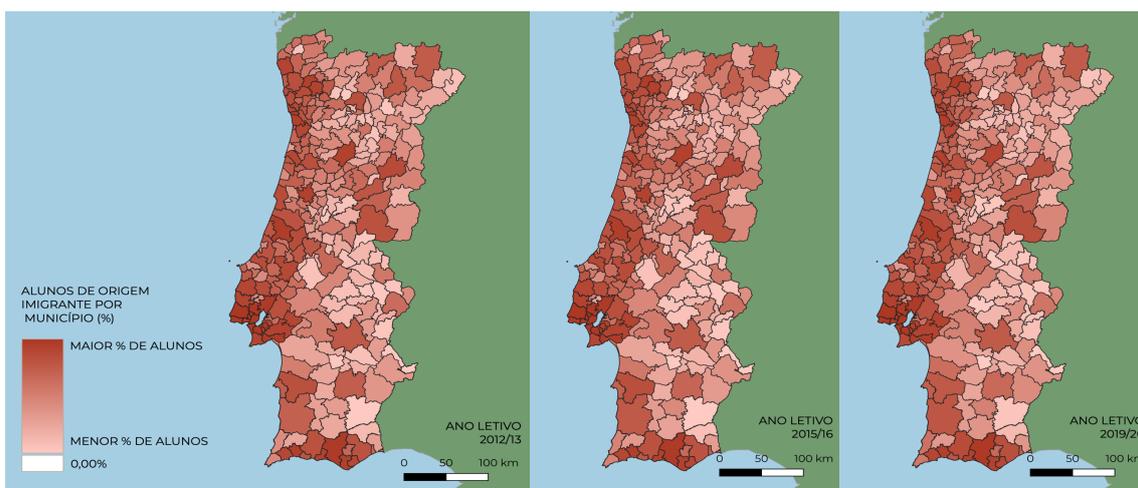
**GRÁFICO 13.** ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, SEGUNDO O TIPO DE ASCENDÊNCIA NACIONAL E O ESTATUTO GERACIONAL, 2019/2020 (%).

FONTE: DGEEC, cálculos próprios.

## DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE PELO TERRITÓRIO NACIONAL

A Figura 1 cartografa a distribuição territorial dos alunos de origem imigrante pelo país a nível concelhio. Os municípios que receberam um maior contingente de alunos de origem imigrante são os que se situam no Algarve, no Alentejo litoral, na Área Metropolitana de Lisboa e na faixa litoral de Aveiro-Porto-Braga.

Ao nível da distribuição específica por concelhos, registaram-se algumas mudanças no período em análise, sobretudo tendo em consideração os casos em que é maior o número de alunos de origem imigrante: entre 2012/2013 e 2015/2016, as percentagens diminuem ligeiramente em Loures (-0,4 p.p.), Sintra (-0,3 p.p.), Almada, Barreiro, Cascais, Moita e Odivelas (-0,2 p.p.) e aumentam em Braga, Lisboa (+0,3 p.p.), Mafra, Albufeira e Aveiro (+0,2 p.p.); entre 2015/2016 e 2019/2020, verifica-se uma diminuição das percentagens dos alunos de origem imigrante em Loures (-0,6 p.p.), Seixal (-0,4 p.p.), Amadora, Lisboa e Oeiras (-0,3 p.p.) e um aumento em Braga (+0,6 p.p.), Vila Nova de Gaia (+0,4 p.p.), Aveiro, Loulé e Mafra (+0,3 p.p.). Pode-se concluir que as famílias com descendentes com origem imigrante, de forma consistente, aumentaram a sua fixação nos concelhos de Braga e de Aveiro, contrariamente a Loures, que diminuiu o contingente de alunos com origem imigrante.



**FIGURA 1.** DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DOS ALUNOS DE ORIGEM IMIGRANTE MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO EM PORTUGAL CONTINENTAL, POR MUNICÍPIO, 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%).

FONTE: DGEEC, cálculos próprios.

De forma mais específica, como sintetizado no Quadro 7, os dez concelhos que atraem mais famílias com origem imigrante com filhos em idade escolar situam-se na Área Metropolitana de Lisboa: Sintra, Lisboa, Amadora, Loures, Almada, Seixal, Cascais, Odivelas, Oeiras e Vila Franca de Xira. Nos primeiros (Sintra e Lisboa) estudam entre 7% e 8% dos alunos com origem imigrante, enquanto os restantes concelhos apresentam valores entre 3% e 4%.

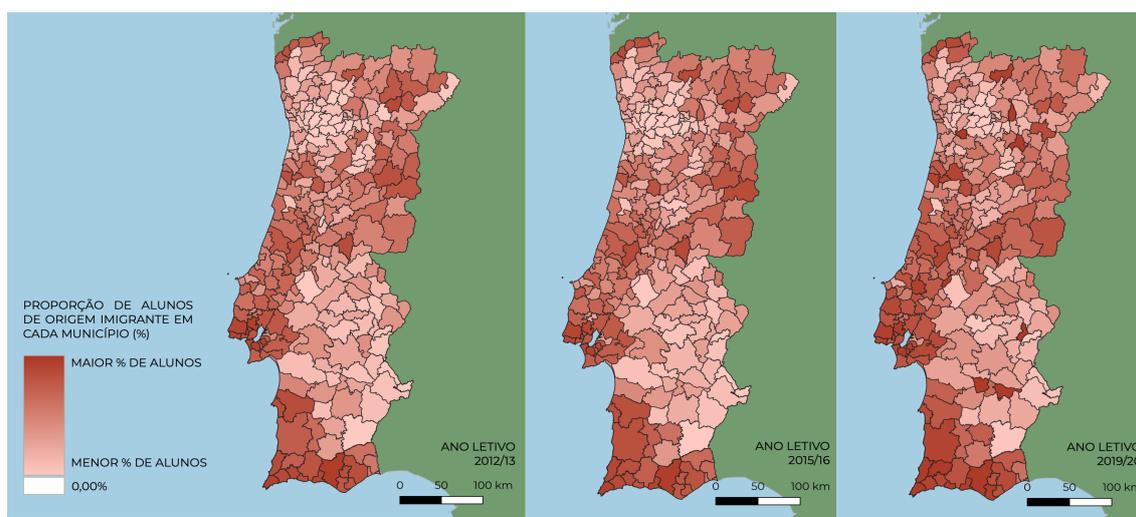
**QUADRO 7.** TOP10 DOS MUNICÍPIOS COM MAIS ALUNOS DE ORIGEM IMIGRANTE, 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%).

2012/2013	2015/2016	2019/2020
Sintra (8,2%)	Sintra (8%)	Sintra (8%)
Lisboa (7%)	Lisboa (7,3%)	Lisboa (6,9%)
Loures (4,2%)	Amadora (4,1%)	Amadora (3,8%)
Amadora (4,1%)	Loures (3,8%)	Almada (3,4%)
Almada (3,7%)	Seixal (3,6%)	Cascais (3,3%)
Seixal (3,6%)	Almada (3,5%)	Seixal (3,3)
Cascais (3,4%)	Cascais (3,1%)	Loures (3,2%)
Odivelas (2,1%)	Odivelas (2,8%)	Odivelas (3%)
Oeiras (2,6%)	Oeiras (2,6%)	Loulé (2,4%)
Vila Franca de Xira (2,1%)	Loulé (2,1%)	Oeiras (2,3%)

FONTE: DGEEC, cálculos próprios.

Se o objetivo deixar de ser o de analisar a distribuição territorial dos alunos de origem imigrante pelos municípios do país - exercício que se irá prolongar na secção seguinte, considerando cada uma das origens nacionais em estudo -, como a figura 1 ilustra, e for o de se saber que municípios do país têm uma maior proporção de alunos de origem imigrante, em relação ao número total de alunos do respetivo município, cartografado na figura 2, constata-se que, tanto no primeiro como no último ano letivo em análise, o concelho que apresenta maior proporção de alunos de origem imigrante é Loulé. No ano letivo 2012/2013, seguem-se os concelhos da Amadora, do Seixal, de Loures e de Vila do Bispo (concelhos da Área Metropolitana de Lisboa e do Algarve). No ano letivo 2019/2020, os municípios em que existe maior peso dos alunos de origem imigrante, a seguir a Loulé, são Vila do Bispo, Aljezur, Loures e Seixal, mais uma vez situados na Área Metropolitana de Lisboa e no Algarve.

A informação contida no quadro 8 revela que os dez concelhos com maior proporção de alunos com origem imigrante situam-se sobretudo na Área Metropolitana de Lisboa e no Algarve, sendo de notar que, tendencialmente, os municípios diminuíram a proporção de alunos de origem imigrante de 2012/2013 para 2015/2016, tendo depois aumentado desse ano para 2019/2020. Tomando o caso de Loulé como exemplificativo, existia 38,4% de alunos com origem imigrante no concelho em 2012/2013, valor que diminuiu 1,5 p.p. em 2015/16. No entanto, desse ano para 2019/2020, a proporção de alunos com origem imigrante em Loulé aumentou 9 p.p..



**FIGURA 2.** PROPORÇÃO DOS ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE MATRICULADOS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO FACE AO TOTAL DE ALUNOS EM CADA MUNICÍPIO, PORTUGAL CONTINENTAL, 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%).

FONTE: DGEEC, cálculos próprios.

**QUADRO 8.** TOP10 DOS MUNICÍPIOS COM MAIOR PROPORÇÃO TERRITORIAL DE ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE, 2012/2013, 2015/2016 E 2019/2020 (%).

2012/2013	2015/2016	2019/2020
Loulé (38,4%)	Loulé (36,9%)	Loulé (45,9%)
Amadora (37,2%)	Amadora (34,9%)	Vila do Bispo (45,9%)
Seixal (31,5%)	Vila do Bispo (33,9%)	Aljezur (42,9%)
Loures (31,4%)	Seixal (30,7%)	Loures (41,8%)
Vila do Bispo (30,8%)	Albufeira (28,8%)	Seixal (37,6%)
Cascais (30,2%)	Aljezur (28,5%)	Amadora (37,1%)
Sintra (29,9%)	Loures (26,9%)	Lagoa (36,6%)
Moita (29,8%)	Sintra (26,8%)	Faro (34,5%)
Albufeira (29%)	Vila Flor (26,2%)	Albufeira (34,5%)
Odivelas (28,6%)	Cascais (26,1%)	Rio Maior (33,7%)

FONTE: DGEEC, cálculos próprios.

## EM SÍNTESE...

Entre os anos letivos de 2012/2013 e 2019/2020, os alunos com origem imigrante matriculados nas escolas públicas dos ensinos básico e secundário de Portugal continental:

- (i) passaram de 14% do total de alunos (em 2012/2013) para 17% (em 2019/2020), aumento que ocorreu igualmente em termos absolutos (+3.336 alunos);
- (ii) tinham progenitores que completaram níveis de escolaridade mais elevados do que os dos seus colegas autóctones;
- (iii) revelavam maiores necessidades económicas do que os seus pares, dada a maior proporção de beneficiários do apoio da ASE;
- (iv) e, em 2019/2020, 60,3% nasceu em Portugal, 47,5% tinha um dos pais com nacionalidade portuguesa e 41,7% acumulava ambas as condições.

### *Por estatuto geracional*

Os alunos com origem imigrante de segunda geração, comparativamente com aqueles que são de primeira geração:

- (v) representavam a maioria dos alunos de origem imigrante. Contudo, nos anos mais recentes, os alunos de primeira geração têm aumentado a sua presença (absoluta e relativa);
- (vi) viviam em famílias com níveis de escolaridade mais elevados em 2012/2013, mas, no ano mais recente (2019/2020), registou-se uma aproximação entre a escolaridade familiar das duas gerações, passando ambas a apresentar níveis de escolaridade similares.
- (vii) recorreram mais ao apoio da ASE em 2019/2020, invertendo a tendência registada nos anos letivos anteriores;
- (viii) existia uma maior predominância de alunos que têm ascendência nacional mista, enquanto entre os que são de primeira geração é maior a proporção de alunos com ascendência nacional única.

### *Por tipo de ascendência nacional*

Os alunos de origem imigrante com ascendência nacional mista, comparativamente com aqueles que têm ascendência nacional única:

- (ix) representavam a maioria dos alunos com origem imigrante (varia entre 58% e 63%);
- (x) tinham famílias com níveis de escolaridade mais elevados, ao longo de todos os anos letivos;
- (xi) recorreram menos ao apoio da ASE, tanto em 2012/2013 como em 2019/2020;

De entre os alunos de ascendência nacional mista, os alunos com lusoascendência, comparativamente com os que não a têm:

- (xii) representavam a maioria dos alunos com ascendência nacional mista (cerca de 90%);
- (xiii) tinham famílias menos escolarizadas, ao longo do período em análise;
- (xiv) beneficiavam menos do apoio da ASE, em todos os anos letivos;

*Localização geográfica*

- (xv) A sua distribuição pelo território nacional fazia-se, preferencialmente, na faixa litoral de Aveiro-Porto-Braga, no Algarve e, com foco especial, na Área Metropolitana de Lisboa (em 2019/2020, o TOP5 era constituído pelos concelhos de Sintra, Lisboa, Amadora, Almada e Cascais);
- (xvi) Quando se analisa a proporção de alunos com origem imigrante em relação ao total de alunos do respetivo município, Loulé destaca-se enquanto o município com maior proporção de alunos com origem imigrante, ao longo dos anos letivos em análise.



## CAPÍTULO 4

# AS DIFERENTES ORIGENS NACIONAIS

---



## CAPÍTULO 4. AS DIFERENTES ORIGENS NACIONAIS

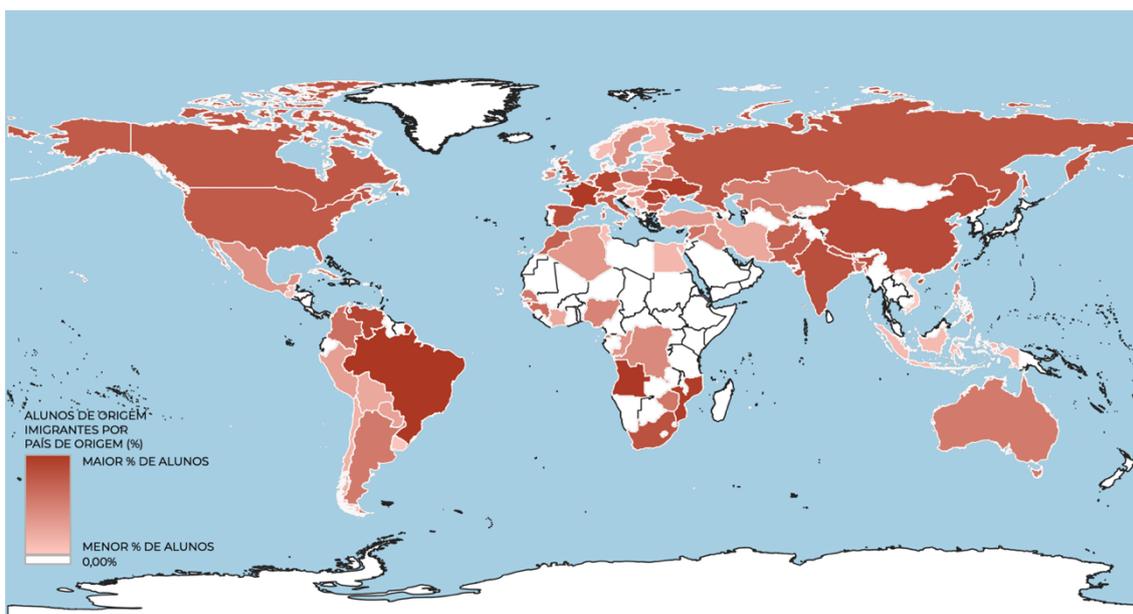
Neste capítulo apresentam-se as diferentes origens nacionais nos ensinos básico e secundário das escolas públicas, subdividindo-se este capítulo em dois momentos. Primeiro, contextualizam-se as diferentes origens nacionais. Segundo, realiza-se uma análise comparativa das origens nacionais mais representadas em Portugal continental (por vezes, comparando também com os alunos autóctones, sempre que se justifique) considerando os aspetos em análise no presente estudo, focando-se sobretudo o último ano letivo em análise, 2019/2020: (i) o estatuto geracional; (ii) o tipo de ascendência nacional; (iii) as condições sociais dos diferentes grupos de alunos (escolaridade familiar dominante e apoio da ASE) e (iv) a distribuição pelos municípios nacionais das diferentes origens. Após a análise global comparativa das 18 origens nacionais, no seguinte capítulo (5), detalha-se as especificidades de cada uma, em 2012/2013 e 2019/2020, apresentando *fichas por origem nacional*.

### CONTEXTUALIZAÇÃO DAS DIFERENTES ORIGENS NACIONAIS

Considerando os alunos inscritos no ano letivo de 2019/2020, foram identificadas 88 origens nacionais diferentes (com um contingente mínimo de 10 alunos) correspondentes a 93,4% do total de alunos com origem imigrante. Como é possível constatar na figura 3, que retrata os países de origem dos alunos, destaca-se a presença de alunos oriundos de Estados de todos os continentes, sendo Oceânia e África aqueles em que existe um maior número de Estados não representados no sistema de ensino português.<sup>22</sup> No entanto, é de assinalar que, apesar de haver vários países africanos com muito poucos ou nenhuns alunos no sistema de ensino, os estudantes oriundos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) representam um contingente de 29,8% dos alunos com origem imigrante em Portugal. Como assinalado com a coloração mais intensa, os países de origem da maioria dos alunos com origem imigrante das escolas públicas portuguesas são o Brasil (44.962 alunos), Angola (21.830 alunos), França (14.981 alunos), Cabo-verde (9.913 alunos), Moçambique (6.296 alunos), Ucrânia (5.650 alunos) e Guiné (5.071 alunos).

---

<sup>22</sup> Os Estados representados no mapa a branco não têm nenhum aluno a frequentar o sistema de ensino português ou têm um número residual, inferior a 10, representando estes casos 2,1%. Note-se ainda, como referido no *Capítulo 2. Dados e Opções Metodológicas*, que foram igualmente excluídos desta análise os alunos que tinham ascendência mista sem lusoascendência (os pais tinham nacionalidades estrangeiras diferentes) (4,5%). Destes últimos, 1,1% são origens nacionais mistas dos PALOP. Para mais informação consultar o anexo I.



**FIGURA 3.** DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DOS ALUNOS DE ORIGEM IMIGRANTE POR PAÍS DE ORIGEM, 2019/2020 (%).

FONTE: DGEEC, cálculos próprios.

Na impossibilidade de explorar as 88 origens diferentes, optou-se por seleccionar apenas aquelas que estão mais representadas, estabelecendo como critério as que tinham, no ano letivo de 2019/2020, pelo menos 1.000 alunos inscritos nos ensinos básico e secundário: África do Sul, Alemanha, Angola, Brasil, Cabo Verde, China, Espanha, França, Guiné, Índia, Moçambique, Moldávia, Nepal, Reino Unido, Roménia, S. Tomé e Príncipe, Ucrânia e Venezuela. Estas origens representavam, neste ano letivo, 86% dos estudantes com origem imigrante que frequentavam as escolas de ensinos básico e secundário em Portugal continental.

### UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS ORIGENS NACIONAIS MAIS REPRESENTADAS

No quadro 9 observam-se os contingentes absoluto e relativo (i.e. em percentagem do total de alunos com origem imigrante) das 18 origens nacionais mais representadas nos ensinos básico e secundário. Como anteriormente mencionado, os alunos de origem brasileira representam a origem nacional com maior número de alunos inscritos nas escolas públicas de Portugal continental, com um peso de cerca de 29% face ao total de alunos com origem imigrante. Seguidamente, estão as origens angolana (13,9%) e francesa (9,5%). Com menos expressão, representando menos de 1% dos alunos com origem imigrante, identificam-se as origens britânica, indiana, nepalesa e sul-africana. Face ao ano letivo de 2012/2013, as origens nacionais que registaram um maior crescimento foram: a nepalesa (+1214%), a brasileira (+119%), a indiana (+76,6%) e a venezuelana (+61,1%). Os alunos das origens ucraniana, chinesa, espanhola e sul-africana também aumentaram, embora com menos expressão. No sentido inverso, com uma diminuição do número de alunos estão as restantes origens,

destacando-se a maioria das origens dos PALOP: a moçambicana (-40,7%), a cabo-verdiana (-27,4%), a angolana (-25,8%) e a guineense (-24,8%).

**QUADRO 9.** AS 18 ORIGENS NACIONAIS MAIS REPRESENTADAS NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL CONTINENTAL, EM 2019/2020, (Nº e %).

Origem nacional	Total	Em % do total dos alunos com origem imigrante
Alemã	3535	2,3
Angolana	21830	13,9
Brasileira	44962	28,6
Britânica	1227	0,8
Cabo-verdiana	9913	6,3
Chinesa	2164	1,4
Espanhola	1672	1,1
Francesa	14981	9,5
Guineense	5071	3,2
Indiana	1259	0,8
Moçambicana	6296	4,0
Moldava	2745	1,7
Nepalesa	1117	0,7
Romena	3938	2,5
Santomense	3693	2,4
Sul-africana	1148	0,7
Ucraniana	5650	3,6
Venezuelana	3765	2,4

FONTE: DGEEC, cálculos próprios.

Importa referir que este ponto de análise comparativa faz uma síntese da informação presente nas fichas por origem nacional (Capítulo 5) e, neste sentido, os valores específicos, nomeadamente os referentes a 2012/2013, podem ser consultados no próximo capítulo.

#### POR ESTATUTO GERACIONAL

Em todas as origens nacionais, a maioria dos alunos são de segunda geração, com exceção dos alunos de origem brasileira (37,1%), indiana (18,3%) e nepalesa (3,8%), em que a maioria é de primeira geração. Na origem guineense e na chinesa observa-se uma distribuição equilibrada dos alunos pelas duas gerações. Além das origens brasileira, indiana e nepalesa, em 2012/2013, também nas origens ucraniana (67%), romena (74,8%), moldava (70,6%) e chinesa (59,1%) predominavam os alunos de primeira geração. Os alunos de origem santomense, britânica e guineense apresentavam valores

similares entre os dois anos letivos. Globalmente, podemos afirmar que: (i) o maior aumento dos alunos de segunda geração se observou nos que têm origem nacional romena (mais 37,0 p.p.), moldava (mais 35,7 p.p.) e ucraniana (mais 28,2 p.p.); (ii) o aumento da primeira geração foi mais expressivo nos alunos com origem venezuelana (mais 31,8 p.p.) e indiana (mais 21,9 p.p.).<sup>23</sup>

Estes resultados acompanham os fluxos migratórios para Portugal. Por um lado, reflete a sedentarização da imigração da Europa do Leste a partir de finais da década de 90 do século XX, que já tiveram tempo de ter filhos, e, conseqüentemente, emerge uma segunda geração, que atualmente já é numerosa. Por outro lado, os fluxos mais recentes, nomeadamente de países da Ásia do Sul, assim como a intensificação da imigração brasileira na última década, explicam a predominância de alunos de primeira geração nestas origens (SEF, 2022; Góis e Marques, 2018).

#### POR TIPO DE ASCENDÊNCIA

A maioria dos alunos de origem francesa (90,2%), alemã (89,6%), sul-africana (89,5%), moçambicana (84,4%), espanhola (82,0%), venezuelana (61,6%), britânica (61,3%) e angolana (61,1%) têm lusoascendência – um facto que se verifica no início e no final do período em análise. Em 2019/2020, como se pode verificar no quadro 10, as origens nacionais com menor proporção de alunos com lusoascendência são a nepalesa (13,8%), a chinesa (14,5%) e a indiana (18,6%). Existiu uma tendência para o aumento dos alunos com este perfil, com destaque para os alunos que têm origem romena (mais 18,1 p.p.), cabo-verdiana (mais 17,1 p.p.), moldava (mais 14,5 p.p.) e ucraniana (mais 14 p.p.) - embora nenhum alcance os 50%. A origem nacional com maior diminuição dos alunos com lusoascendência foi a venezuelana (menos 26,8 p.p.).

Observando ainda o quadro 10, salienta-se que os alunos que não têm lusoascendência correspondem aqueles que têm origem única ou que têm informação apenas sobre a naturalidade de um dos pais.<sup>24</sup> No que diz respeito à proporção de alunos com ascendência nacional única, as origens nacionais que se destacam, por a maioria ter este tipo de ascendência, são a santomense (50,3%), a brasileira (53,5%), a guineense (55,8%), a romena (61,4%), a ucraniana (65,9%), a moldava (67,5%), a indiana (69,3%), a nepalesa (75,0%) e a chinesa (77,7%). A proporção de alunos por origem nacional em que não se conhece a naturalidade de um dos progenitores representa a proporção mais reduzida em todas as origens.

---

<sup>23</sup> Importa destacar que nos estudantes de origem nepalesa não poderia aumentar expressivamente devido ao valor já elevado de alunos de primeira geração (95,3%), em 2012/2013, tendo apenas aumentado cerca de 1 p.p..

<sup>24</sup> Lembra-se que na análise de cada uma das origens nacionais não foram contabilizados os casos em que os alunos tinham ascendência mista sem lusoascendência.

**QUADRO 10.** ALUNOS POR ORIGEM NACIONAL SEGUNDO O TIPO DE ASCENDÊNCIA NACIONAL, 2019/2020 (% EM LINHA).

Origem Nacional	Ascendência nacional única		Ascendência nacional mista (Lusoascendência)
	2 progenitores	1 progenitor (outro omitido)	
Alemã	5,9	4,5	89,6
Angolana	30,1	8,9	61,1
Brasileira	53,5	12,2	34,2
Britânica	32,0	6,7	61,3
Cabo-verdiana	47,1	12,2	40,7
Chinesa	77,7	7,8	14,5
Espanhola	11,8	6,2	82,0
Francesa	6,7	3,2	90,2
Guineense	55,8	14,6	29,6
Indiana	69,3	12,2	18,6
Moçambicana	10,0	5,6	84,4
Moldava	67,5	10,1	22,4
Nepalesa	75,0	11,2	13,8
Romena	61,4	10,2	28,4
Santomense	50,3	15,7	34,0
Sul-africana	5,8	4,6	89,5
Ucraniana	65,9	9,2	24,9
Venezuelana	31,4	7,0	61,6

FONTE: DGEEC, cálculos próprios.

O quadro 11 cruza o tipo de ascendência com o estatuto geracional, podendo distinguir-se diferentes graus de proximidade genealógica com Portugal. Considerando que esta proximidade é maior no caso dos alunos que têm lusoascendência e que são de segunda geração e menor no caso dos que não têm lusoascendência e que são de primeira geração, distinguem-se: (i) na primeira situação os alunos com origem francesa (84,0%), alemã (82,0%) sul-africana (81,6%), moçambicana (77,8%), espanhola (63,1%) e angolana (52,8%); (ii) na segunda os que têm origem nepalesa (74,8%), indiana (64,5%). Todas as restantes apresentam graus de proximidade tendencialmente intermédios ou variáveis.

**QUADRO 11.** ALUNOS POR ORIGEM NACIONAL SEGUNDO O TIPO DE ASCENDÊNCIA E O ESTATUTO GERACIONAL, 2019/2020 (% EM LINHA) \*

Origem Nacional	Com lusoascendência Segunda Geração	Com lusoascendência Primeira Geração	Sem lusoascendência Segunda Geração	Sem lusoascendência Primeira Geração
Alemã	82,0	4,5	3,4	4,4
Angolana	52,8	5,7	15,3	18,4
Brasileira	22,8	10,1	11,0	47,3
Britânica	46,4	11,7	8,0	28,0
Cabo-verdiana	32,5	7,0	28,3	25,4
Chinesa	7,9	6,1	36,3	42,2
Espanhola	63,1	15,7	5,0	9,3
Francesa	84,0	3,7	6,5	1,9
Guineense	20,3	8,5	24,6	37,9
Indiana	8,7	9,2	7,8	64,5
Moçambicana	77,8	2,6	7,3	5,3
Moldava	17,4	3,6	40,8	27,6
Nepalesa	0,7	12,6	2,8	74,8
Romena	22,8	4,4	33,2	29,6
Santomense	24,6	8,3	24,2	30,7
Sul-africana	81,6	5,1	5,5	3,3
Ucraniana	19,8	4,0	36,3	31,5
Venezuelana	45,1	12,8	6,6	27,3

FONTE: DGEEC, cálculos próprios.

\*A percentagem não totaliza os 100% porque existe uma proporção correspondente aos dados omissos referentes aos alunos em que um dos pais tem naturalidade omissa, o que impossibilita categorizar o tipo de ascendência, ou que o próprio aluno tem naturalidade omissa, impedindo categorizar o estatuto geracional.

#### POR CONDIÇÕES SOCIAIS (ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE E APOIO DA ASE)

Tendo em conta a informação disponível, a escolaridade familiar dominante varia bastante conforme a origem nacional, como o quadro 12 ilustra.<sup>25</sup> Em termos gerais, podem distinguir-se três grupos:

- (i) um conjunto de origens nacionais mais escolarizadas, em que uma parte expressiva dos alunos são de famílias onde predomina o ensino superior (valores entre 37% e 51%): a moçambicana, a britânica, a venezuelana, a angolana, a sul-africana, a ucraniana, a francês, a espanhola, a moldava e alemã. Nestas origens nacionais, a proporção de

<sup>25</sup> Para efeitos de análise por origem nacional (ver na secção seguinte), optou-se por fazer os cálculos da escolaridade familiar dominante não considerando os dados omissos. Neste ponto de comparação, e tendo em conta o diferencial de falta de informação por origem nacional, pareceu-nos relevante fazê-la com a informação o mais completa possível.

alunos oriundos de famílias que não completaram mais do que o ensino básico é das mais diminutas, com exceção da origem espanhola, em que 27% está nestas condições (mesmo assim abaixo do que acontece com as famílias dos seus pares autóctones);

- (ii) um conjunto de origens nacionais menos escolarizadas, em que a maioria dos alunos são de famílias onde predomina o ensino básico (valores entre 37% e 50%): a cabo-verdiana, a santomense, a guineense e a chinesa;
- (iii) por último, um conjunto de origens nacionais em que é mais expressiva a proporção dos que atingiram o ensino secundário (entre 37% e 45%): a romena, a brasileira, a nepalesa e a indiana.

Merece, igualmente, destaque o facto de os alunos autóctones se inserirem em famílias com uma distribuição bastante equitativa, sem o domínio de nenhum dos níveis de escolaridade, o que não acontece com as origens nacionais em análise.

Se compararmos esta situação dos níveis de escolaridade atingidos pelas famílias dos alunos com a relativa ao ano letivo 2012/2013, as origens nacionais que registaram uma maior diminuição da proporção de alunos com progenitores com o ensino básico foram a cabo-verdiana (menos 19,2 p.p.), a francesa (menos 16,6 p.p.), a venezuelana (menos 16,5 p.p.), a espanhola (menos 16,4 p.p.) e a brasileira (menos 16,1 p.p.).<sup>26</sup> No sentido inverso, o caso dos alunos de origem moldava, em que se registou uma diferença positiva (mais 0,4 p.p.). Por sua vez, as origens nacionais onde se registou um aumento mais expressivo de progenitores que completaram graus do ensino superior foram a venezuelana (mais 19,1 p.p.), a francesa (mais 18,2 p.p.), a espanhola (mais 17,5 p.p.), a alemã (mais 16,2 p.p.), a sul-africana (mais 15,5 p.p.) e a brasileira (mais 14,9 p.p.).

---

<sup>26</sup> Os alunos autóctones também registaram uma diferença significativa (menos 18,5 p.p.), sendo, portanto, o segundo grupo de alunos que registaram uma melhoria mais significativa da escolaridade familiar dominante.

**QUADRO 12.** ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE POR ORIGEM NACIONAL, 2019/2020 (%).

Origem Nacional	S/habilitações	E.Básico	E.Secundário	E.Superior	Omissos
<b>Autóctones</b>	<b>0,6</b>	<b>32,1</b>	<b>28,2</b>	<b>31,6</b>	<b>7,4</b>
Alemã	0,5	21,0	29,7	37,6	11,2
Angolana	0,2	13,2	33,7	48,9	4,0
Brasileira	0,6	15,5	36,5	27,9	19,4
Britânica	0,4	8,6	29,4	50,2	11,4
Cabo-verdiana	1,0	50,1	23,3	9,0	16,6
Chinesa	1,1	37,7	26,3	10,1	24,8
Espanhola	1,1	27,4	21,1	41,8	8,6
Francesa	0,1	17,9	33,8	45,4	2,8
Guineense	1,9	38,3	23,6	13,2	23,1
Indiana	1,7	19,1	26,8	16,9	35,4
Moçambicana	0,2	14,8	29,6	51,2	4,1
Moldava	1,0	14,8	34,0	37,7	12,5
Nepalesa	3,5	11,9	34,2	17,6	32,8
Romena	0,8	26,5	44,7	16,0	12,0
Santomense	0,8	46,2	21,2	12,0	19,8
Sul-africana	0,5	11,3	34,6	48,8	4,8
Ucraniana	0,6	7,8	36,5	39,9	15,2
Venezuelana	0,3	12,5	26,1	49,4	11,6

FONTE: DGEEC, dados próprios.

Como está patente no quadro 13, no ano letivo de 2019/2020, a maioria dos alunos das origens santomense (59,0%), cabo-verdiana (54,0%) e guineense (51,7%) eram beneficiários da ASE. Em contrapartida, os alunos que menos beneficiaram deste apoio foram os de origem britânica (18,2%), alemã (19,7%), sul-africana (20,5%), moçambicana (21,7%) e francesa (23,0%). Com uma proporção muito próxima da dos pares autóctones, destacam-se os que têm origem brasileira (29,7%) e nepalesa (29,6%). Os estudantes das restantes origens nacionais têm uma maior proporção de beneficiários da ASE do que os autóctones.

Ao analisar o ano letivo de 2012/2013, detetam-se tendências, de forma consistente: (i) os alunos com menor usufruto deste apoio económico são os que têm origem em alguns dos países europeus (Alemanha, Reino Unido e França) e os oriundos do continente africano (Moçambique e África do Sul); (ii) com maior usufruto deste apoio temos os alunos com origem em alguns países africanos dos PALOP (Cabo verde, Guiné e S.Tomé e Príncipe) e os oriundos de alguns dos países do Leste europeu (Moldávia, Roménia e Ucrânia). Outro aspeto digno de registo é a inversão ocorrida por parte de alunos de algumas origens nacionais, comparativamente aos autóctones face ao usufruto da ASE: os que têm origem chinesa ou venezuelana passaram de uma situação em que recebiam,

comparativamente, menos apoio para passarem a ter mais e, em situação inversa, estão os que têm origem nepalesa (menos 21 p.p.), moldava (menos 16 p.p.) e brasileira (menos 13,5 p.p.).<sup>27</sup>

**QUADRO 13.** ALUNOS QUE BENEFICIAM DA ASE SEGUNDO A ORIGEM NACIONAL (%) E DIFERENÇA EM P.P. RELATIVAMENTE AOS AUTÓCTONES, 2012/13 E 2019/20.

Origem Nacional	2012/2013		2019/2020	
	Apoio ASE (%)	Gap face aos autóctones	Apoio ASE (%)	Gap face aos autóctones
<b>Autóctones</b>	<b>37,0</b>	----	<b>29,9</b>	----
Alemã	28,6	- 8,4	19,7	- 10,2
Angolana	37,4	+ 0,4	32,8	+ 2,9
Brasileira	43,2	+ 6,2	29,7	- 0,2
Britânica	21,9	- 15,1	18,2	- 11,7
Cabo-verdiana	64,9	+ 27,9	54,0	+ 24,1
Chinesa	21,9	- 15,1	33,8	+ 3,4
Espanhola	41,6	+ 4,6	32,1	+ 2,2
Francesa	33,5	- 3,5	23,0	- 6,9
Guineense	59,3	+ 22,3	51,7	+ 21,8
Indiana	43,9	+ 6,9	35,3	+ 5,4
Moçambicana	25,5	- 11,5	21,7	- 3,3
Moldava	60,3	+ 23,3	44,4	+ 14,5
Nepalesa	50,6	+ 13,6	29,6	- 0,3
Romena	57,5	+ 20,5	48,8	+ 18,9
Santomense	63,9	+ 26,9	59,0	+ 29,1
Sul-africana	31,8	- 5,2	20,5	- 9,4
Ucraniana	49,7	+ 12,7	41,0	+ 11,1
Venezuelana	32,1	- 4,9	34,1	+ 4,2

FONTE: DGEEC, dados próprios.

<sup>27</sup> Relembre-se que no caso das origens nacionais com fluxos de imigração mais recentes pode existir falta de conhecimento sobre o acesso à medida ou a ausência de condições de político-legais por parte dos encarregados de educação para acesso a esta medida.

POR DISTRIBUIÇÃO PELO TERRITÓRIO NACIONAL<sup>28</sup>

Em primeiro lugar, destaca-se a heterogeneidade na distribuição territorial das 18 origens nacionais. Com uma distribuição mais dispersa, e com presença na grande maioria dos municípios portugueses, assinala-se que os alunos de origem alemã, angolana, brasileira, chinesa, francesa e moçambicana. Com uma dispersão intermédia, presentes em muitos concelhos, encontramos a origem espanhola, romena e ucraniana e com uma dispersão também intermédia, mas presente em menos municípios, verificam-se as origens sul-africana, britânica, cabo-verdiana e moldava. Com presença concentrada apenas em poucos municípios encontram-se os alunos oriundos da Guiné-Bissau, da Índia, do Nepal, de São Tomé e Príncipe e da Venezuela.

Existem alguns casos peculiares, em que uma percentagem significativa de alunos de uma origem se concentra numa determinada região do país, como é o caso da origem venezuelana, em que mais de 30% dos alunos se encontra no distrito de Aveiro, ou a origem nepalesa, concentrada no concelho de Lisboa (cerca de 45% dos alunos nepaleses).

São ainda curiosos, embora explicáveis, casos como os estudantes de origem espanhola, em que existe uma concentração relevante junto à fronteira entre Portugal e Espanha, ou a presença assinalável de estudantes britânicos e moldavos no distrito de Faro (cerca de 35% dos primeiros e 25% dos segundos encontram-se nos municípios do Algarve).

Analisando os concelhos que se situam no TOP10 das diferentes origens nacionais - ver quadro 13 com o TOP3 para cada origem-, os municípios em que existe maior presença de alunos das diferentes origens nacionais são:

- Lisboa (excetuando a origem venezuelana, encontra-se no TOP10 de todas as origens nacionais, sendo no caso de seis destas o concelho com maior percentagem de alunos e em seis outras pertence ao seu TOP3);
- Sintra (excetuando a origem britânica, nepalesa e venezuelana, encontra-se no TOP10 de todas as origens nacionais, sendo que em cinco destas é o concelho com maior percentagem de alunos e em outras cinco situa-se no TOP3);
- Cascais (encontra-se no TOP10 de 12 das origens nacionais);
- Amadora, Loures, Loulé (estes três concelhos encontram-se no TOP10 de 9 das origens nacionais);
- Almada e Seixal (ambos se encontram no TOP10 de 8 das origens nacionais).

Os alunos com origem nos PALOP, no Brasil e na China revelam uma concentração particular na Área Metropolitana de Lisboa: (i) no primeiro caso, em todas as origens nacionais dos PALOP, os 10

---

28 De modo a melhor auxiliar esta análise, produziram-se não apenas mapas da distribuição dos alunos de cada origem nacional pelos municípios de Portugal continental (percebendo assim que percentagem de alunos dessa origem se concentra em cada município), como também um TOP10, no qual se destacam os 10 municípios em que existe maior presença de determinada origem. Dentro de cada TOP10, as percentagens variam sobretudo nos três primeiros concelhos, sendo os restantes valores relativamente similares, como exemplifica a pequena amplitude entre o décimo concelho das 18 origens nacionais em análise, que variam entre 1,54% e 3,02%, estando a maioria situada nos 2%.

concelhos do TOP10 situam-se nesta região; (ii) no segundo e terceiro caso, os alunos estão presentes em nove e em oito concelhos do TOP10, respetivamente.

Como seria expectável, quando se compara territorialmente os alunos de *primeira* e de *segunda geração*, os estudantes de segunda geração encontram-se tendencialmente mais distribuídos pelo território, enquanto os alunos de primeira geração se centram no litoral português e nos principais aglomerados urbanos, nomeadamente a Área Metropolitana de Lisboa. Origens diversas demonstram diferentes distribuições e concentrações territoriais: por exemplo, enquanto os alunos de origem nepalesa se centram em poucos municípios, sendo visível que a maioria dos concelhos portugueses não tem presença de alunos desta origem, alunos de outras origens nacionais, como a brasileira, cobrem a grande maioria dos municípios, estando presentes em grande parte do território nacional.

**QUADRO 14.** TOP3 DOS MUNICÍPIOS COM MAIS ALUNOS POR PAÍS DE ORIGEM, 2019/2020 (%)

Origem Nacional	MUNICÍPIOS		
	1º lugar	2º lugar	3º lugar
Alemã	Lisboa	Leiria	Viseu
Angolana	Sintra	Lisboa	Seixal
Brasileira	Sintra	Lisboa	Cascais
Britânica	Lagos	Loulé	Albufeira
Cabo-verdiana	Sintra	Amadora	Lisboa
Chinesa	Lisboa	Sintra	Vila do Conde
Espanhola	Lisboa	Porto	Vila do Conde
Francesa	Leiria	Guimarães	Braga
Guineense	Sintra	Amadora	Odivelas
Indiana	Lisboa	Odivelas	Odemira
Moçambicana	Lisboa	Sintra	Seixal
Moldava	Portimão	Cascais	Sintra
Nepalesa	Lisboa	Odemira	Loulé
Romena	Loulé	Sintra	Lisboa
Santomense	Loures	Seixal	Lisboa
Sul-africana	Maia	Loulé	Sintra
Ucraniana	Sintra	Lisboa	Loulé
Venezuelana	Vagos	Oliveira do Bairro	Aveiro

FONTE: DGEEC, cálculos próprios.





CAPÍTULO 5

**FICHAS  
POR ORIGEM  
NACIONAL**

---



## CAPÍTULO 5. FICHAS POR ORIGEM NACIONAL

Realizada a análise comparativa das 18 origens nacionais em estudo, que representavam, em 2019/2020, os países de origem de 86% dos estudantes com origem imigrante que frequentavam as escolas de ensinos básico e secundário em Portugal continental, detalha-se, neste capítulo, a situação de cada uma destas origens nacionais. Cada *ficha de origem nacional* subdivide-se em três subpontos: (i) caracterização sociodemográfica; (ii) distribuição territorial; (iii) sumário executivo.

### ÍNDICE – FICHAS POR ORIGEM NACIONAL

ALEMÃ	59
ANGOLANA	63
BRASILEIRA	67
BRITÂNICA	71
CABO-VERDIANA	75
CHINESA	79
ESPAÑHOLA	83
FRANCESA	87
GUINEENSE	91
INDIANA	95
MOÇAMBICANA	99
MOLDAVA	103
NEPALESA	107
ROMENA	111
SANTOMENSE	115
SUL-AFRICANA	119
UCRANIANA	123
VENEZUELANA	127



# ORIGEM ALEMÃ

CARACTERIZAÇÃO  
SOCIODEMOGRÁFICA  
E TERRITORIAL

---



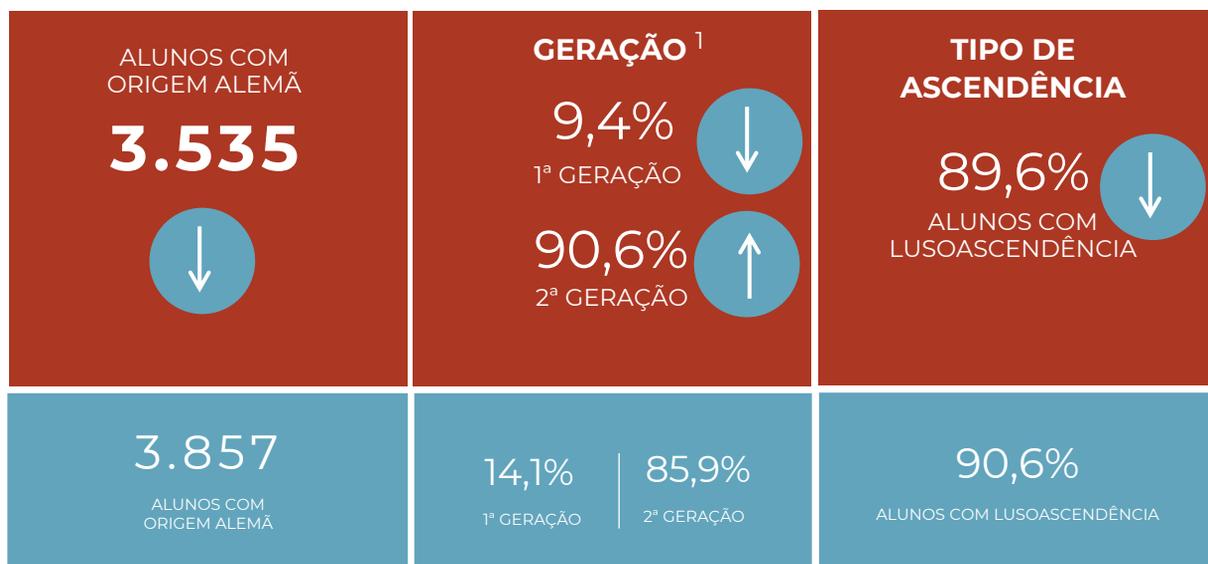
# ORIGEM NACIONAL ALEMÃ

## LEGENDA

- ANO LETIVO 2019/2020
- ANO LETIVO 2012/2013
- ⬆ AUMENTOU  
EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013
- ⬇ DIMINUIU  
EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013



## CARACTERIZAÇÃO DEMOGRÁFICA



## ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE<sup>2</sup>

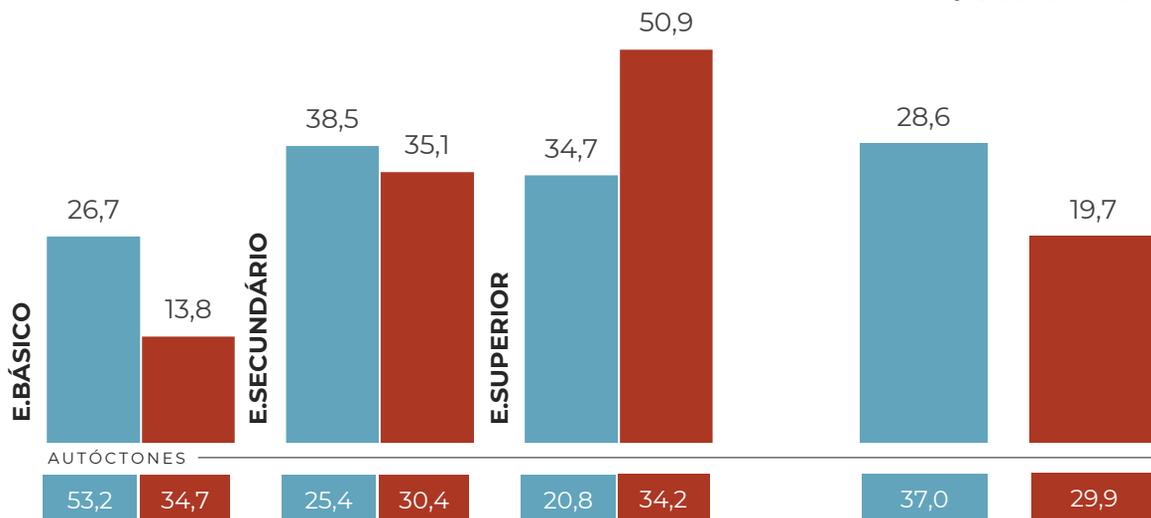


EM 2019-2020, 50,9% DOS ALUNOS TINHAM COMO ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE O ENSINO SUPERIOR, MAIS 16,7 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.

## AÇÃO SOCIAL ESCOLAR



EM 2019-2020, 19,7% DOS ALUNOS TINHAM AÇÃO SOCIAL ESCOLAR, MENOS 10,2 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.



# ORIGEM ALEMÃ

# DISTRIBUIÇÃO

# TERRITORIAL

ALUNOS POR MUNICÍPIO (%)

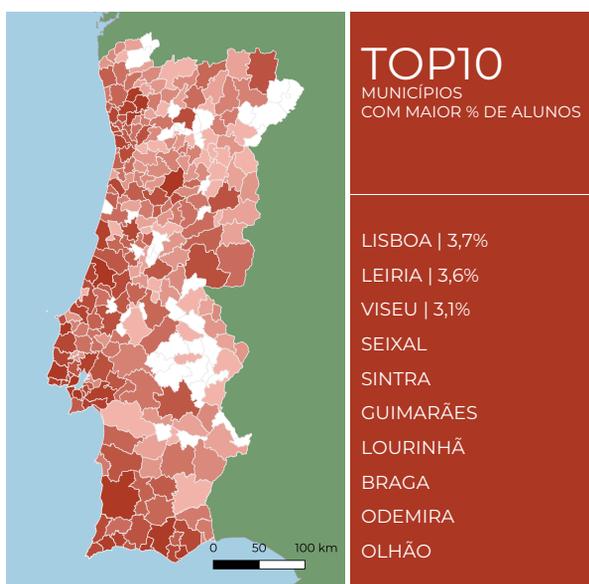
ANO LETIVO 2019/2020

## LEGENDA



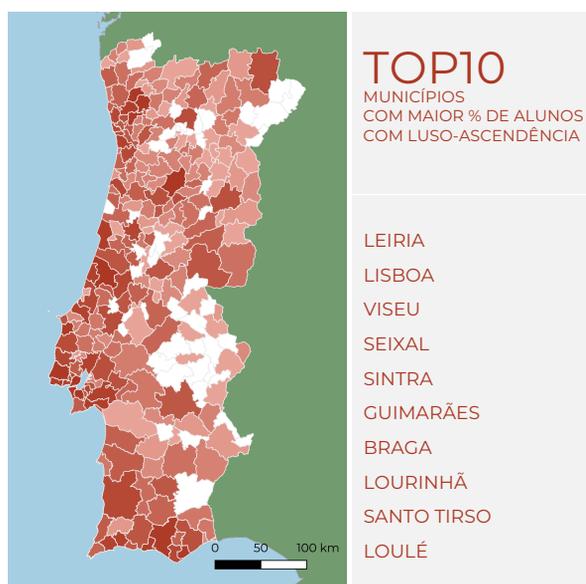
### A. TOTAL

UNIVERSO: 3.535



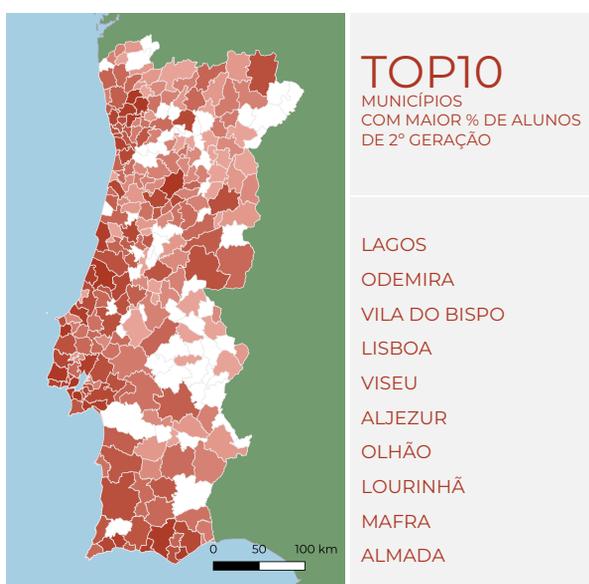
### B. LUSOASCENDÊNCIA

UNIVERSO: 3.167



### C. 2º GERAÇÃO

UNIVERSO: 3.020



### D. 1º GERAÇÃO

UNIVERSO: 314



NOTA | para apurar a distribuição territorial de alunos por município, foi calculada a percentagem de alunos de origem alemã que estuda em cada um dos municípios continentais portugueses, tendo como universo o total de alunos de origem alemã residente no país.

# SUMÁRIO

## ORIGEM ALEMÃ

1. Em 2019/2020 existiam 3.535 alunos com ascendência alemã, menos 322 do que em 2012/2013.
2. A maioria dos alunos são de 2º geração (90,6%), não se verificando uma diferença relevante entre os anos letivos em análise.
3. 89,6% dos alunos são lusodescendentes, menos 1 ponto percentual do que em 2012/2013.
4. A escolaridade familiar dominante dos alunos com origem alemã é mais elevada do que os alunos autóctones: os primeiros têm 35,1% com ensino secundário e 50,9% com ensino superior, enquanto os segundos têm 30,4% e 34,2%, respetivamente
5. É mais reduzida a proporção de alunos de origem alemã que recorre ao apoio económico da ASE (19,7%) em relação aos seus pares autóctones (29,9%). É de notar que, entre os anos analisados, houve um distanciamento entre os dois grupos, indicativo de uma intensificação da desigualdade entre a situação económica das famílias dos alunos de origem alemã e das famílias dos alunos autóctones, favorável aos primeiros.
6. Os concelhos onde existem mais alunos de origem alemã são Lisboa (3,7%), Leiria (3,6%) e Viseu (3,1%).

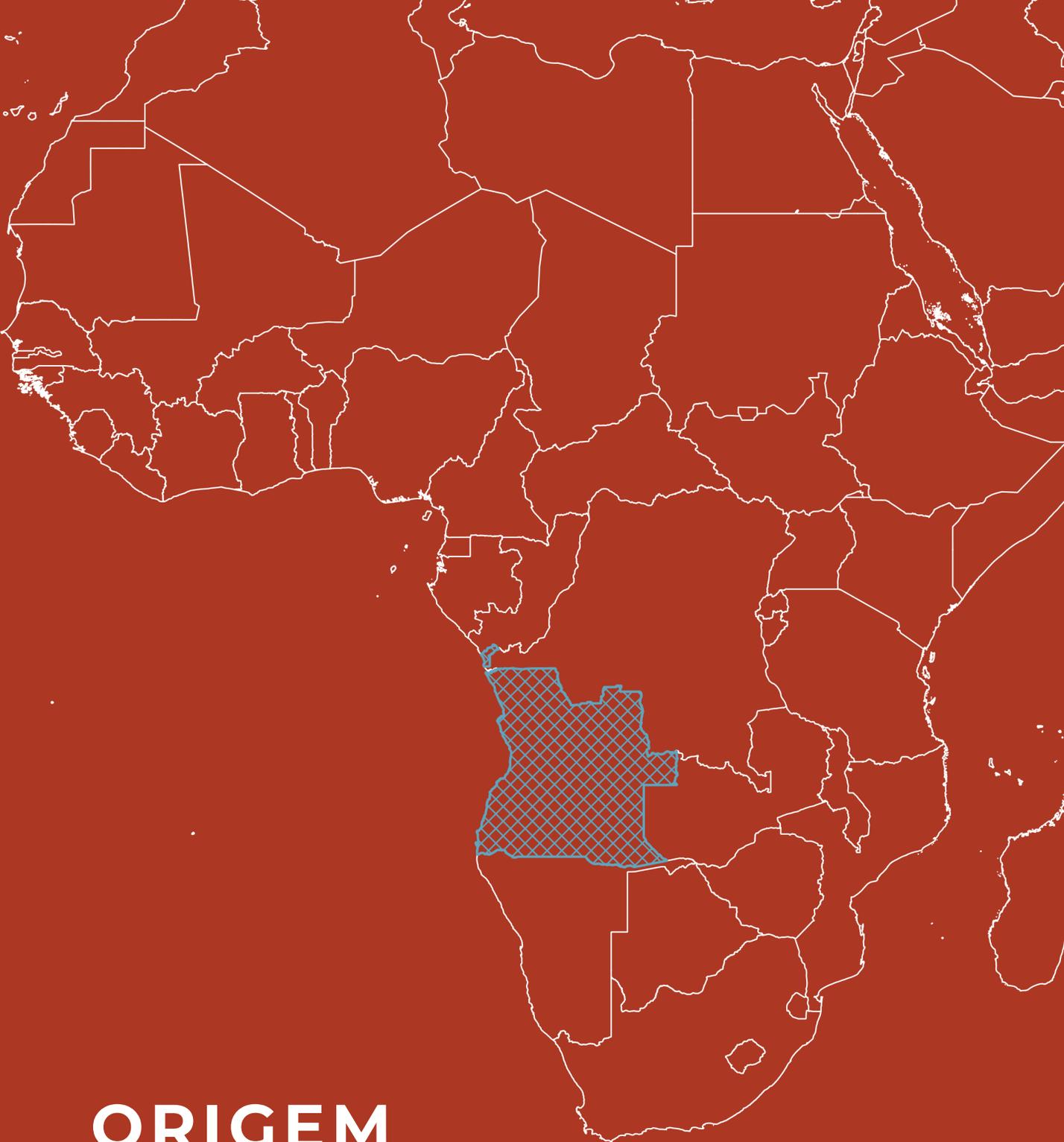
### OBSERVAÇÕES SOBRE O UNIVERSO E DADOS OMISSOS:

1l O universo dos alunos de origem alemã diminui quando analisada a sua geração, devido aos dados omissos na naturalidade do aluno. Os dados omissos correspondem a 5,69% em 2019/2020 e a 0,10% em 2012/2013.

2l

2.1l Em 2019/2020, o universo dos alunos de origem alemã utilizado para calcular a escolaridade familiar dominante corresponde a 3.393, o que significa existirem 4% de dados omissos na escolaridade familiar dominante. Em 2012/2013, a proporção de dados omissos era cerca do dobro (7,6%) (293 alunos de 3.857).

2.1l Esclarece-se que as percentagens de nível de escolaridade estão feitas considerando ainda os alunos cujos pais não têm habilitações: 0,2% em 2019/2020 e 0,1% em 2012/2013.



# ORIGEM ANGOLANA

CARACTERIZAÇÃO  
SOCIODEMOGRÁFICA  
E TERRITORIAL

---

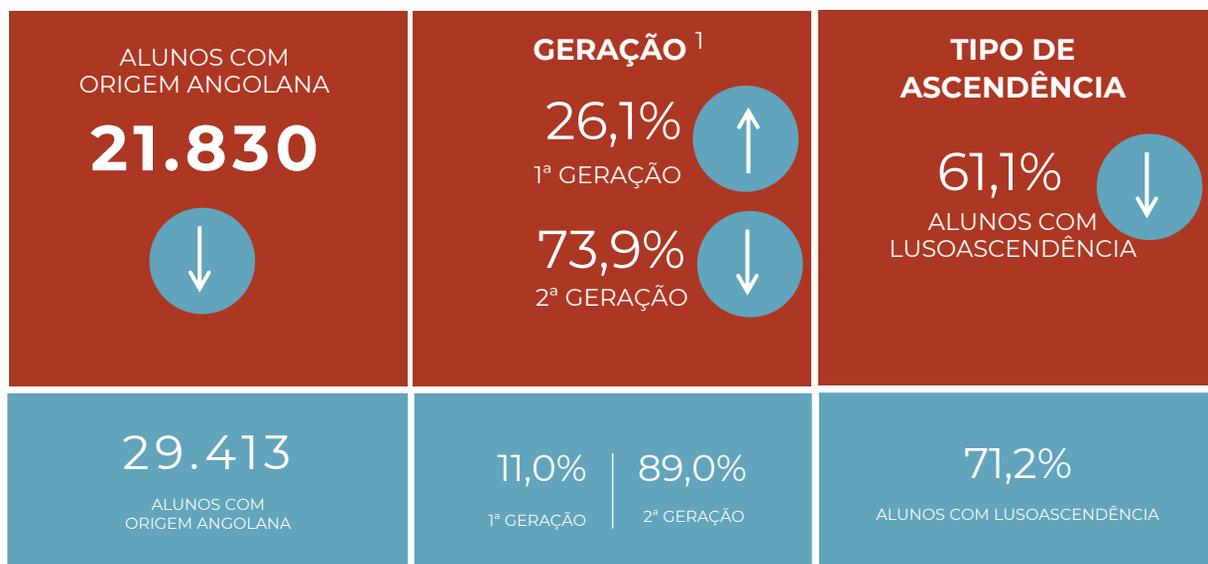
# ORIGEM NACIONAL ANGOLANA

## LEGENDA

- ANO LETIVO 2019/2020
- ANO LETIVO 2012/2013
- ↑ AUMENTOU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013
- ↓ DIMINUIU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013



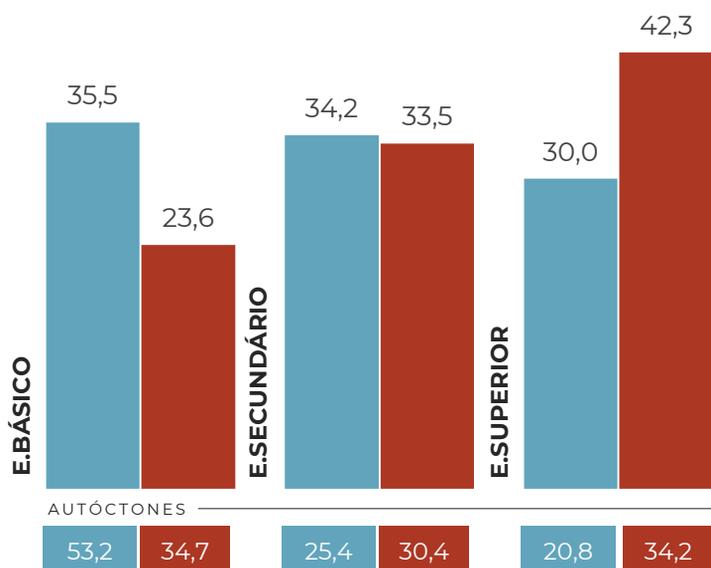
## CARACTERIZAÇÃO DEMOGRÁFICA



## ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE<sup>2</sup>



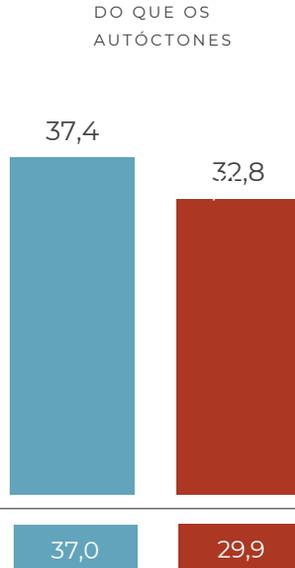
EM 2019-2020, 10,7% DOS ALUNOS TINHAM COMO ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE O ENSINO SUPERIOR, MAIS 0,5 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.



## AÇÃO SOCIAL ESCOLAR



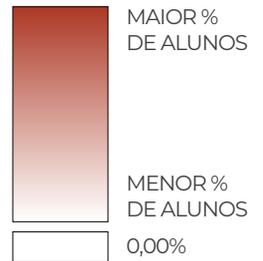
EM 2019-2020, 43,2% DOS ALUNOS TINHAM AÇÃO SOCIAL ESCOLAR, MAIS 2,9 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES



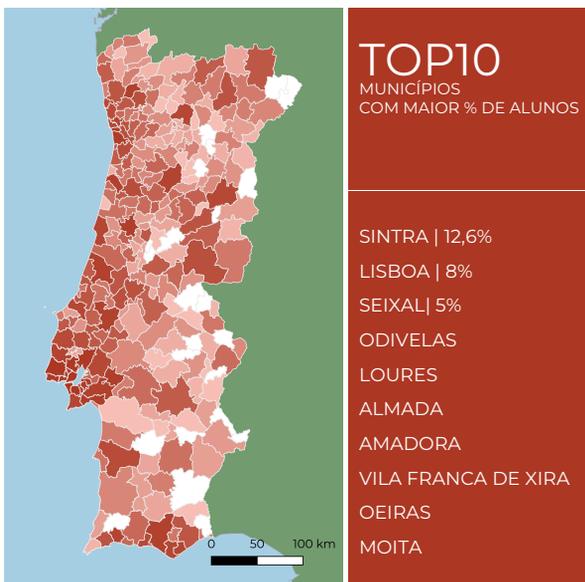
# ORIGEM ANGOLANA DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL

ALUNOS POR MUNICÍPIO (%)  
ANO LETIVO 2019/2020

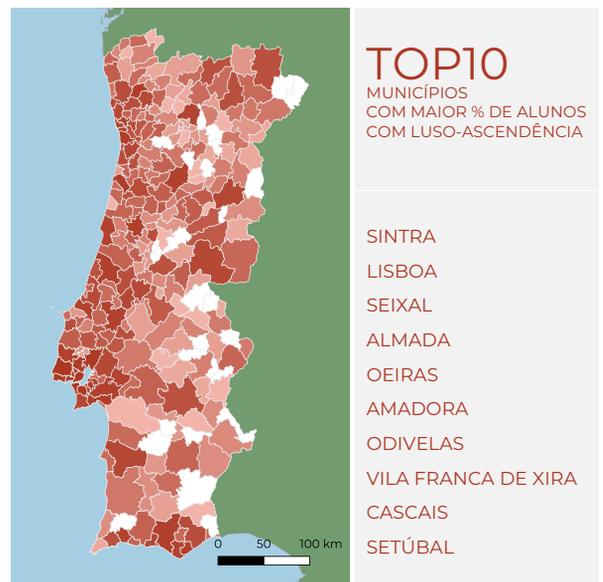
## LEGENDA



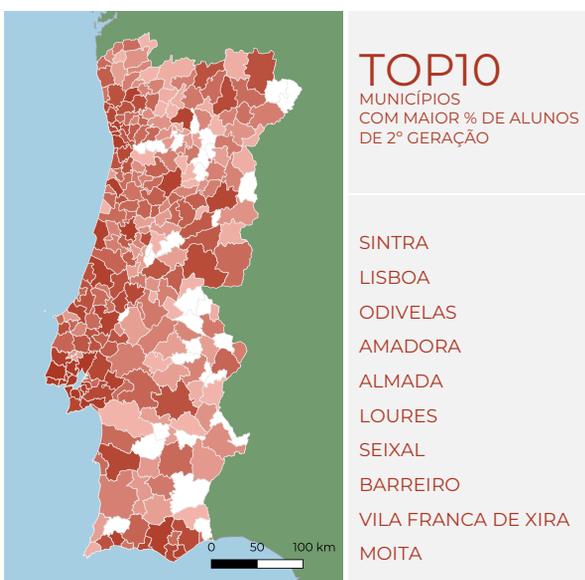
### A. TOTAL UNIVERSO: 21.830



### B. LUSOASCENDÊNCIA UNIVERSO: 13.329



### C. 2º GERAÇÃO UNIVERSO: 14.866



### D. 1º GERAÇÃO UNIVERSO: 5.263



NOTA | para apurar a distribuição territorial de alunos por município, foi calculada a percentagem de alunos de origem angolana que estuda em cada um dos municípios continentais portugueses, tendo como universo o total de alunos de origem angolana residente no país.

# SUMÁRIO

## ORIGEM ANGOLANA

1. Em 2019/2020 existiam 21.830 alunos com ascendência angolana, menos 7.583 do que em 2012/2013.
2. A grande maioria dos alunos são de 2ª geração (73,9%), menos 15,1 pontos percentuais (p.p.) do que em 2012/2013.
3. 61,1% dos alunos são lusodescendentes, menos 10,1 p.p. do que em 2012/2013.
4. A escolaridade familiar dominante dos alunos com origem angolana é mais elevada que a dos alunos autóctones: os primeiros têm 33,5% com o ensino secundário e 42,3% com o ensino superior, enquanto os segundos têm 30,4% e 34,2%, respetivamente.
5. É mais elevada a proporção de alunos de origem angolana que recorre ao apoio económico da ASE (32,8%) em relação aos seus pares autóctones (29,9%). É de notar que, entre os anos analisados, houve um distanciamento entre os dois grupos, indicativa de uma intensificação da desigualdade económica, o que se deveu a uma redução mais expressiva da proporção de beneficiários da ASE no caso dos autóctones.
6. Os concelhos onde existem mais alunos de origem angolana são Sintra (12,6%), Lisboa (8,0%) e Seixal (5,0%).

### OBSERVAÇÕES SOBRE O UNIVERSO E DADOS OMISSOS:

1| O universo dos alunos de origem angolana diminui quando analisada a sua geração, devido aos dados omissos na naturalidade do aluno. Os dados omissos correspondem a 7,8% em 2019/2020 e a 0,4% em 2012/2013.

2|

2.1| Em 2019/2020, o universo dos alunos de origem angolana utilizado para calcular a escolaridade familiar dominante corresponde a 19.391, o que significa existirem 11,2% de dados omissos na escolaridade familiar dominante. Em 2012/2013, a proporção de dados omissos era 8,8% de 29.413.

2.2| Esclarece-se que as percentagens referentes aos níveis de escolaridade familiar dominante estão calculadas considerando também os alunos cujos pais não têm habilitações: 0,6% em 2019/2020 e 0,2% em 2012/2013.



# ORIGEM BRASILEIRA

CARACTERIZAÇÃO  
SOCIODEMOGRÁFICA  
E TERRITORIAL

---

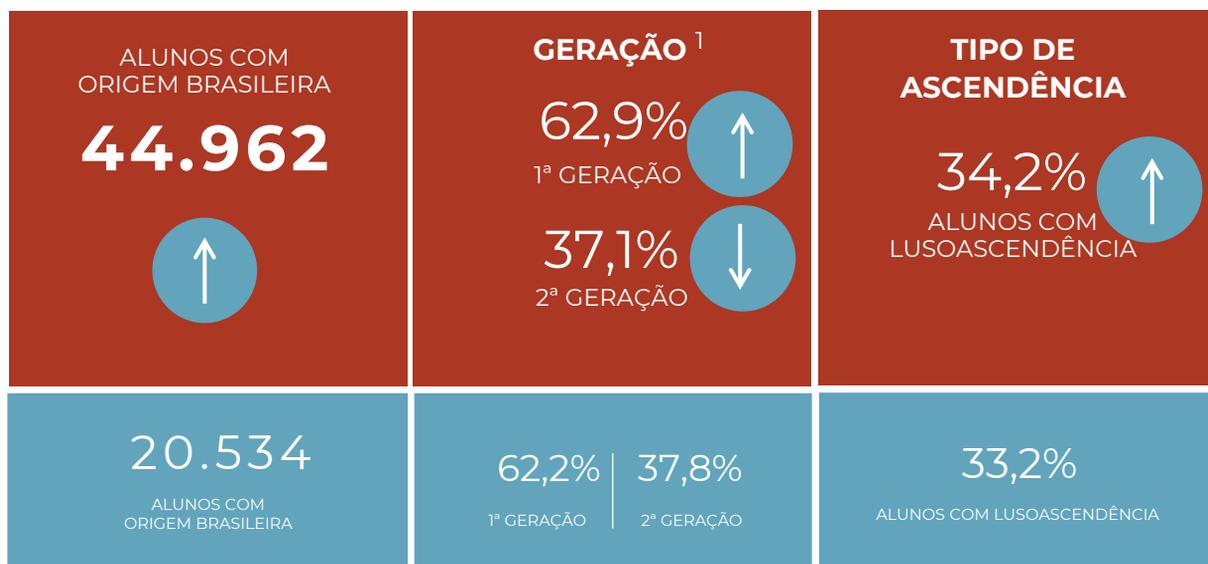
# ORIGEM NACIONAL BRASILEIRA

## LEGENDA

- ANO LETIVO 2019/2020
- ANO LETIVO 2012/2013
- ↑ AUMENTOU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013
- ↓ DIMINUIU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013



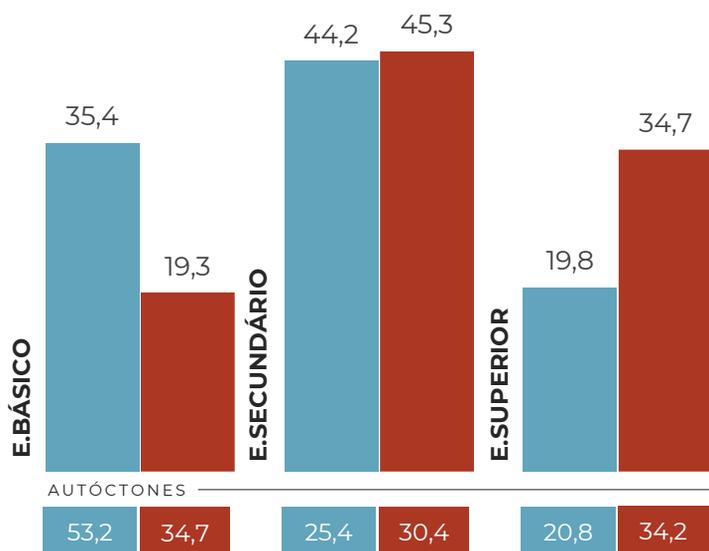
## CARACTERIZAÇÃO DEMOGRÁFICA



## ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE<sup>2</sup>



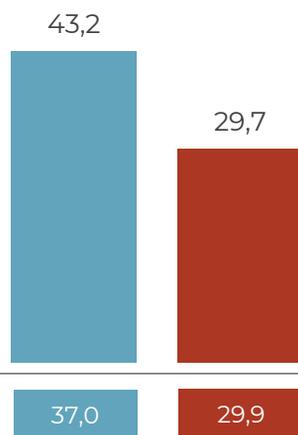
EM 2019-2020, 10,7% DOS ALUNOS TINHAM COMO ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE O ENSINO SUPERIOR, MAIS 0,5 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.



## AÇÃO SOCIAL ESCOLAR



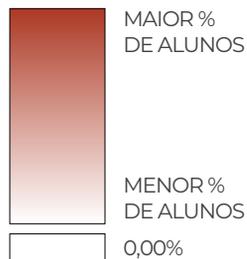
EM 2019-2020, 43,2% DOS ALUNOS TINHAM AÇÃO SOCIAL ESCOLAR, MENOS 0,2 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES



# ORIGEM BRASILEIRA DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL

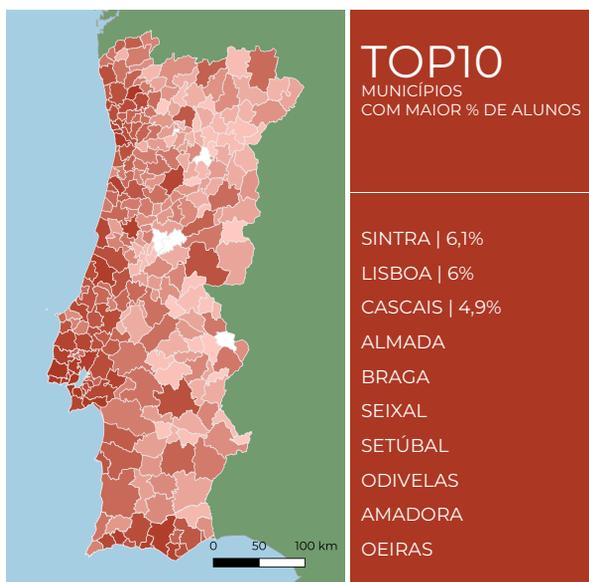
ALUNOS POR MUNICÍPIO (%)  
ANO LETIVO 2019/2020

## LEGENDA



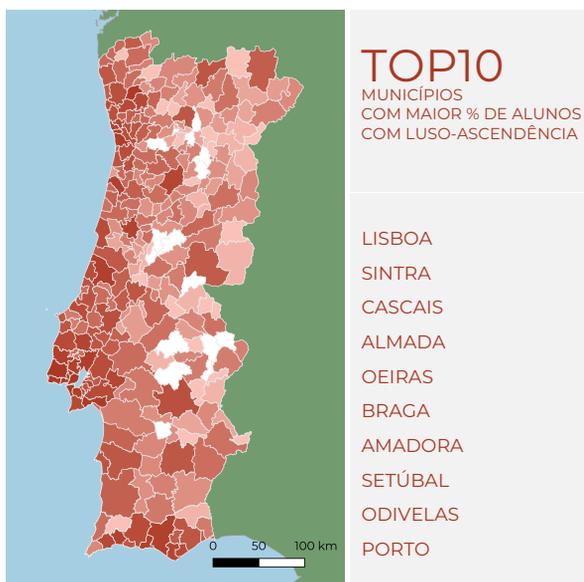
### A. TOTAL

UNIVERSO: 44.962



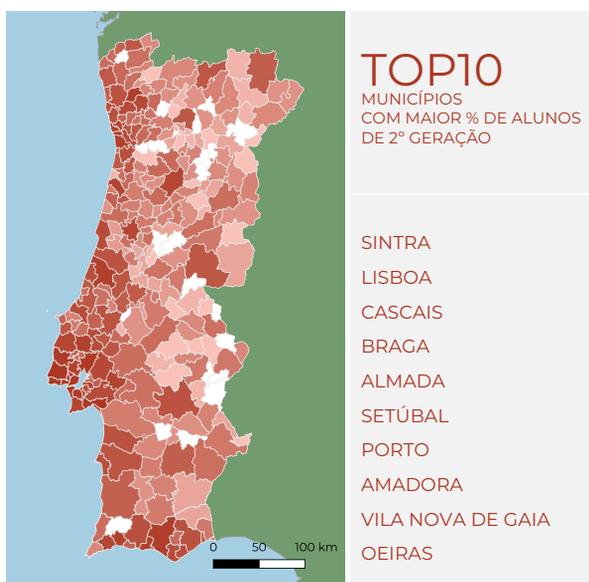
### B. LUSOASCENDÊNCIA

UNIVERSO: 15.397



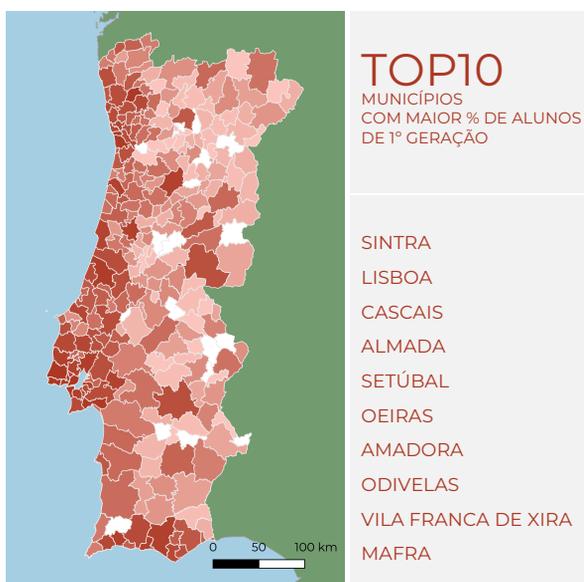
### C. 2º GERAÇÃO

UNIVERSO: 15.219



### D. 1º GERAÇÃO

UNIVERSO: 25.825



NOTA | para apurar a distribuição territorial de alunos por município, foi calculada a percentagem de alunos de origem brasileira que estuda em cada um dos municípios continentais portugueses, tendo como universo o total de alunos de origem brasileira residente no país.

# SUMÁRIO

## ORIGEM BRASILEIRA

1. Em 2019/2020 existiam 44.962 alunos com ascendência brasileira, mais 24.428 do que em 2012/2013.
2. A grande maioria dos alunos são de 1ª geração (62,9%), não se verificando uma diferença significativa entre os anos letivos em análise.
3. 34,2% dos alunos são lusodescendentes, menos 1,0 pontos percentuais (p.p.) do que em 2012/2013.
4. A escolaridade familiar dominante dos alunos com origem brasileira é mais elevada que a dos alunos autóctones: os primeiros têm 45,3% com o ensino secundário e 34,7% com o ensino superior, enquanto os segundos têm 30,4% e 34,2%, respetivamente.
5. É mais reduzida a proporção de alunos de origem brasileira que recorre ao apoio económico da ASE (29,7%) em relação aos seus pares autóctones (29,9%). É de notar que, entre os anos analisados, houve uma aproximação entre os dois grupos, indicativa de uma redução da desigualdade económica.
6. Os concelhos onde existem mais alunos de origem brasileira são Sintra (6,1%), Lisboa (6,0%) e Cascais (4,9%).

### OBSERVAÇÕES SOBRE O UNIVERSO E DADOS OMISSOS:

1l O universo dos alunos de origem brasileira diminui quando analisada a sua geração, devido aos dados omissos na naturalidade do aluno. Os dados omissos correspondem a 8,7% em 2019/2020 e a 0,3% em 2012/2013.

2l

2.1l Em 2019/2020, o universo dos alunos de origem brasileira utilizado para calcular a escolaridade familiar dominante corresponde a 36.231, o que significa existirem 19,4% de dados omissos na escolaridade familiar dominante. Em 2012/2013, a proporção de dados omissos era 23,4% de 20.534.

2.2l | Esclarece-se que as percentagens referentes aos níveis de escolaridade familiar dominante estão calculadas considerando também os alunos cujos pais não têm habilitações: 0,8% em 2019/2020 e 0,5% em 2012/2013.

# ORIGEM BRITÂNICA

CARACTERIZAÇÃO  
SOCIODEMOGRÁFICA  
E TERRITORIAL

---



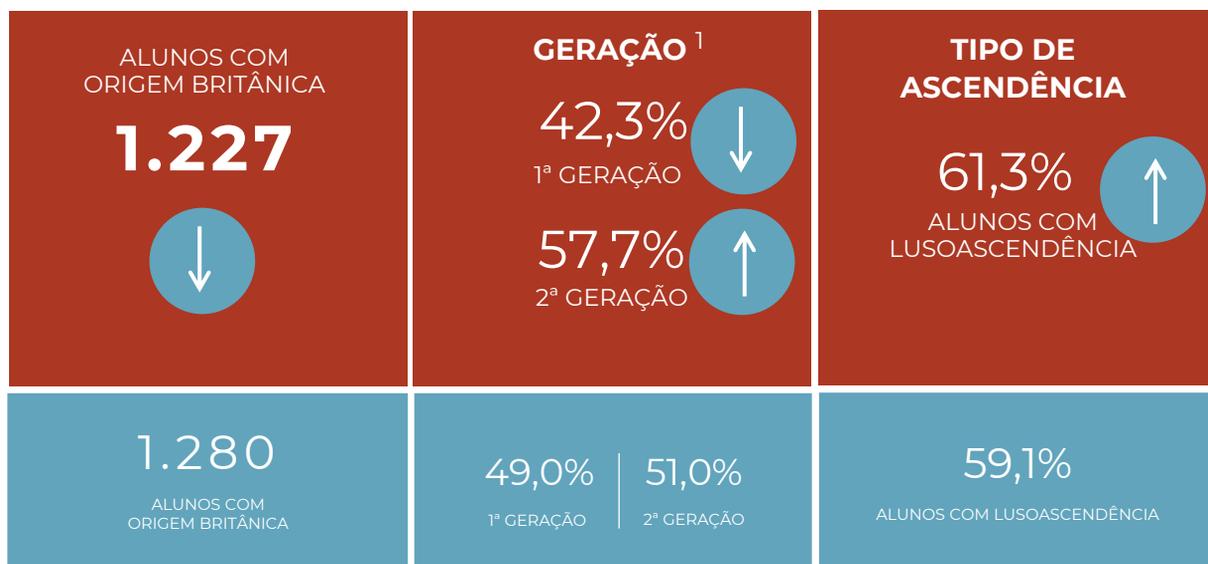
# ORIGEM NACIONAL BRITÂNICA

## LEGENDA

- ANO LETIVO 2019/2020
- ANO LETIVO 2012/2013
- ↑ AUMENTOU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013
- ↓ DIMINUIU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013



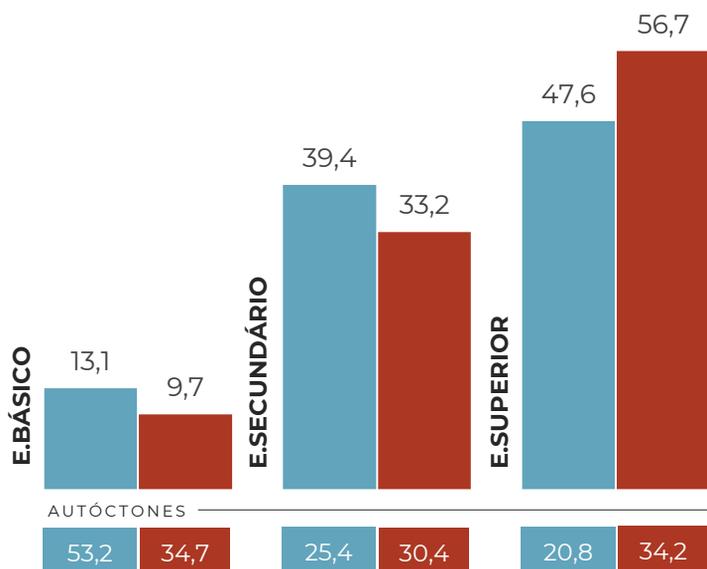
## CARACTERIZAÇÃO DEMOGRÁFICA



## ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE<sup>2</sup>



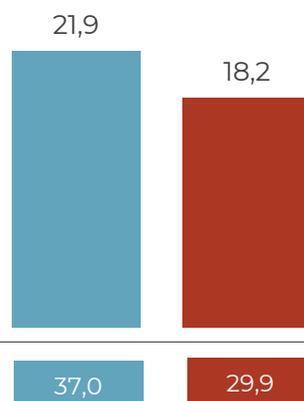
EM 2019-2020, 56,7% DOS ALUNOS TINHAM COMO ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE O ENSINO SUPERIOR, MAIS 22,5 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.



## AÇÃO SOCIAL ESCOLAR



EM 2019-2020, 18,2% DOS ALUNOS TINHAM AÇÃO SOCIAL ESCOLAR, MENOS 11,7 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.



# ORIGEM BRITÂNICA

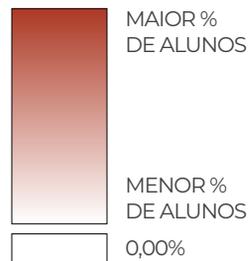
# DISTRIBUIÇÃO

# TERRITORIAL

ALUNOS POR MUNICÍPIO (%)

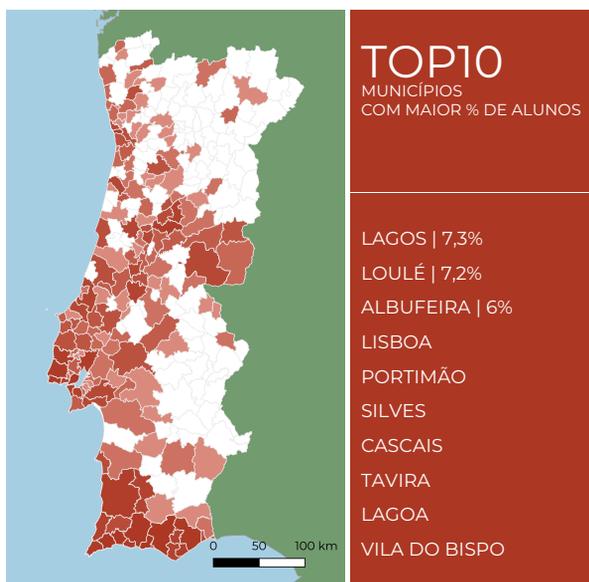
ANO LETIVO 2019/2020

## LEGENDA



### A. TOTAL

UNIVERSO: 1.227



### B. LUSOASCENDÊNCIA

UNIVERSO: 752



### C. 2º GERAÇÃO

UNIVERSO: 667



### D. 1º GERAÇÃO

UNIVERSO: 488



NOTA | para apurar a distribuição territorial de alunos por município, foi calculada a percentagem de alunos de origem britânica que estuda em cada um dos municípios continentais portugueses, tendo como universo o total de alunos de origem britânica residente no país.

# SUMÁRIO

## ORIGEM BRITÂNICA

1. Em 2019/2020 existiam 1.227 alunos com ascendência britânica, menos 53 do que em 2012/2013.
2. A maioria dos alunos são de 2º geração (57,7%), não se verificando uma diferença relevante entre os anos letivos em análise.
3. 61,3% dos alunos são lusodescendentes, mais 2,2 pontos percentuais do que em 2012/2013.
4. A escolaridade familiar dominante dos alunos com origem britânica é mais elevada do que os alunos autóctones: os primeiros têm 33,2% com ensino secundário e 56,7% com ensino superior, enquanto os segundos têm 30,4% e 34,2%, respetivamente.
5. É mais reduzida a proporção de alunos de origem britânica que recorre ao apoio económico da ASE (18,2%) em relação aos seus pares autóctones (29,9%). No entanto, entre os anos analisados, houve uma aproximação entre os dois grupos, indicativa de uma redução da desigualdade entre a situação económica das famílias dos alunos de origem britânica e das famílias dos alunos autóctones, favorável aos segundos.
6. Os concelhos onde existem mais alunos de origem britânica são Lagos (7,3%), Loulé (7,2%) e Albufeira (6%). A maioria dos alunos situam-se no litoral do país, sendo de ressaltar a sua concentração sobretudo na região do Algarve, mas também na Área Metropolitana de Lisboa.

### OBSERVAÇÕES SOBRE O UNIVERSO E DADOS OMISSOS:

1| O universo dos alunos de origem britânica diminui quando analisada a sua geração, devido aos dados omissos na naturalidade do aluno. Os dados omissos correspondem a 5,87% em 2019/2020 e a 0,31% em 2012/2013.

2|

2.1| Em 2019/2020, o universo dos alunos de origem britânica utilizado para calcular a escolaridade familiar dominante corresponde a 1.087, o que significa existirem 11,4% de dados omissos na escolaridade familiar dominante. Em 2012/2013, a proporção de dados omissos era cerca do dobro (20,2%) (259 alunos de 1.280).

2.2| Esclarece-se que as de nível de escolaridade estão feitas considerando ainda os alunos cujos pais não têm habilitações: 0,5% em 2019/2020 e 0% em 2012/2013.



# ORIGEM CABOVERDIANA

CARACTERIZAÇÃO  
SOCIODEMOGRÁFICA  
E TERRITORIAL

---

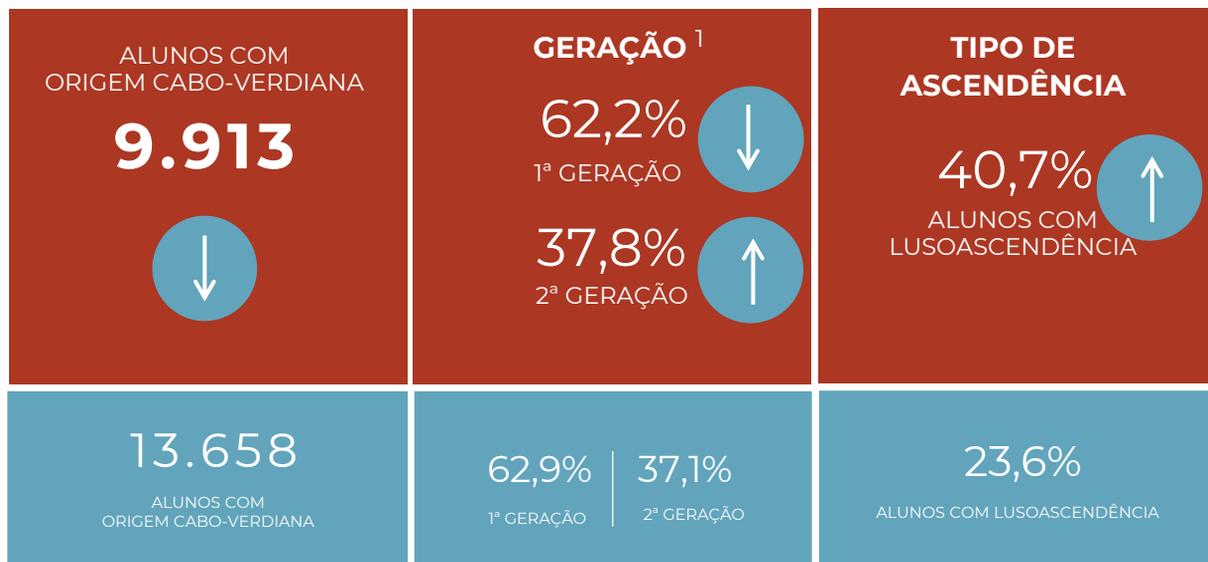
# ORIGEM NACIONAL CABO-VERDIANA

## LEGENDA

- ANO LETIVO 2019/2020
- ANO LETIVO 2012/2013
- ↑ AUMENTOU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013
- ↓ DIMINUIU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013



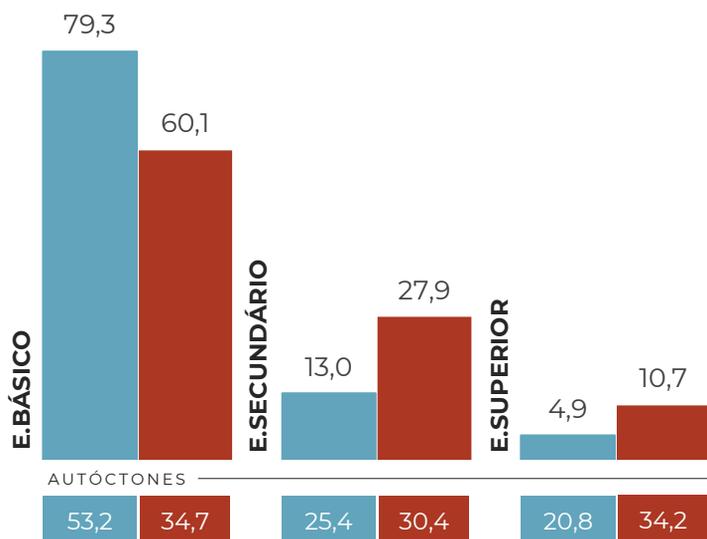
## CARACTERIZAÇÃO DEMOGRÁFICA



## ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE<sup>2</sup>



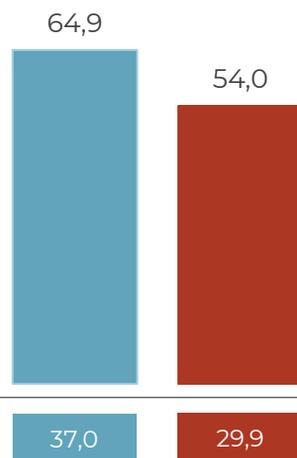
EM 2019-2020, 10,7% DOS ALUNOS TINHAM COMO ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE O ENSINO SUPERIOR, MENOS 23,5 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.



## AÇÃO SOCIAL ESCOLAR



EM 2019-2020, 54,0% DOS ALUNOS TINHAM AÇÃO SOCIAL ESCOLAR, MAIS 24,1 P.P. DO NO CASO DOS AUTÓCTONES

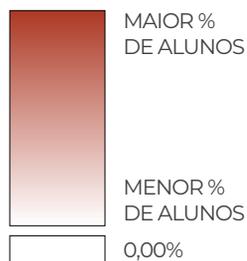


# ORIGEM CABO-VERDIANA

## DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL

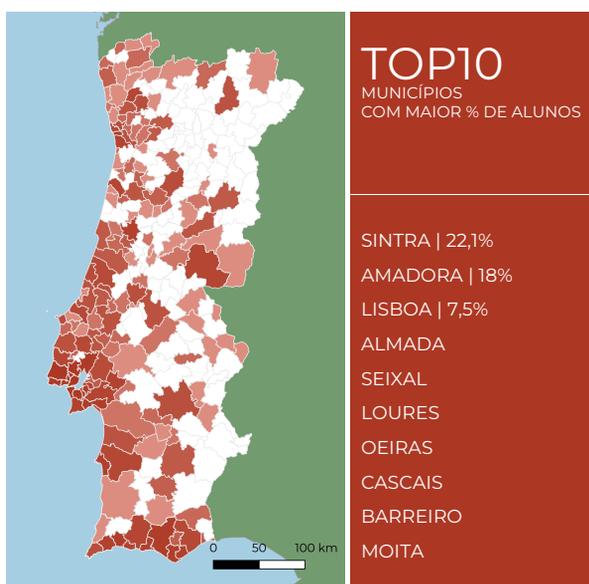
ALUNOS POR MUNICÍPIO (%)  
ANO LETIVO 2019/2020

### LEGENDA



### A. TOTAL

UNIVERSO: 9.913



### B. LUSOASCENDÊNCIA

UNIVERSO: 4.035



### C. 2º GERAÇÃO

UNIVERSO: 6.026



### D. 1º GERAÇÃO

UNIVERSO: 3.209



NOTA | para apurar a distribuição territorial de alunos por município, foi calculada a percentagem de alunos de origem cabo-verdiana que estuda em cada um dos municípios continentais portugueses, tendo como universo o total de alunos de origem cabo-verdiana residente no país.

# SUMÁRIO

## ORIGEM CABO-VERDIANA

1. Em 2019/2020 existiam 9.913 alunos com ascendência cabo-verdiana, menos 3.745 do que em 2012/2013.
2. A maioria dos alunos são de 1ª geração (62,2%), não se verificando uma diferença significativa entre os anos letivos em análise.
3. 40,7% dos alunos são lusodescendentes, menos 17,1 pontos percentuais (p.p.) do que em 2012/2013.
4. A escolaridade familiar dominante dos alunos com origem cabo-verdiana é menor que a dos alunos autóctones: os primeiros têm 27,9% com o ensino secundário e 10,7% com o ensino superior, enquanto os segundos têm 30,4% e 34,2%, respetivamente.
5. É mais elevada a proporção de alunos de origem cabo-verdiana que recorre ao apoio económico da ASE (54,0%) em relação aos seus pares autóctones (29,9%). É de notar que, entre os anos analisados, houve uma ligeira aproximação entre os dois grupos, permanecendo uma proporção de beneficiários da ASE bastante elevada no caso dos alunos de origem cabo-verdiana.
6. Os concelhos onde existem mais alunos de origem cabo-verdiana são Sintra (22,1%), Amadora (18,0%) e Lisboa (7,5%).

### OBSERVAÇÕES SOBRE O UNIVERSO E DADOS OMISSOS:

1| O universo dos alunos de origem cabo-verdiana diminui quando analisada a sua geração, devido aos dados omissos na naturalidade do aluno. Os dados omissos correspondem a 6,8% em 2019/2020 e a 0,8% em 2012/2013.

2|

2.1| Em 2019/2020, o universo dos alunos de origem cabo-verdiana utilizado para calcular a escolaridade familiar dominante corresponde a 8.270, o que significa existirem 16,6% de dados omissos na escolaridade familiar dominante. Em 2012/2013, a proporção de dados omissos era cerca do dobro (27,0%) (3.684 alunos de 13.658).

2.2| Esclarece-se que as percentagens referentes aos níveis de escolaridade familiar dominante estão calculadas considerando também os alunos cujos pais não têm habilitações: 1,3% em 2019/2020 e 2,8% em 2012/2013.



# ORIGEM CHINESA

CARACTERIZAÇÃO  
SOCIODEMOGRÁFICA  
E TERRITORIAL

---

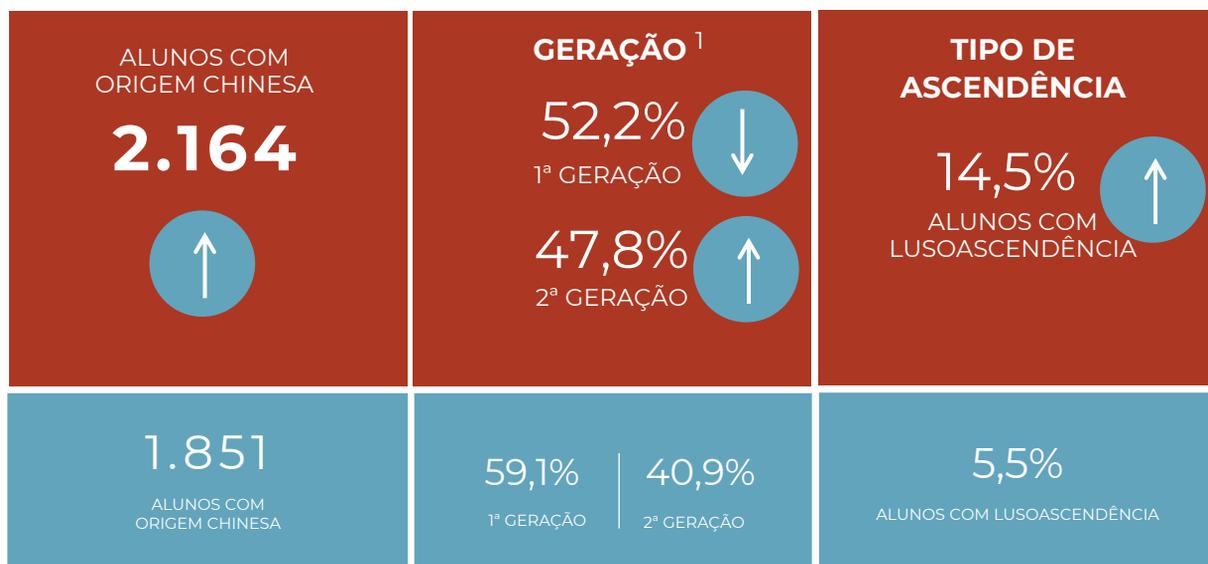
# ORIGEM NACIONAL CHINESA

## LEGENDA

- ANO LETIVO 2019/2020
- ANO LETIVO 2012/2013
- ↑ AUMENTOU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013
- ↓ DIMINUIU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013



## CARACTERIZAÇÃO DEMOGRÁFICA



## ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE <sup>2</sup>

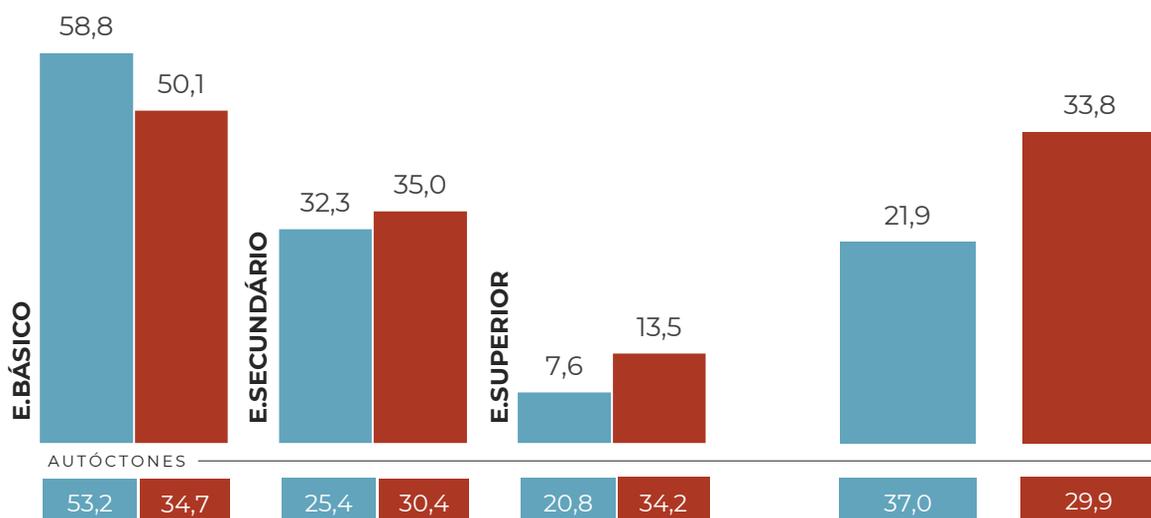


EM 2019-2020, 13,5% DOS ALUNOS TINHAM COMO ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE O ENSINO SUPERIOR, MENOS 20,7 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.

## AÇÃO SOCIAL ESCOLAR



EM 2019-2020, 33,8% DOS ALUNOS TINHAM AÇÃO SOCIAL ESCOLAR, MAIS 3,9 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.



# ORIGEM CHINESA

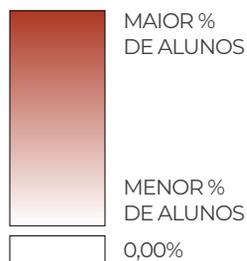
# DISTRIBUIÇÃO

# TERRITORIAL

ALUNOS POR MUNICÍPIO (%)

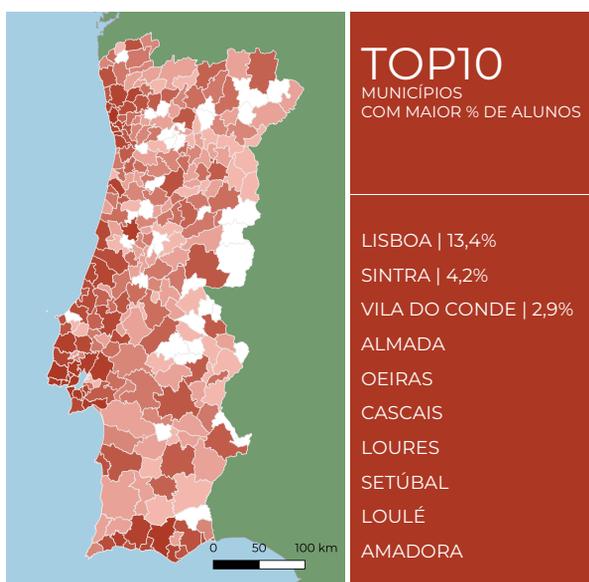
ANO LETIVO 2019/2020

## LEGENDA



### A. TOTAL

UNIVERSO: 2.164



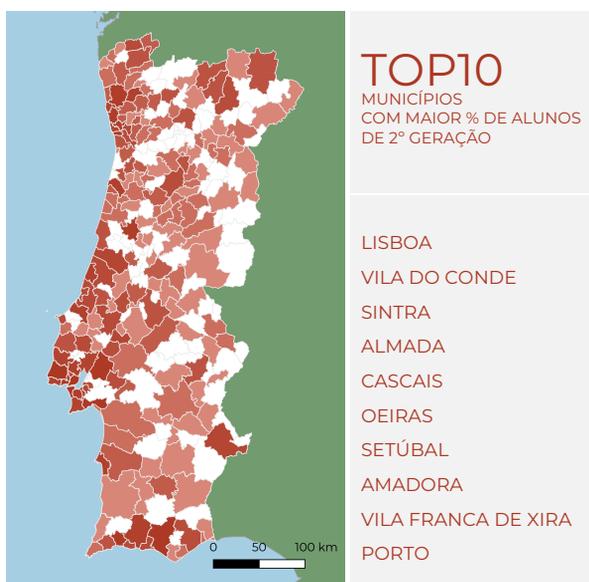
### B. LUSOASCENDÊNCIA

UNIVERSO: 314



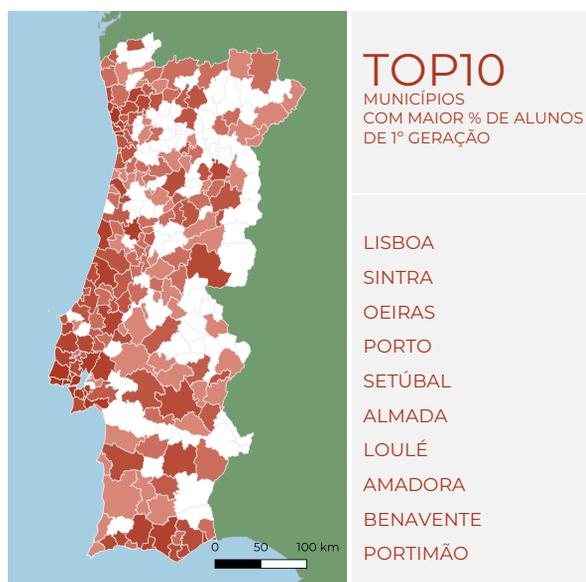
### C. 2º GERAÇÃO

UNIVERSO: 958



### D. 1º GERAÇÃO

UNIVERSO: 1.046



NOTA | para apurar a distribuição territorial de alunos por município, foi calculada a percentagem de alunos de origem chinesa que estuda em cada um dos municípios continentais portugueses, tendo como universo o total de alunos de origem chinesa residente no país.

# SUMÁRIO

## ORIGEM CHINESA

1. Em 2019/2020 existiam 2.164 alunos com ascendência chinesa, mais 313 do que em 2012/2013.
2. A maioria dos alunos são de 1ª geração (52,2%), menos 6,9 pontos percentuais (p.p.) entre os anos letivos em análise.
3. 14,5% dos alunos são lusodescendentes, mais 9 p.p. do que em 2012/2013.
4. A escolaridade familiar dominante dos alunos com origem chinesa é menor que a dos alunos autóctones: os primeiros têm 35,0% com o ensino secundário e 14,5% com o ensino superior, enquanto os segundos têm 30,4% e 34,2%, respetivamente.
5. É ligeiramente maior a proporção de alunos de origem chinesa que recorre ao apoio económico da ASE (33,8%) em relação aos seus pares autóctones (29,9%). É de notar que, entre os anos analisados, houve uma aproximação entre os dois grupos, que se deveu a aumento da proporção de alunos de origem chinesa beneficiários de ASE (mais 11,9 p.p. do que em 2012/2013).
6. Os concelhos onde existem mais alunos de origem chinesa são Lisboa (13,4%), Sintra (4,2%) e Vila do Conde (2,9%).

### OBSERVAÇÕES SOBRE O UNIVERSO E DADOS OMISSOS:

1l O universo dos alunos de origem chinesa diminui quando analisada a sua geração, devido aos dados omissos na naturalidade do aluno. Os dados omissos correspondem a 7,4% em 2019/2020 e a 0,05% em 2012/2013.

2l

2.1l Em 2019/2020, o universo dos alunos de origem chinesa utilizado para calcular a escolaridade familiar dominante corresponde a 1.628, o que significa existirem 24,8% de dados omissos na escolaridade familiar dominante. Em 2012/2013, a proporção de dados omissos era cerca do dobro (46,8%) (866 alunos de 1.851).

2.2l Esclarece-se que as percentagens referentes aos níveis de escolaridade familiar dominante estão calculadas considerando também os alunos cujos pais não têm habilitações: 1,5% em 2019/2020 e 1,3% em 2012/2013.

# ORIGEM ESPANHOLA

CARACTERIZAÇÃO  
SOCIODEMOGRÁFICA  
E TERRITORIAL

---



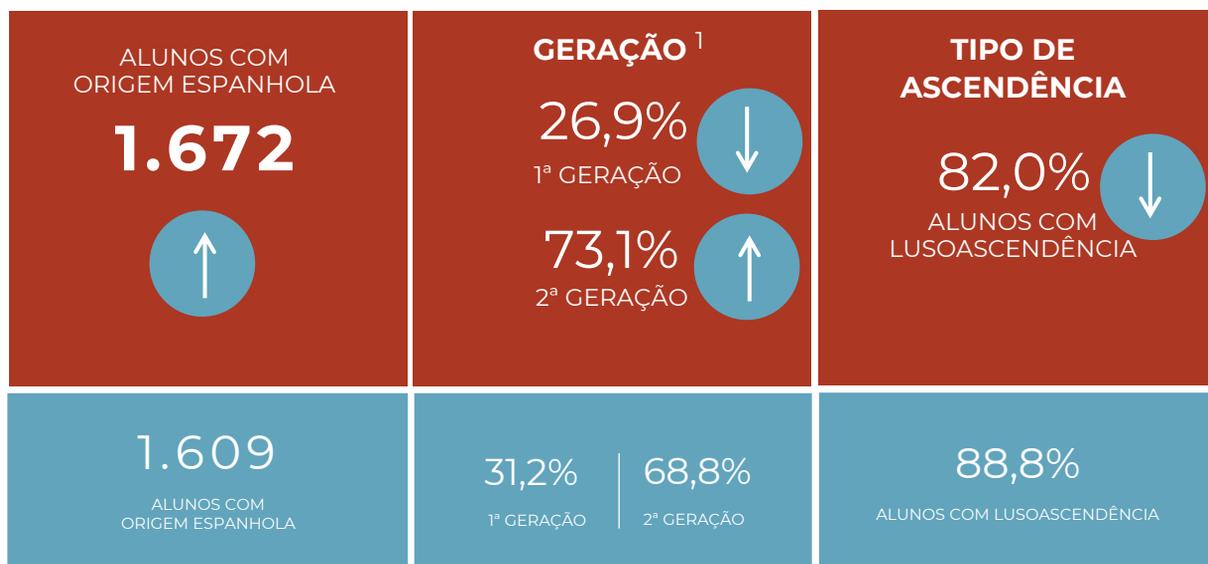
# ORIGEM NACIONAL ESPANHOLA

## LEGENDA

- ANO LETIVO 2019/2020
- ANO LETIVO 2012/2013
- ⬆ AUMENTOU  
EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013
- ⬇ DIMINUIU  
EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013



## CARACTERIZAÇÃO DEMOGRÁFICA



## ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE<sup>2</sup>

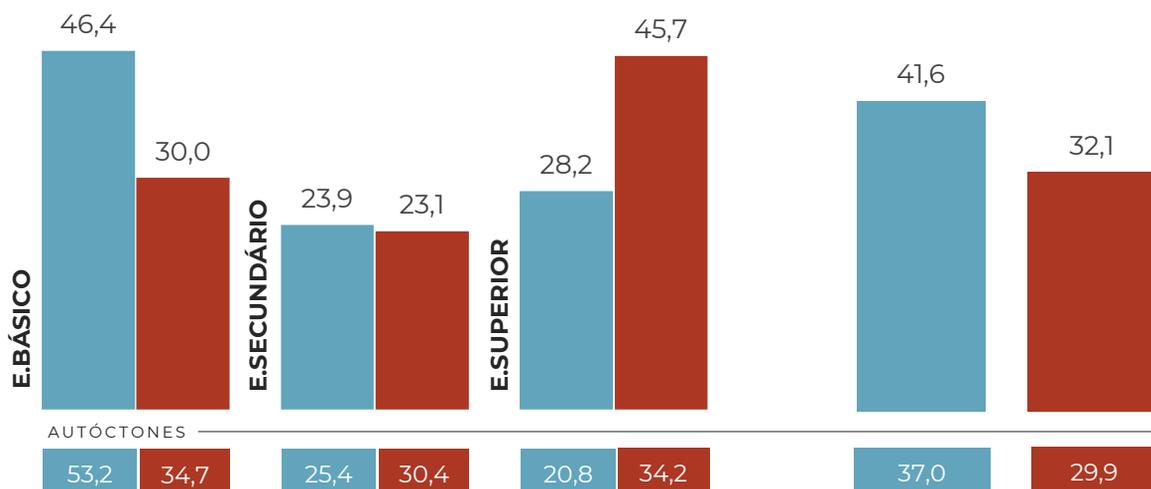


EM 2019-2020, 45,7% DOS ALUNOS TINHAM COMO ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE O ENSINO SUPERIOR, MAIS 11,5 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.

## AÇÃO SOCIAL ESCOLAR



EM 2019-2020, 32,1% DOS ALUNOS TINHAM AÇÃO SOCIAL ESCOLAR, MAIS 2,2 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.



# ORIGEM ESPANHOLA

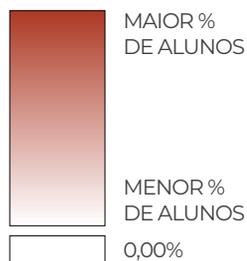
# DISTRIBUIÇÃO

# TERRITORIAL

ALUNOS POR MUNICÍPIO (%)

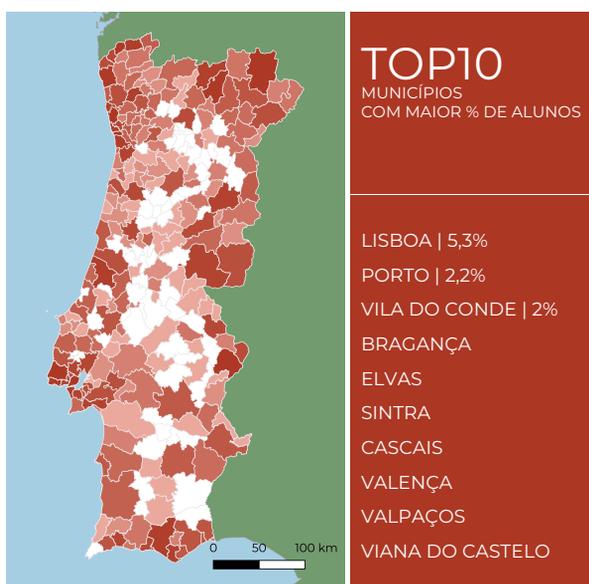
ANO LETIVO 2019/2020

## LEGENDA



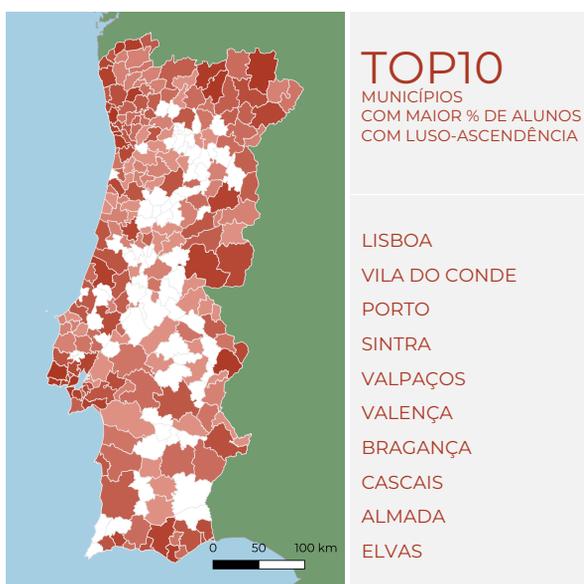
### A. TOTAL

UNIVERSO: 1.672



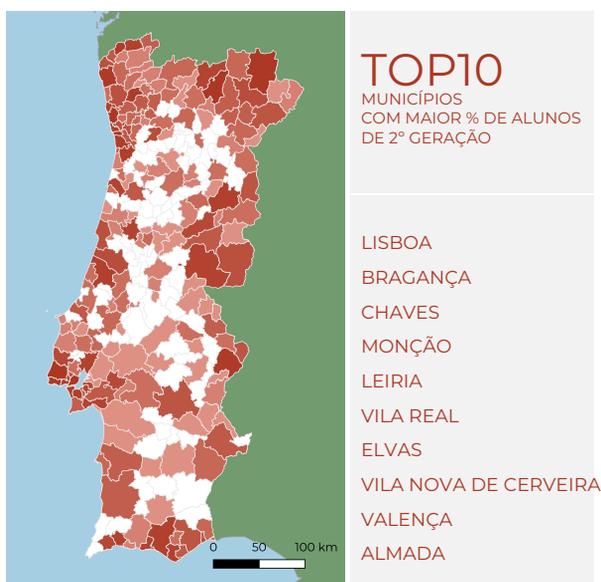
### B. LUSOASCENDÊNCIA

UNIVERSO: 1.371



### C. 2º GERAÇÃO

UNIVERSO: 1.139



### D. 1º GERAÇÃO

UNIVERSO: 419



NOTA | para apurar a distribuição territorial de alunos por município, foi calculada a percentagem de alunos de origem espanhola que estuda em cada um dos municípios continentais portugueses, tendo como universo o total de alunos de origem espanhola residente no país.

# SUMÁRIO

## ORIGEM ESPANHOLA

1. Em 2019/2020 existiam 1.672 alunos com ascendência espanhola, mais 63 do que em 2012/2013.
2. A maioria dos alunos são de 2º geração (73,1%), não se verificando uma diferença relevante entre os anos letivos em análise.
3. 82% dos alunos são lusodescendentes, menos 6,8 pontos percentuais do que em 2012/13
4. A escolaridade familiar dominante dos alunos com origem espanhola é mais elevada do que os alunos autóctones: os primeiros têm 23,1% com ensino secundário e 45,7% com ensino superior, enquanto os segundos têm 30,4% e 34,2%, respetivamente.
5. É mais elevada a proporção de alunos de origem espanhola que recorre ao apoio económico da ASE (32,1%) em relação aos seus pares autóctones (29,9%). No entanto, entre os anos analisados, houve uma aproximação entre os dois grupos, indicativa de uma redução da desigualdade entre a situação económica das famílias dos alunos de origem espanhola e das famílias dos alunos autóctones.
6. Os concelhos onde existem mais alunos de origem espanhola são Lisboa (5,3%), Porto (2,2%) e Vila do Conde (2%). A maioria dos alunos situam-se tanto no litoral do país como junto à fronteira com Espanha.

### OBSERVAÇÕES SOBRE O UNIVERSO E DADOS OMISSOS:

1| O universo dos alunos de origem espanhola diminui quando analisada a sua geração, devido aos dados omissos na naturalidade do aluno. Os dados omissos correspondem a 6,82% em 2019/2020 e a 0,37% em 2012/2013.

2|

2.1| Em 2019/2020, o universo dos alunos de origem espanhola utilizado para calcular a escolaridade familiar dominante corresponde a 1.528, o que significa existirem 8,6% de dados omissos na escolaridade familiar dominante. Em 2012/2013, a proporção de dados omissos era cerca do dobro (15,9%) (256 alunos de 1.609).

2.2| Esclarece-se que as percentagens de nível de escolaridade estão feitas considerando ainda os alunos cujos pais não têm habilitações: 1,2% em 2019/2020 e 1,5% em 2012/2013.

# ORIGEM FRANCESA

CARACTERIZAÇÃO  
SOCIODEMOGRÁFICA  
E TERRITORIAL

---



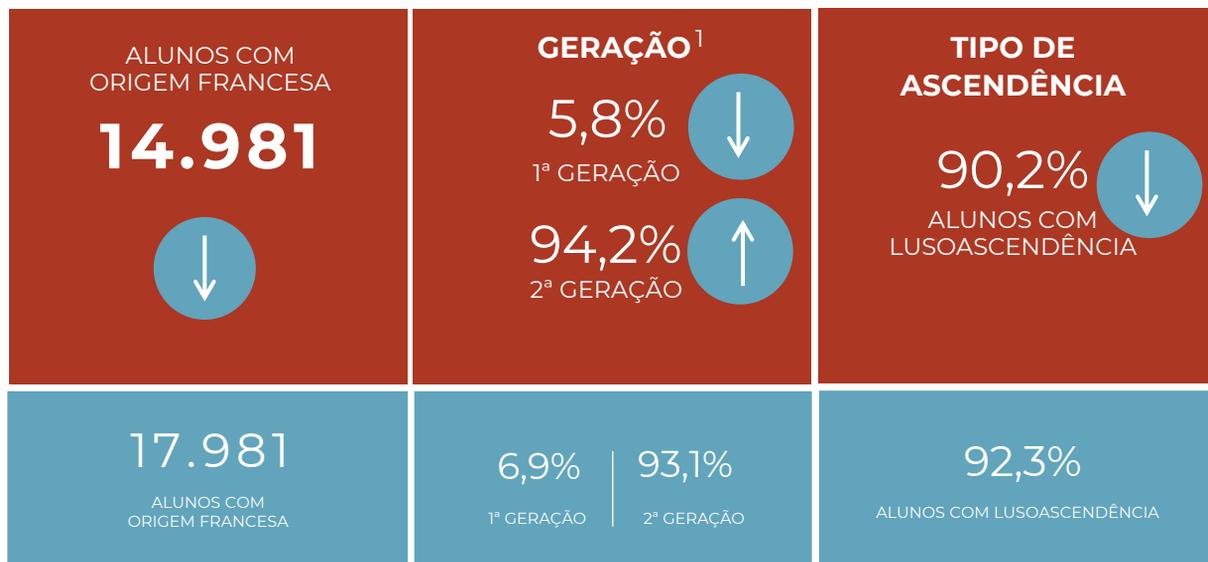
# ORIGEM NACIONAL FRANCESA

## LEGENDA

- ANO LETIVO 2019/2020
- ANO LETIVO 2012/2013
- ↑ AUMENTOU  
EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013
- ↓ DIMINUIU  
EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013



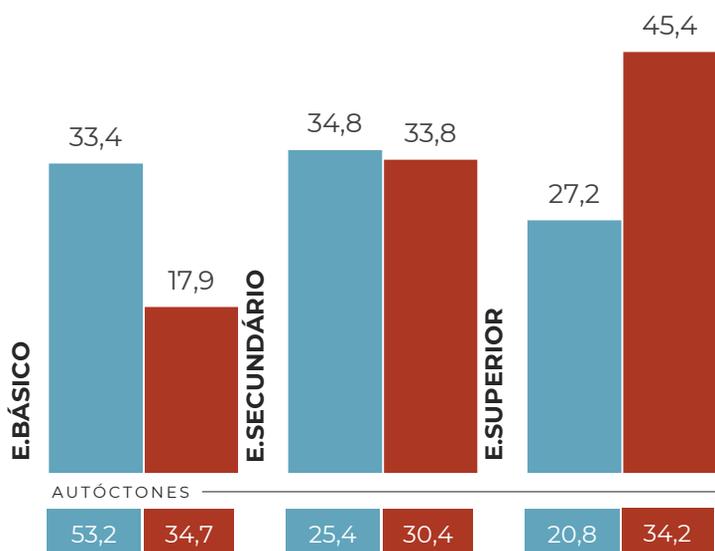
## CARACTERIZAÇÃO DEMOGRÁFICA



## ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE<sup>2</sup>



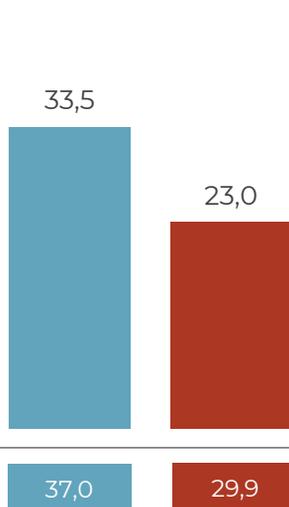
EM 2019-2020, 45,5% DOS ALUNOS TINHAM COMO ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE O ENSINO SUPERIOR, + 12,5 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.



## AÇÃO SOCIAL ESCOLAR



EM 2019-2020, 23,0% DOS ALUNOS TINHAM AÇÃO SOCIAL ESCOLAR, - 6,9 P.P. DO NO CASO DOS AUTÓCTONES

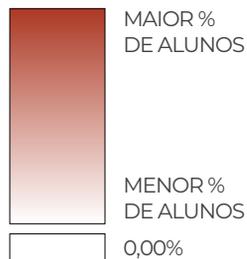


# ORIGEM FRANCESA DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL

ALUNOS POR MUNICÍPIO (%)

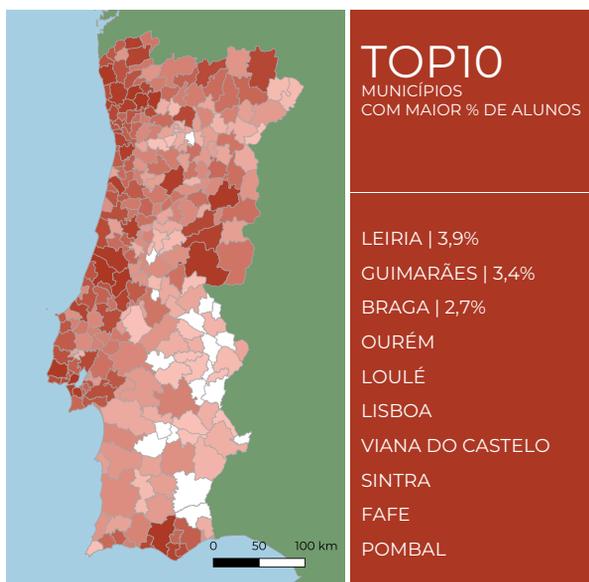
ANO LETIVO 2019/2020

## LEGENDA



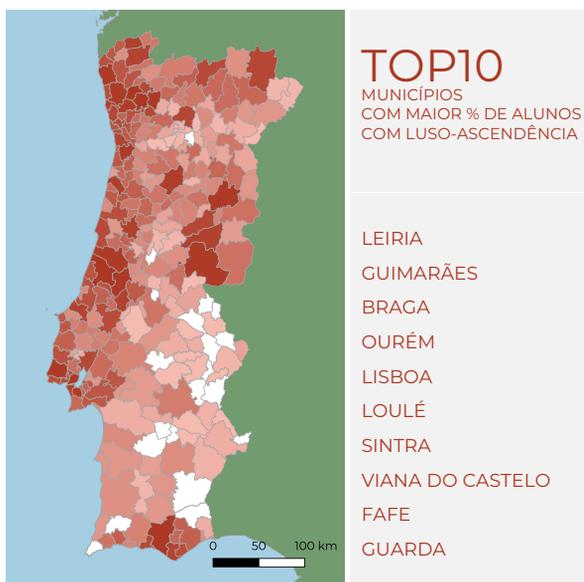
### A. TOTAL

UNIVERSO: 14.981



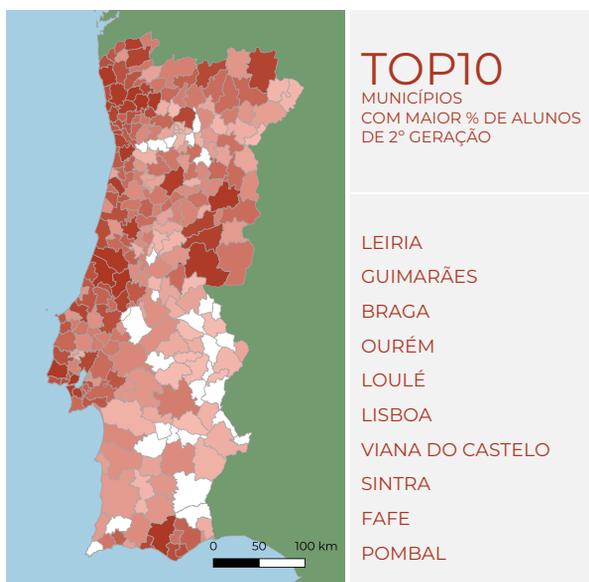
### B. LUSOASCENDÊNCIA

UNIVERSO: 13.507



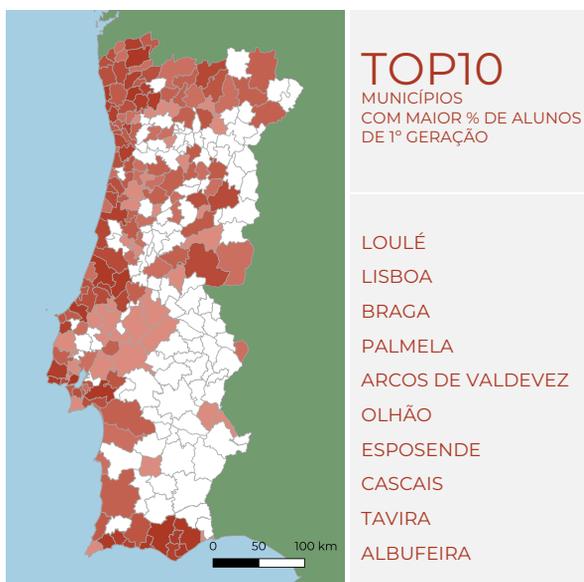
### C. 2º GERAÇÃO

UNIVERSO: 13.561



### D. 1º GERAÇÃO

UNIVERSO: 841



NOTA | para apurar a distribuição territorial de alunos por município, foi calculada a percentagem de alunos de origem francesa que estuda em cada um dos municípios continentais portugueses, tendo como universo o total de alunos de origem francesa residente no país.

# SUMÁRIO

## ORIGEM FRANCESA

1. Em 2019/2020 existiam 14.981 alunos com ascendência francesa, menos 3.000 do que em 2012/2013.
2. A grande maioria dos alunos são de 2º geração (94,2%), não se verificando uma diferença relevante entre os anos letivos em análise.
3. 90,2% dos alunos são lusodescendentes, menos 2,1 pontos percentuais do que em 2012/13.
4. A escolaridade familiar dominante dos alunos com origem francesa é mais elevada do que os alunos autóctones: os primeiros têm 33,8% com ensino secundário e 45,4% com ensino superior, enquanto os segundos têm 30,4% e 34,2%, respetivamente.
5. É mais reduzida a proporção de alunos de origem francesa que recorre ao apoio económico da ASE (23%) em relação aos seus pares autóctones (29,9%). É de notar que, entre os anos analisados, houve um distanciamento entre os dois grupos, indicativo de uma intensificação da desigualdade entre a situação económica das famílias dos alunos de origem francesa e das famílias dos alunos autóctones, favorável aos primeiros.
6. Os concelhos onde existem mais alunos de origem francesa são Leiria (3,9%), Guimarães (3,4%) e Braga (2,7%).

### OBSERVAÇÕES SOBRE O UNIVERSO E DADOS OMISSOS:

1l O universo dos alunos de origem francesa diminui quando analisada a sua geração, devido aos dados omissos na naturalidade do aluno. Os dados omissos correspondem a 3,9% em 2019/2020 e a 0,17% em 2012/2013.

2l

2.1l Em 2019/2020, o universo dos alunos de origem francesa utilizado para calcular a escolaridade familiar dominante corresponde a 14.560, o que significa existirem 2,8% de dados omissos na escolaridade familiar dominante. Em 2012/2013, a proporção de dados omissos era cerca do dobro (4,6%) (828 alunos de 17.981).

2.2l Esclarece-se que as percentagens de nível de escolaridade estão feitas considerando ainda os alunos cujos pais não têm habilitações: 0,2% em 2019/2020 e 0,03% em 2012/2013.



# ORIGEM GUINEENSE

## CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA E TERRITORIAL

---

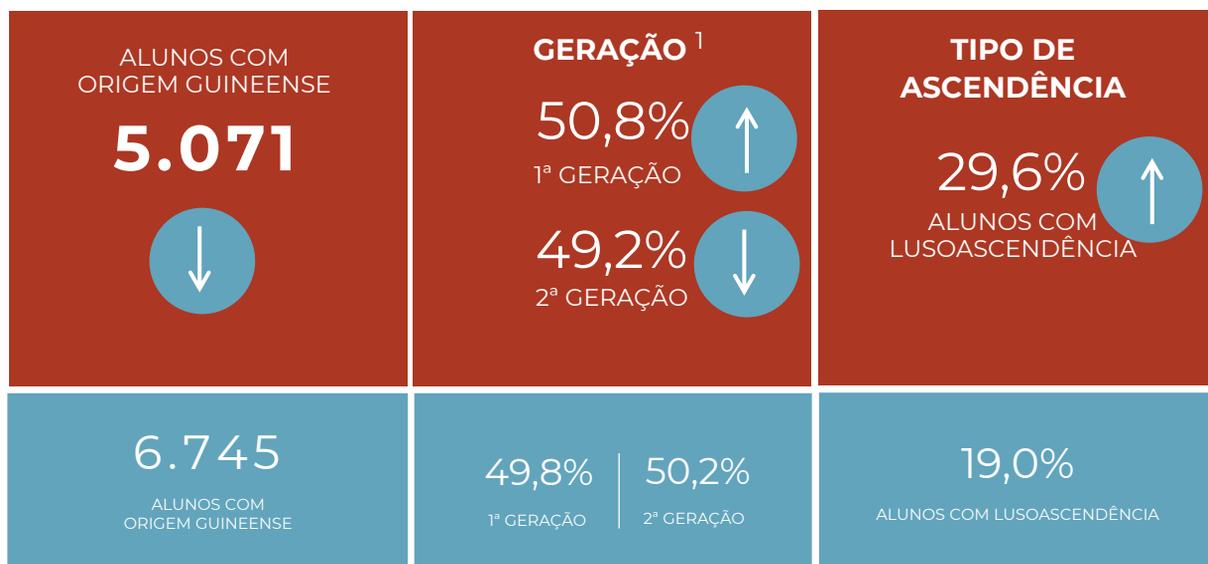
# ORIGEM NACIONAL GUINEENSE

## LEGENDA

- ANO LETIVO 2019/2020
- ANO LETIVO 2012/2013
- ↑ AUMENTOU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013
- ↓ DIMINUIU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013



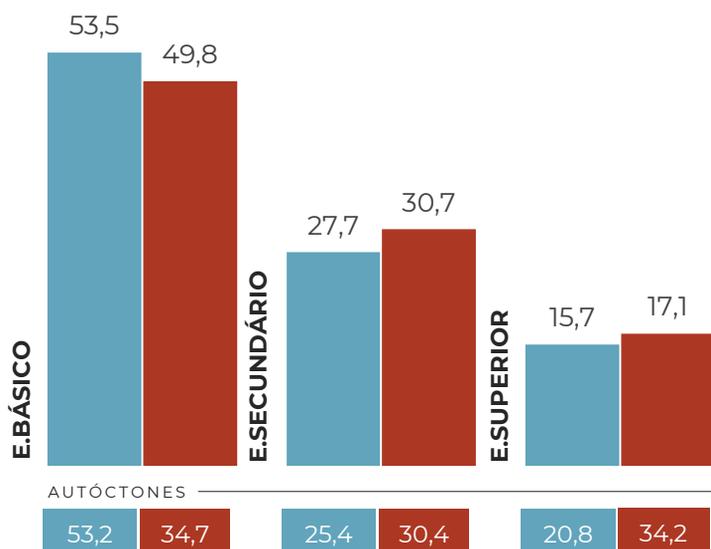
## CARACTERIZAÇÃO DEMOGRÁFICA



## ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE<sup>2</sup>



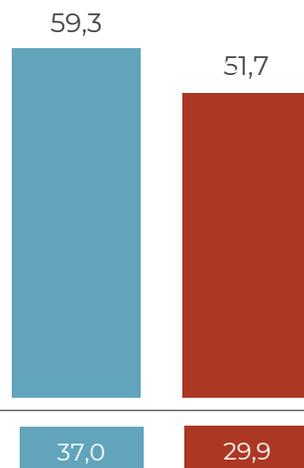
EM 2019-2020, 15,7% DOS ALUNOS TINHAM COMO ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE O ENSINO SUPERIOR, MENOS 17,1 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.



## AÇÃO SOCIAL ESCOLAR



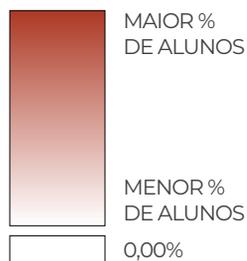
EM 2019-2020, 51,7% DOS ALUNOS TINHAM AÇÃO SOCIAL ESCOLAR, MAIS 21,8 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.



# ORIGEM GUINEENSE DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL

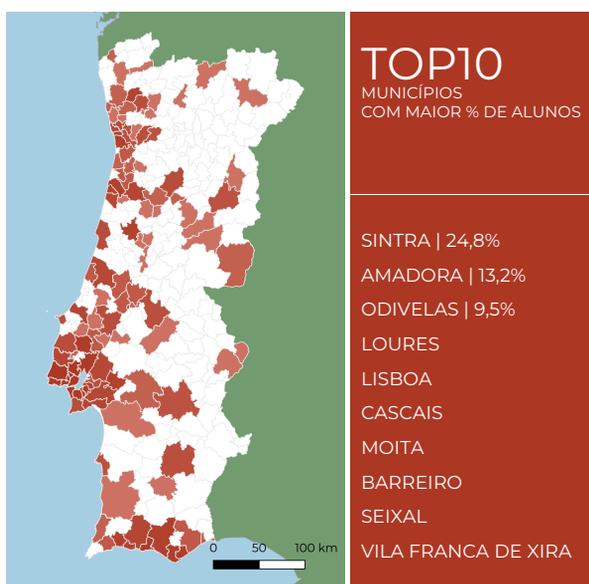
ALUNOS POR MUNICÍPIO (%)  
ANO LETIVO 2019/2020

## LEGENDA



### A. TOTAL

UNIVERSO: 5.071



### B. LUSOASCENDÊNCIA

UNIVERSO: 1.502



### C. 2º GERAÇÃO

UNIVERSO: 2.277



### D. 1º GERAÇÃO

UNIVERSO: 2.349



NOTA | para apurar a distribuição territorial de alunos por município, foi calculada a percentagem de alunos de origem guineense que estuda em cada um dos municípios continentais portugueses, tendo como universo o total de alunos de origem guineense residente no país.

# SUMÁRIO

## ORIGEM GUINEENSE

1. Em 2019/2020 existiam 5.071 alunos com ascendência guineense, menos 1.674 do que em 2012/2013.
2. As proporções de alunos de 1ª (50,8%) e 2ª (50,2%) gerações são similares em ambos os anos letivos.
3. 29,6% dos alunos são lusodescendentes, mais 10,6 p.p. do que em 2012/2013.
4. A escolaridade familiar dominante dos alunos com origem guineense é mais reduzida que a dos alunos autóctones: os primeiros têm 30,7% com o ensino secundário e 17,1% com o ensino superior, enquanto os segundos têm 30,4% e 34,2%, respetivamente.
5. É mais elevada a proporção de alunos de origem guineense que recorre ao apoio económico da ASE (51,7%) em relação aos seus pares autóctones (29,9%). É de notar que, entre os anos analisados, a clivagem entre os dois grupos permaneceu quase inalterada (menos 0,5 p.p.), sugerindo que a desigualdade económica persiste.
6. Os concelhos onde existem mais alunos de origem guineense são Sintra (24,8%), Amadora (13,2%) e Odivelas (9,6%).

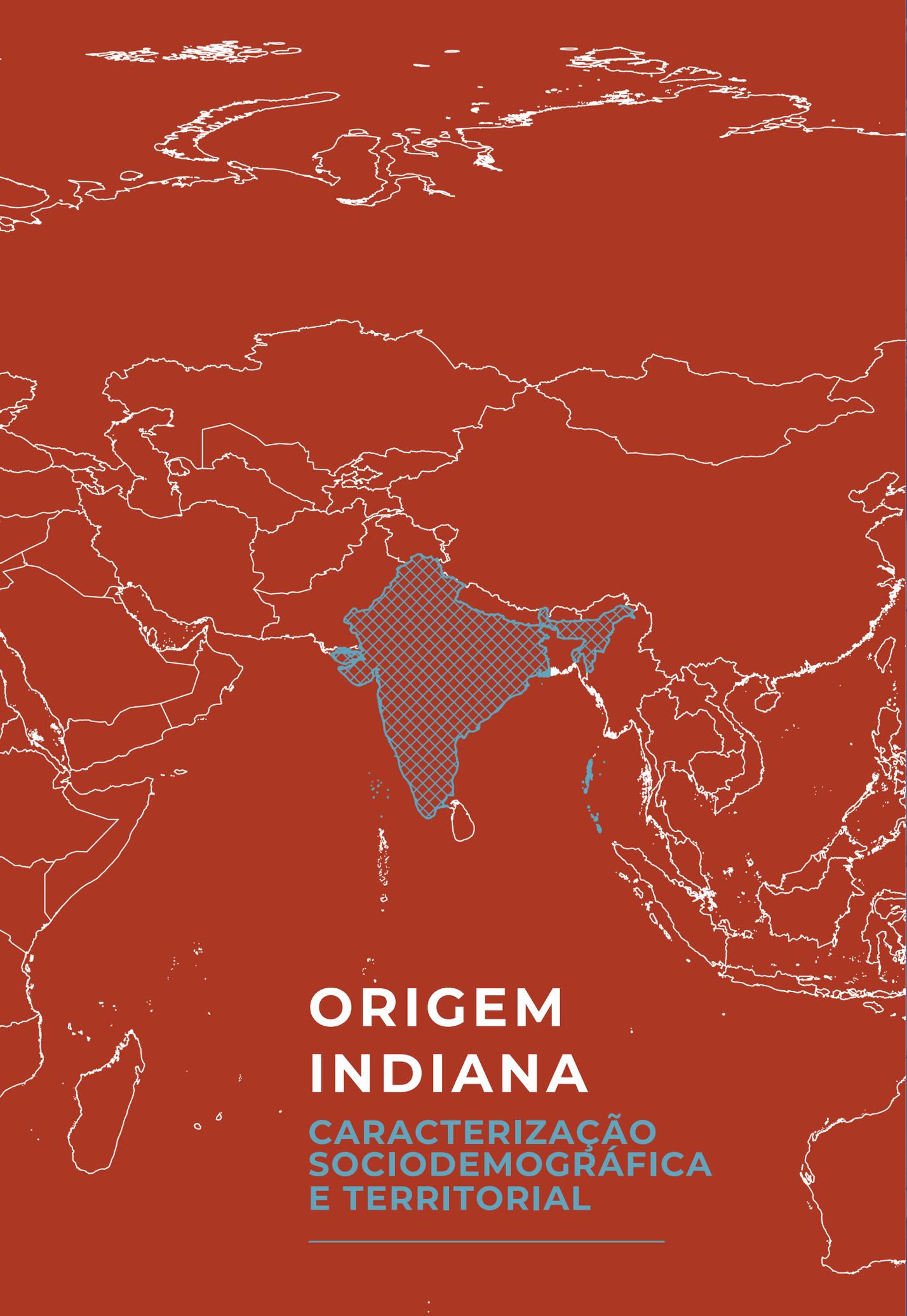
### OBSERVAÇÕES SOBRE O UNIVERSO E DADOS OMISSOS:

1| O universo dos alunos de origem guineense diminui quando analisada a sua geração, devido aos dados omissos na naturalidade do aluno. Os dados omissos correspondem a 8,8% em 2019/2020 e a 0,9% em 2012/2013.

2|

2.1| Em 2019/2020, o universo dos alunos de origem guineense utilizado para calcular a escolaridade familiar dominante corresponde a 3.899, o que significa existirem 23,1 de dados omissos na escolaridade familiar dominante. Em 2012/2013, a proporção de dados omissos era 27,7% de 6.745.

2.2| Esclarece-se que as percentagens referentes aos níveis de escolaridade familiar dominante estão calculadas considerando também os alunos cujos pais não têm habilitações: 2,4% em 2019/2020 e 3,1% em 2012/2013.



# ORIGEM INDIANA

CARACTERIZAÇÃO  
SOCIODEMOGRÁFICA  
E TERRITORIAL

---

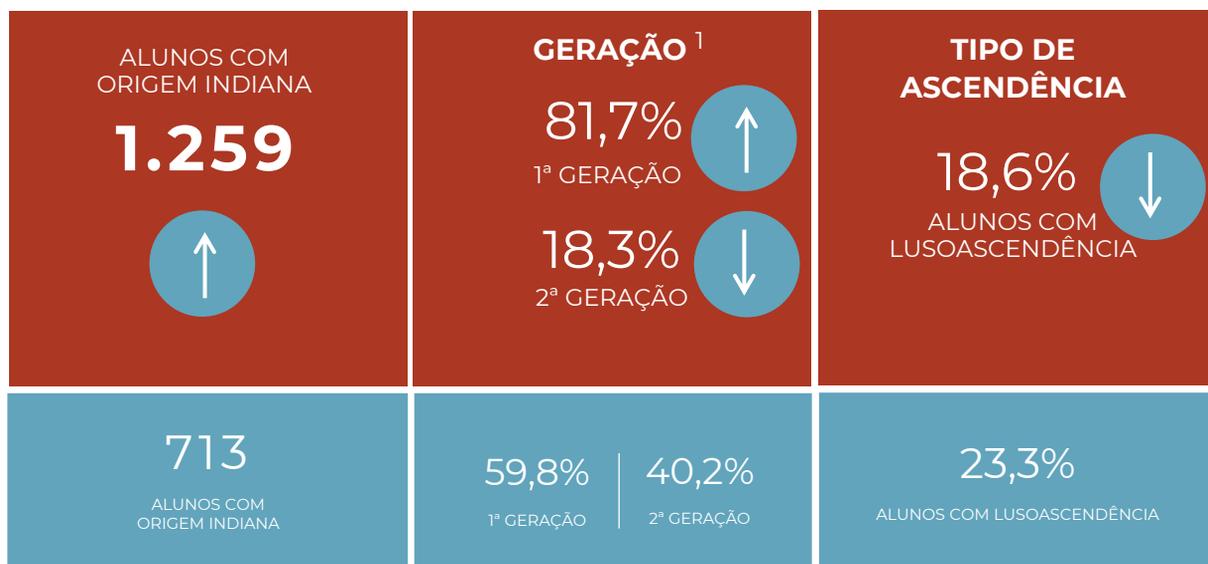
# ORIGEM NACIONAL INDIANA

## LEGENDA

- ANO LETIVO 2019/2020
- ANO LETIVO 2012/2013
- ↑ AUMENTOU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013
- ↓ DIMINUIU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013



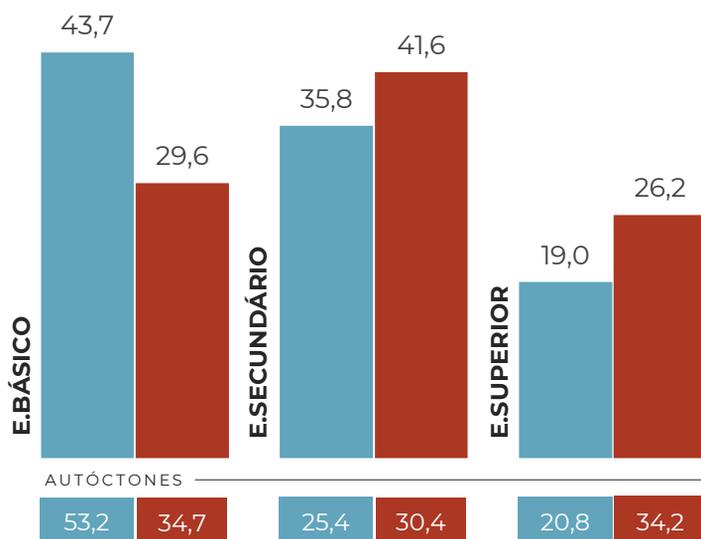
## CARACTERIZAÇÃO DEMOGRÁFICA



## ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE <sup>2</sup>



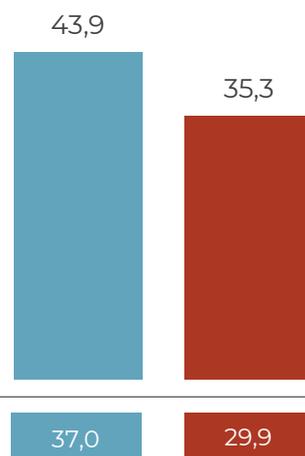
EM 2019-2020, 26,2% DOS ALUNOS TINHAM COMO ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE O ENSINO SUPERIOR, MENOS 8,0 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.



## AÇÃO SOCIAL ESCOLAR



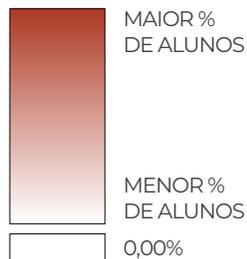
EM 2019-2020, 35,3% DOS ALUNOS TINHAM AÇÃO SOCIAL ESCOLAR, MAIS 5,4 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.



# ORIGEM INDIANA DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL

ALUNOS POR MUNICÍPIO (%)  
ANO LETIVO 2019/2020

## LEGENDA



### A. TOTAL

UNIVERSO: 1.259



### B. LUSOASCENDÊNCIA

UNIVERSO: 234



### C. 2º GERAÇÃO

UNIVERSO: 208



### D. 1º GERAÇÃO

UNIVERSO: 928



NOTA | para apurar a distribuição territorial de alunos por município, foi calculada a percentagem de alunos de origem indiana que estuda em cada um dos municípios continentais portugueses, tendo como universo o total de alunos de origem indiana residente no país.

# SUMÁRIO

## ORIGEM INDIANA

1. Em 2019/2020 existiam 1.259 alunos com ascendência indiana, mais 546 do que em 2012/2013.
2. A maioria dos alunos são de 1º geração (81,7%), verificando-se uma diferença relevante entre os anos letivos em análise, uma vez que em 2012/13 os alunos de 1º geração correspondiam a 59,8%.
3. 18,6% dos alunos são lusodescendentes, menos 4,7 pontos percentuais do que em 2012/13.
4. A escolaridade familiar dominante dos alunos com origem indiana é mais baixa do que os alunos autóctones: os primeiros têm 41,7% com ensino secundário e 26,2% com ensino superior, enquanto os segundos têm 30,4% e 34,2%, respetivamente.
5. É mais reduzida a proporção de alunos de origem indiana que recorre ao apoio económico da ASE (25,2%) em relação aos seus pares autóctones (29,9%). No entanto, entre os anos analisados, houve uma inversão da relação entre os dois grupos, indicativa de uma redução da desigualdade entre a situação económica das famílias dos alunos de origem indiana e das famílias dos alunos autóctones, favorável aos primeiros.
6. Os concelhos onde existem mais alunos de origem indiana são Lisboa (14%), Odivelas (13,9%) e Odemira (7,1%).

### OBSERVAÇÕES SOBRE O UNIVERSO E DADOS OMISSOS:

1| O universo dos alunos de origem indiana diminui quando analisada a sua geração, devido aos dados omissos na naturalidade do aluno. Os dados omissos correspondem a 9,77% em 2019/2020 e a 0,28% em 2012/2013.

2|

2.1| Em 2019/2020, o universo dos alunos de origem indiana utilizado para calcular a escolaridade familiar dominante corresponde a 813, o que significa existirem 35,4% de dados omissos na escolaridade familiar dominante. Em 2012/2013, a proporção de dados omissos era semelhante (34,2%) (244 alunos de 713).

2.2| Esclarece-se que as percentagens de nível de escolaridade estão feitas considerando ainda os alunos cujos pais não têm habilitações: 2,6% em 2019/2020 e 1,5% em 2012/2013.



# ORIGEM MOÇAMBICANA

CARACTERIZAÇÃO  
SOCIODEMOGRÁFICA  
E TERRITORIAL

---

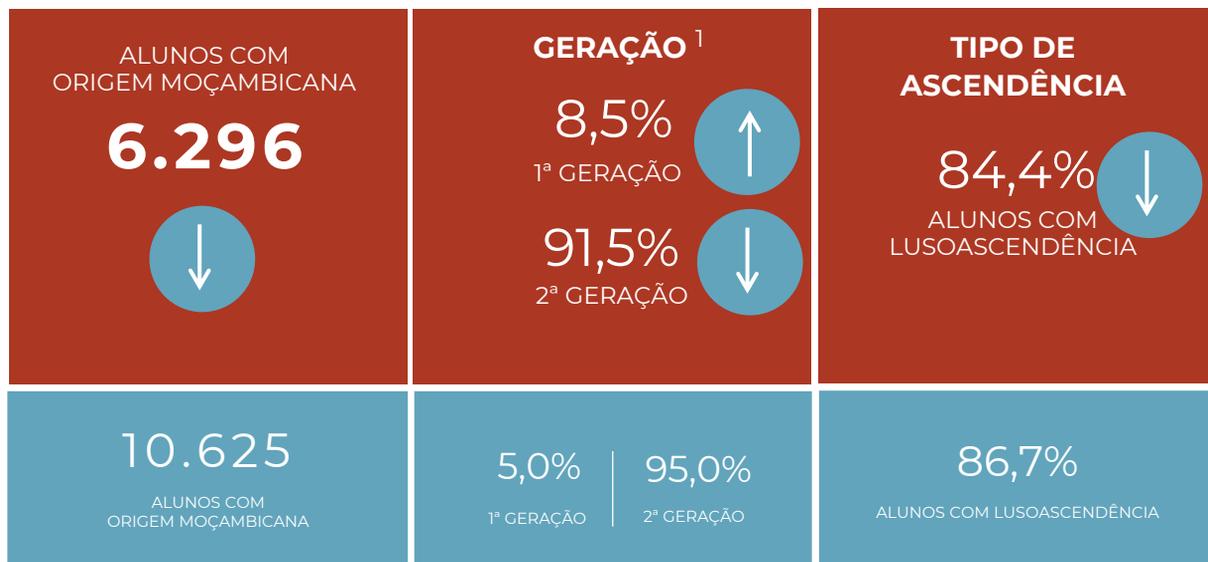
# ORIGEM NACIONAL MOÇAMBICANA

## LEGENDA

- ANO LETIVO 2019/2020
- ANO LETIVO 2012/2013
- ↑ AUMENTOU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013
- ↓ DIMINUIU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013



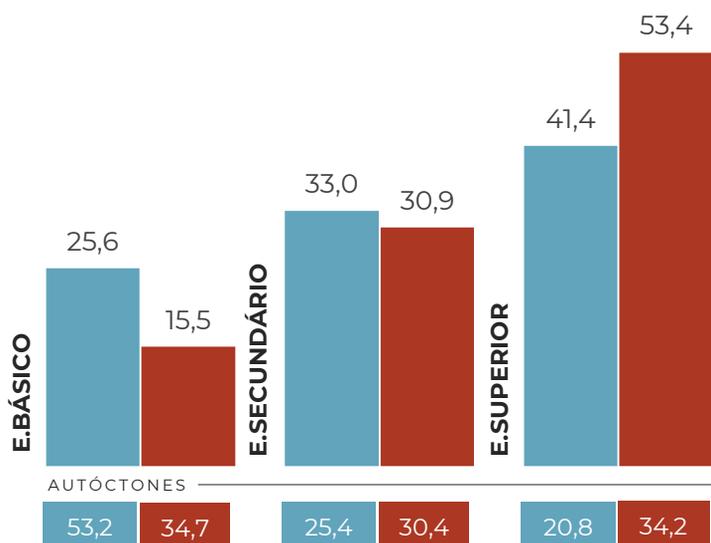
## CARACTERIZAÇÃO DEMOGRÁFICA



## ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE<sup>2</sup>



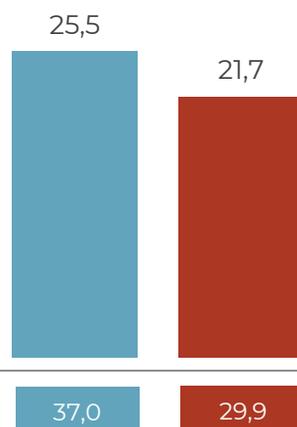
EM 2019-2020, 53,4% DOS ALUNOS TINHAM COMO ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE O ENSINO SUPERIOR, MAIS 19,2 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.



## AÇÃO SOCIAL ESCOLAR



EM 2019-2020, 43,2% DOS ALUNOS TINHAM AÇÃO SOCIAL ESCOLAR, MENOS 8,2 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.

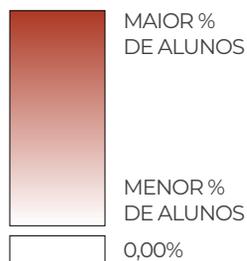


# ORIGEM MOÇAMBICANA

# DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL

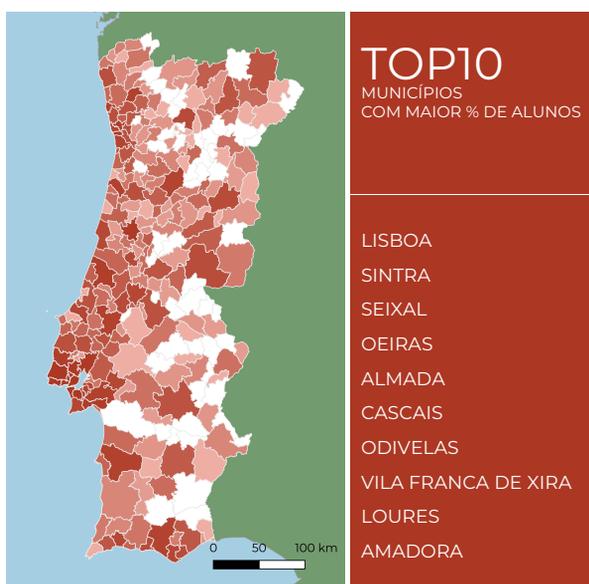
ALUNOS POR MUNICÍPIO (%)  
ANO LETIVO 2019/2020

## LEGENDA



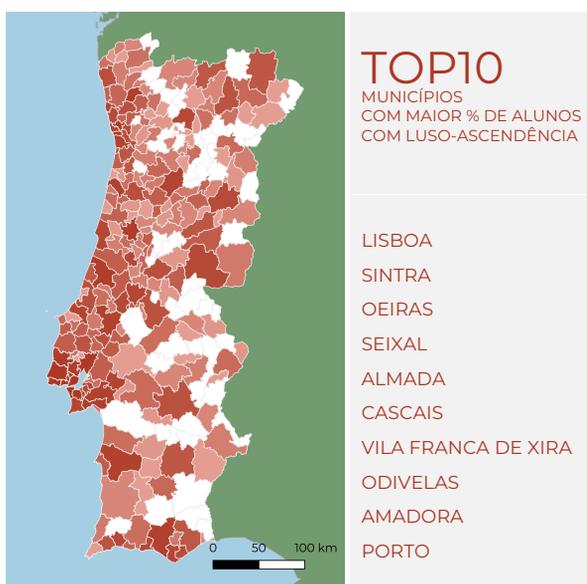
### A. TOTAL

UNIVERSO: 6.296



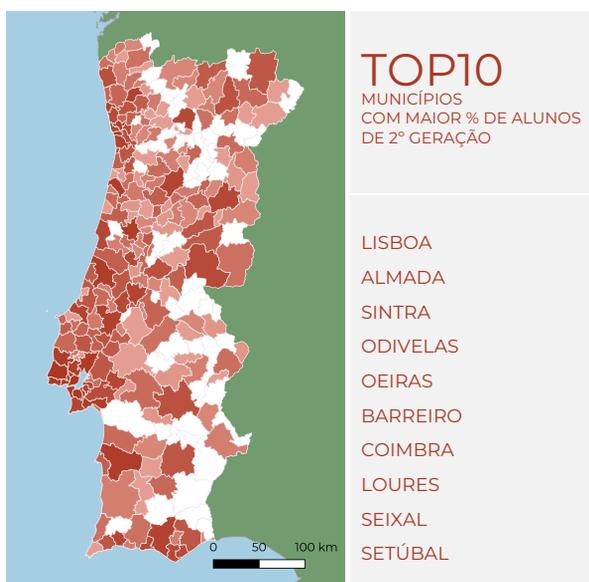
### B. LUSOASCENDÊNCIA

UNIVERSO: 5.311



### C. 2º GERAÇÃO

UNIVERSO: 5.361



### D. 1º GERAÇÃO

UNIVERSO: 497



NOTA | para apurar a distribuição territorial de alunos por município, foi calculada a percentagem de alunos de origem moçambicana que estuda em cada um dos municípios continentais portugueses, tendo como universo o total de alunos de origem moçambicana residente no país.

# SUMÁRIO

## ORIGEM MOÇAMBICANA

1. Em 2019/2020 existiam 6.296 alunos com ascendência moçambicana, menos 4.329 do que em 2012/2013.
2. A grande maioria dos alunos são de 2ª geração (91,5%), menos 3,5 pontos percentuais (p.p.) do que em 2012/2013.
3. 84,4% dos alunos são lusodescendentes, menos 2,3 p.p. do que em 2012/2013.
4. A escolaridade familiar dominante dos alunos com origem moçambicana é mais elevada que a dos alunos autóctones: os primeiros têm 30,9% com o ensino secundário e 53,4% com o ensino superior, enquanto os segundos têm 30,4% e 34,2%, respetivamente.
5. É mais reduzida a proporção de alunos de origem moçambicana que recorre ao apoio económico da ASE (21,7%) em relação aos seus pares autóctones (29,9%). É de notar que, entre os anos analisados, houve um aproximação entre os dois grupos, indicativa de uma redução da desigualdade económica, embora os alunos de origem moçambicana permaneçam numa situação de vantagem face aos autóctones.
6. Os concelhos onde existem mais alunos de origem moçambicana são Lisboa (10,4%), Sintra (6,5%) e Seixal (4,6%).

### OBSERVAÇÕES SOBRE O UNIVERSO E DADOS OMISSOS:

1| O universo dos alunos de origem moçambicana diminui quando analisada a sua geração, devido aos dados omissos na naturalidade do aluno. Os dados omissos correspondem a 7,0% em 2019/2020 e a 0,2% em 2012/2013.

2|

2.1| Em 2019/2020, o universo dos alunos de origem moçambicana utilizado para calcular a escolaridade familiar dominante corresponde a 6.036, o que significa existirem 4,1% de dados omissos na escolaridade familiar dominante. Em 2012/2013, a proporção de dados omissos era 5,3% de 10.625.

2.2| Esclarece-se que as percentagens referentes aos níveis de escolaridade familiar dominante estão calculadas considerando também os alunos cujos pais não têm habilitações: 0,2% em 2019/2020 e 0,06% em 2012/2013.



# ORIGEM MOLDAVA

CARACTERIZAÇÃO  
SOCIODEMOGRÁFICA  
E TERRITORIAL

---

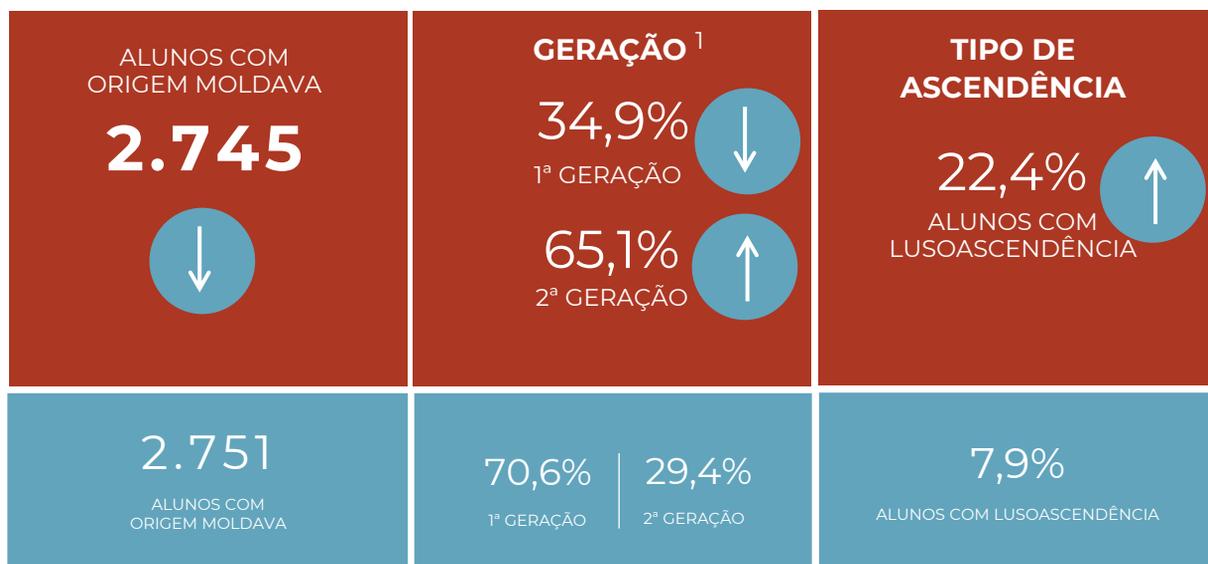
# ORIGEM NACIONAL MOLDAVA

## LEGENDA

- ANO LETIVO 2019/2020
- ANO LETIVO 2012/2013
- ↑ AUMENTOU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013
- ↓ DIMINUIU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013



## CARACTERIZAÇÃO DEMOGRÁFICA



## ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE<sup>2</sup>

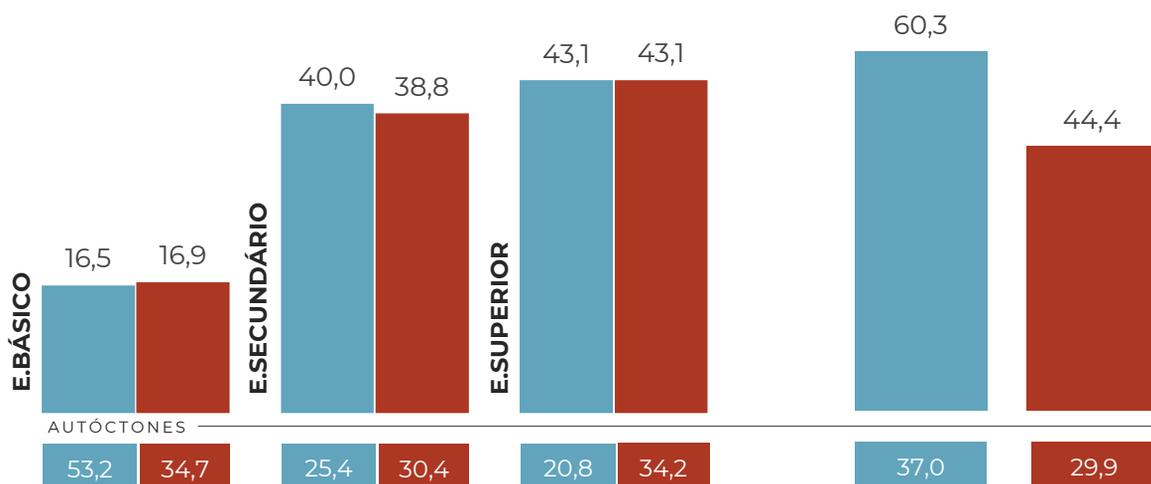


EM 2019-2020, 43,1% DOS ALUNOS TINHAM COMO ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE O ENSINO SUPERIOR, MAIS 8,9 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.

## AÇÃO SOCIAL ESCOLAR



EM 2019-2020, 44,4% DOS ALUNOS TINHAM AÇÃO SOCIAL ESCOLAR, MAIS 14,5 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.



# ORIGEM MOLDAVA

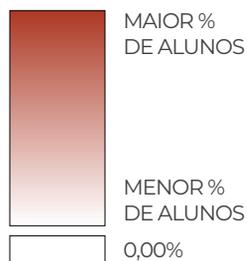
# DISTRIBUIÇÃO

# TERRITORIAL

ALUNOS POR MUNICÍPIO (%)

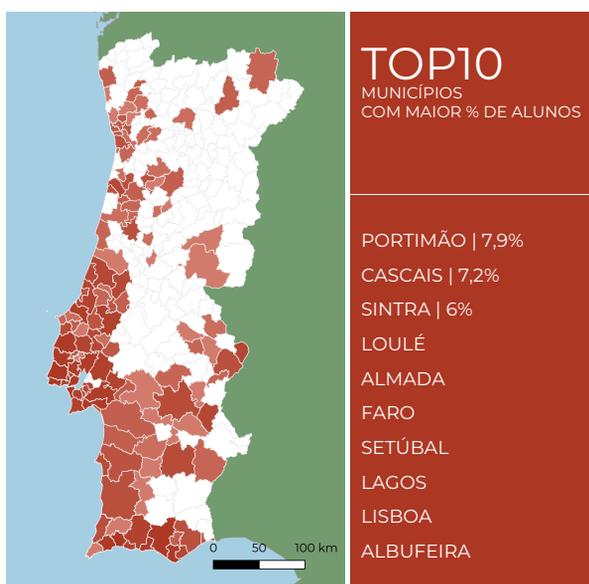
ANO LETIVO 2019/2020

## LEGENDA



### A. TOTAL

UNIVERSO: 2.745



### B. LUSOASCENDÊNCIA

UNIVERSO: 614



### C. 2º GERAÇÃO

UNIVERSO: 1.599



### D. 1º GERAÇÃO

UNIVERSO: 856



NOTA | para apurar a distribuição territorial de alunos por município, foi calculada a percentagem de alunos de origem moldava que estuda em cada um dos municípios continentais portugueses, tendo como universo o total de alunos de origem moldava residente no país.

# SUMÁRIO

## ORIGEM MOLDAVA

1. Em 2019/2020 existiam 2.745 alunos com ascendência moldava, menos 6 do que em 2012/2013.
2. A maioria dos alunos são de 2º geração (65,1%), verificando-se uma diferença relevante entre os anos letivos em análise, uma vez que em 2012/13 os alunos de 2º geração correspondiam a 29,4%.
3. 22,4% dos alunos são lusodescendentes, mais 14,5 pontos percentuais do que em 2012/13.
4. A escolaridade familiar dominante dos alunos com origem moldava é mais elevada do que os alunos autóctones: os primeiros têm 38,8% com ensino secundário e 43,1% com ensino superior, enquanto os segundos têm 30,4% e 34,2%, respetivamente.
5. É mais elevada a proporção de alunos de origem moldava que recorre ao apoio económico da ASE (44,4%) em relação aos seus pares autóctones (29,9%). No entanto, entre os anos analisados, houve uma aproximação entre os dois grupos, indicativa de uma redução da desigualdade entre a situação económica das famílias dos alunos de origem moldava e das famílias dos alunos autóctones.
6. Os concelhos onde existem mais alunos de origem moldava são Portimão (7,9%), Cascais (7,2%) e Sintra (6%). A maioria dos alunos situam-se sobretudo no sul e no litoral do país, estando mais concentrados nas regiões do Algarve e da Área Metropolitana de Lisboa.

### **OBSERVAÇÕES SOBRE O UNIVERSO E DADOS OMISSOS:**

1l O universo dos alunos de origem moldava diminui quando analisada a sua geração, derivado aos dados omissos na naturalidade do aluno. Os dados omissos correspondem a 10,56% em 2019/2020 e a 0,18% em 2012/2013.

2l

2.1l Em 2019/2020, o universo dos alunos de origem moldava utilizado para calcular a escolaridade familiar dominante corresponde a 2.403, o que significa existirem 12,5% de dados omissos na escolaridade familiar dominante. Em 2012/2013, a proporção de dados omissos era cerca do dobro (27,7%) (762 alunos de 2.751).

2.2l Esclarece-se que as percentagens de nível de escolaridade estão feitas considerando ainda os alunos cujos pais não têm habilitações: 1,1% em 2019/2020 e 0,4% em 2012/2013.



# ORIGEM NEPALESA

**CARACTERIZAÇÃO  
SOCIODEMOGRÁFICA  
E TERRITORIAL**

---

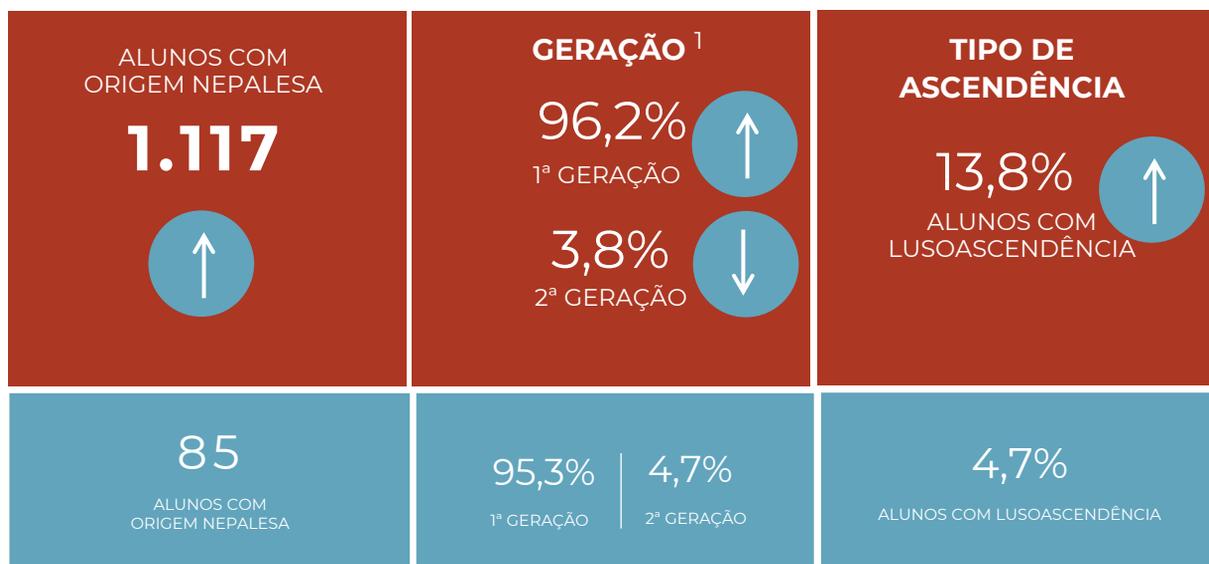
# ORIGEM NACIONAL NEPALESA

## LEGENDA

- ANO LETIVO 2019/2020
- ANO LETIVO 2012/2013
- ↑ AUMENTOU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013
- ↓ DIMINUIU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013



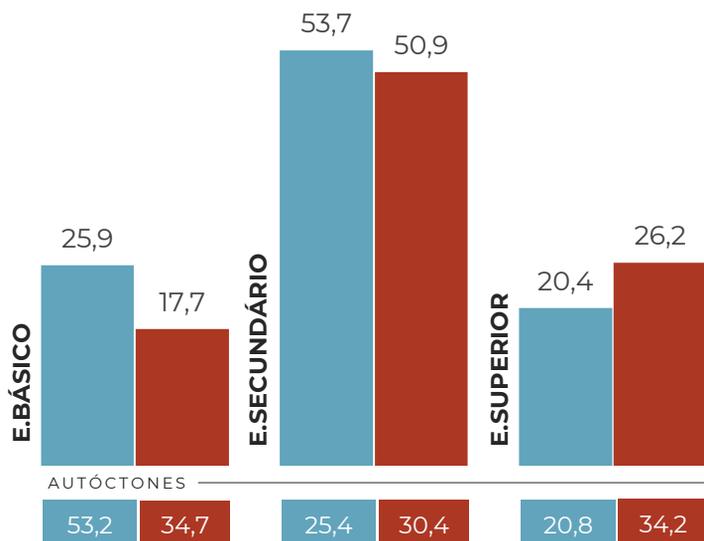
## CARACTERIZAÇÃO DEMOGRÁFICA



## ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE<sup>2</sup>



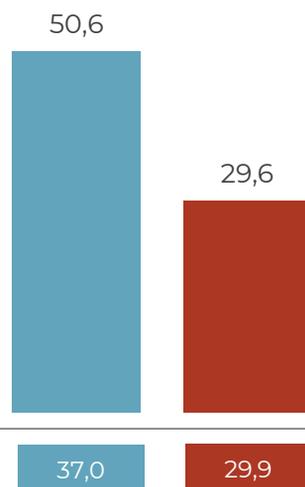
EM 2019-2020, 26,2% DOS ALUNOS TINHAM COMO ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE O ENSINO SUPERIOR, MENOS 8,0 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.



## AÇÃO SOCIAL ESCOLAR



EM 2019-2020, 29,6% DOS ALUNOS TINHAM AÇÃO SOCIAL ESCOLAR, MENOS 0,3 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.



# ORIGEM NEPALESA

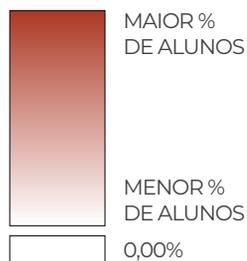
# DISTRIBUIÇÃO

# TERRITORIAL

ALUNOS POR MUNICÍPIO (%)

ANO LETIVO 2019/2020

## LEGENDA



### A. TOTAL

UNIVERSO: 1.117



### B. LUSOASCENDÊNCIA

UNIVERSO: 154



### C. 2º GERAÇÃO

UNIVERSO: 39



### D. 1º GERAÇÃO

UNIVERSO: 977



NOTA | para apurar a distribuição territorial de alunos por município, foi calculada a percentagem de alunos de origem nepalesa que estuda em cada um dos municípios continentais portugueses, tendo como universo o total de alunos de origem nepalesa residente no país.

# SUMÁRIO

## ORIGEM NEPALESA

1. Em 2019/2020 existiam 1.117 alunos com ascendência nepalesa, mais 1.032 do que em 2012/2013.
2. A maioria dos alunos são de 1º geração (96,2%), não se verificando uma diferença relevante entre os anos letivos em análise.
3. 13,8% dos alunos são lusodescendentes, mais 9,1 pontos percentuais do que em 2012/13.
4. A escolaridade familiar dominante dos alunos com origem nepalesa é mais baixa do que os alunos autóctones: os primeiros têm 50,9% com ensino secundário e 26,2% com ensino superior, enquanto os segundos têm 30,4% e 34,2%, respetivamente.
5. Não se verificam diferenças significativas na proporção de alunos de origem nepalesa que recorre ao apoio económico da ASE (29,6%) em relação aos seus pares autóctones (29,9%). No entanto, entre os anos analisados, houve uma aproximação entre os dois grupos, indicativa de uma redução entre a situação económica das famílias dos alunos de origem nepalesa e das famílias dos alunos autóctones.
6. Os concelhos onde existem mais alunos de origem nepalesa são Lisboa (45,4%), Odemira (7,3%) e Loulé (4,4%).

### **OBSERVAÇÕES SOBRE O UNIVERSO E DADOS OMISSOS:**

1| O universo dos alunos de origem nepalesa diminui quando analisada a sua geração, derivado aos dados omissos na naturalidade do aluno. Os dados omissos correspondem a 9,04% em 2019/2020 e a 0% em 2012/2013.

2|

2.1| Em 2019/2020, o universo dos alunos de origem nepalesa utilizado para calcular a escolaridade familiar dominante corresponde a 751, o que significa existirem 32,8% de dados omissos na escolaridade familiar dominante. Em 2012/2013, a proporção de dados omissos era ligeiramente superior (36,5%) (31 alunos de 85).

2.2| Esclarece-se que as percentagens de nível de escolaridade estão feitas considerando ainda os alunos cujos pais não têm habilitações: 5,2% em 2019/2020 e 0% em 2012/2013.



# ORIGEM ROMENA

CARACTERIZAÇÃO  
SOCIODEMOGRÁFICA  
E TERRITORIAL

---

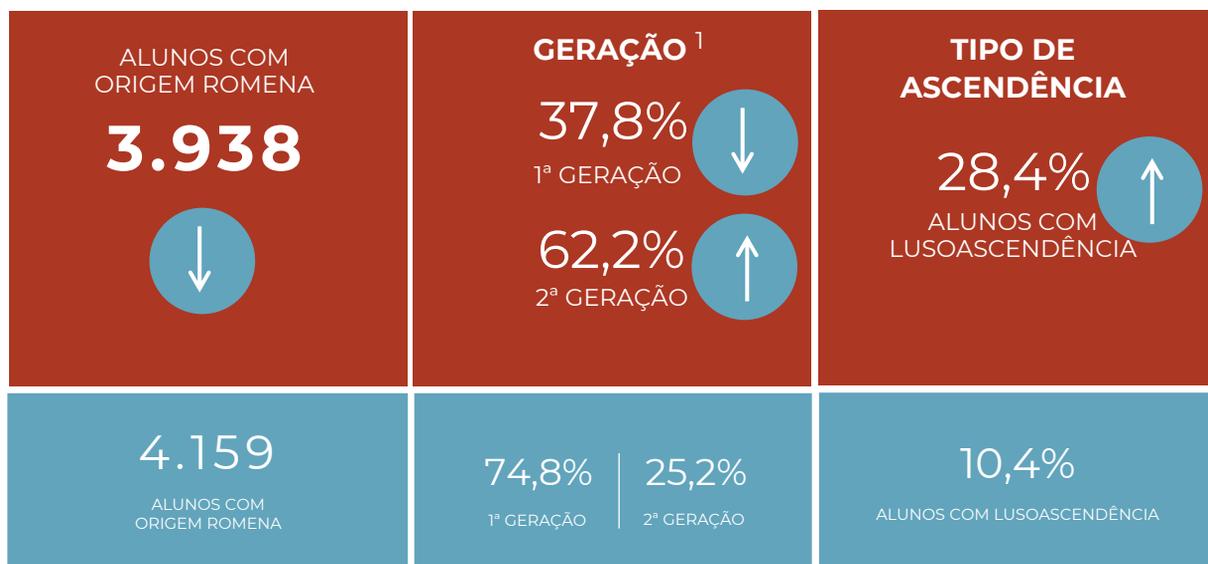
# ORIGEM NACIONAL ROMENA

## LEGENDA

- ANO LETIVO 2019/2020
- ANO LETIVO 2012/2013
- ↑ AUMENTOU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013
- ↓ DIMINUIU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013



## CARACTERIZAÇÃO DEMOGRÁFICA



## ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE<sup>2</sup>

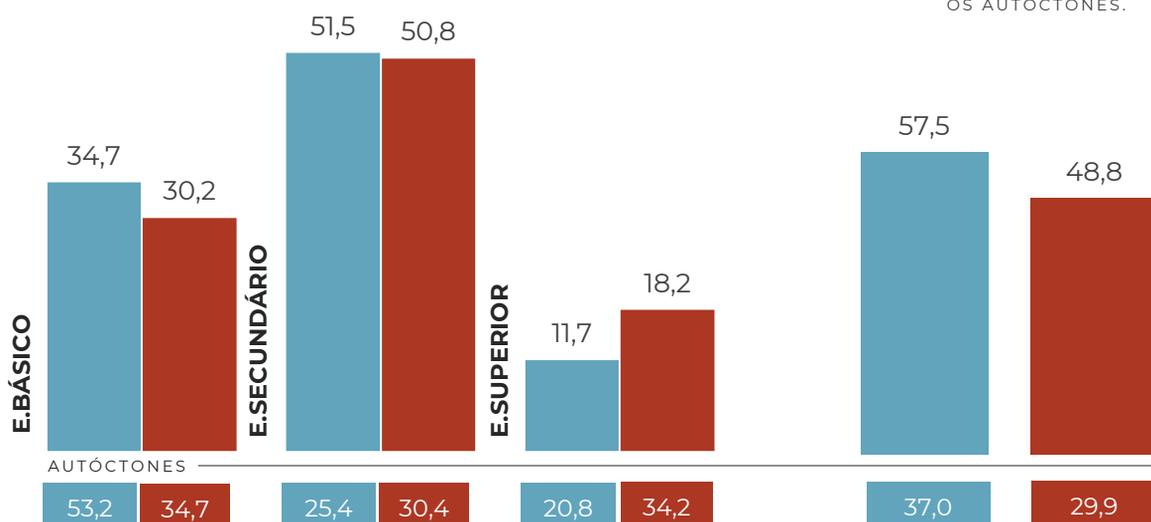


EM 2019-2020, 18,2% DOS ALUNOS TINHAM COMO ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE O ENSINO SUPERIOR, MENOS 16,0 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.

## AÇÃO SOCIAL ESCOLAR



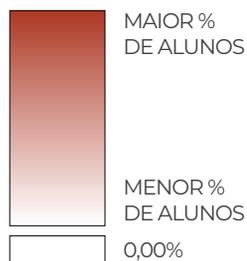
EM 2019-2020, 48,8% DOS ALUNOS TINHAM AÇÃO SOCIAL ESCOLAR, MAIS 18,9 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.



# ORIGEM ROMENA DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL

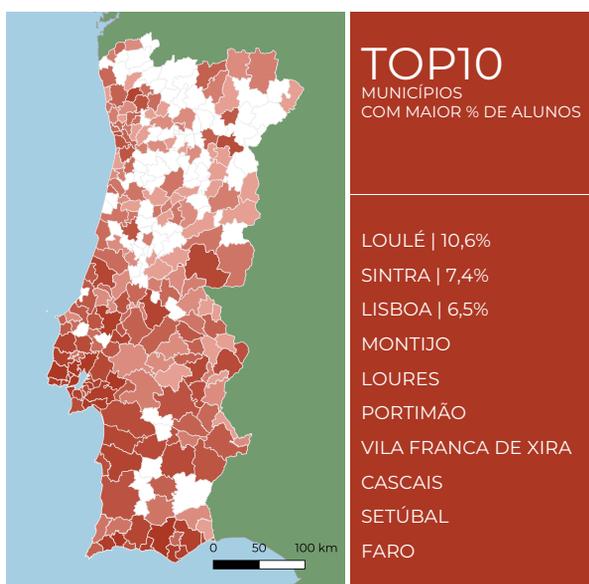
ALUNOS POR MUNICÍPIO (%)  
ANO LETIVO 2019/2020

## LEGENDA



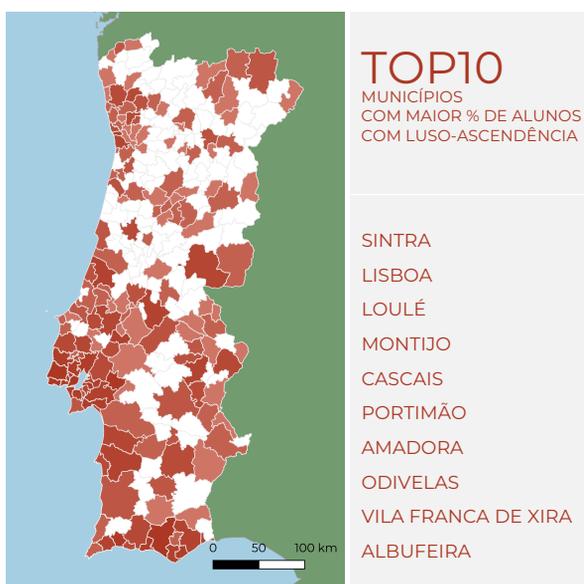
### A. TOTAL

UNIVERSO: 3.938



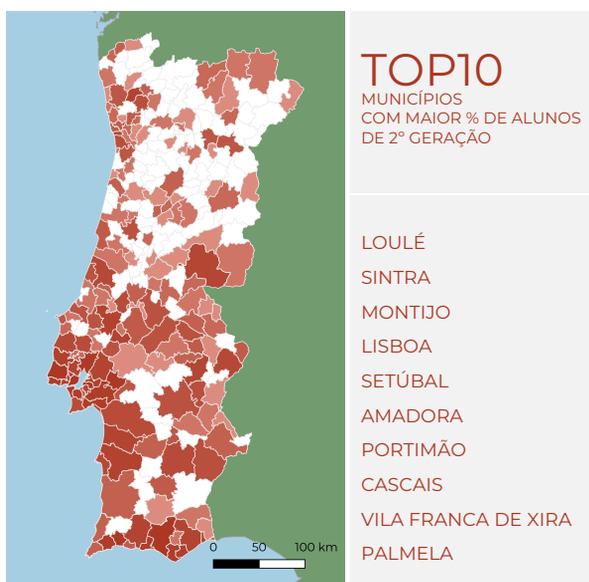
### B. LUSOASCENDÊNCIA

UNIVERSO: 1.120



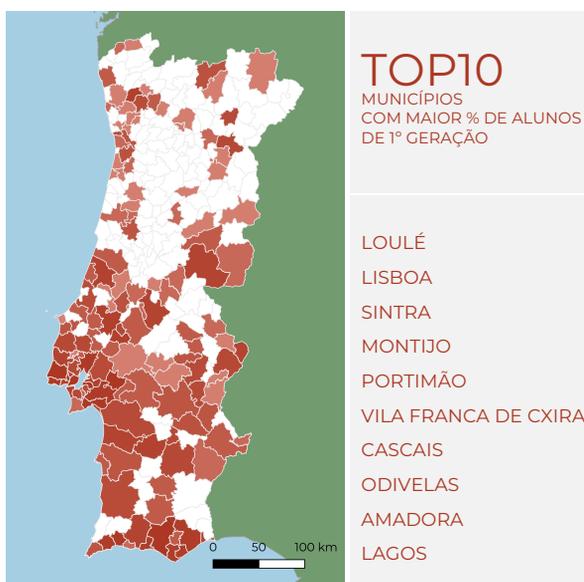
### C. 2º GERAÇÃO

UNIVERSO: 2.205



### D. 1º GERAÇÃO

UNIVERSO: 1.342



NOTA | para apurar a distribuição territorial de alunos por município, foi calculada a percentagem de alunos de origem romena que estuda em cada um dos municípios continentais portugueses, tendo como universo o total de alunos de origem romena residente no país.

# SUMÁRIO

## ORIGEM ROMENA

1. Em 2019/2020 existiam 3.938 alunos com ascendência romena, menos 221 do que em 2012/2013.
2. A maioria dos alunos são de 2º geração (62,2%), verificando-se uma diferença relevante entre os anos letivos em análise, uma vez que em 2012/13 os alunos de 2º geração correspondiam a 25,2%.
3. 28,4% dos alunos são lusodescendentes, mais 18 pontos percentuais do que em 2012/13.
4. A escolaridade familiar dominante dos alunos com origem romena é mais baixa do que os alunos autóctones: os primeiros têm 50,8% com ensino secundário e 18,2% com ensino superior, enquanto os segundos têm 30,4% e 34,2%, respetivamente.
5. É mais elevada a proporção de alunos de origem romena que recorre ao apoio económico da ASE (48,8%) em relação aos seus pares autóctones (29,9%). No entanto, entre os anos analisados, houve uma ligeira aproximação entre os dois grupos, indicativa de uma redução da desigualdade entre a situação económica das famílias dos alunos de origem romena e das famílias dos alunos autóctones.
6. Os concelhos onde existem mais alunos de origem romena são Loulé (10,6%), Sintra (7,4%) e Lisboa (6,5%).

### OBSERVAÇÕES SOBRE O UNIVERSO E DADOS OMISSOS:

1l O universo dos alunos de origem romena diminui quando analisada a sua geração, derivado aos dados omissos na naturalidade do aluno. Os dados omissos correspondem a 9,9% em 2019/2020 e a 0,1% em 2012/2013.

2l

2.1l Em 2019/2020, o universo dos alunos de origem romena utilizado para calcular a escolaridade familiar dominante corresponde a 3.466, o que significa existirem 12% de dados omissos na escolaridade familiar dominante. Em 2012/2013, a proporção de dados omissos era quase o triplo (32,3%) (1.343 alunos de 17.981).

2.2l Esclarece-se que as percentagens de nível de escolaridade estão feitas considerando ainda os alunos cujos pais não têm habilitações: 0,9% em 2019/2020 e 2,1% em 2012/2013.



# ORIGEM SANTOMENSE

CARACTERIZAÇÃO  
SOCIODEMOGRÁFICA  
E TERRITORIAL

---

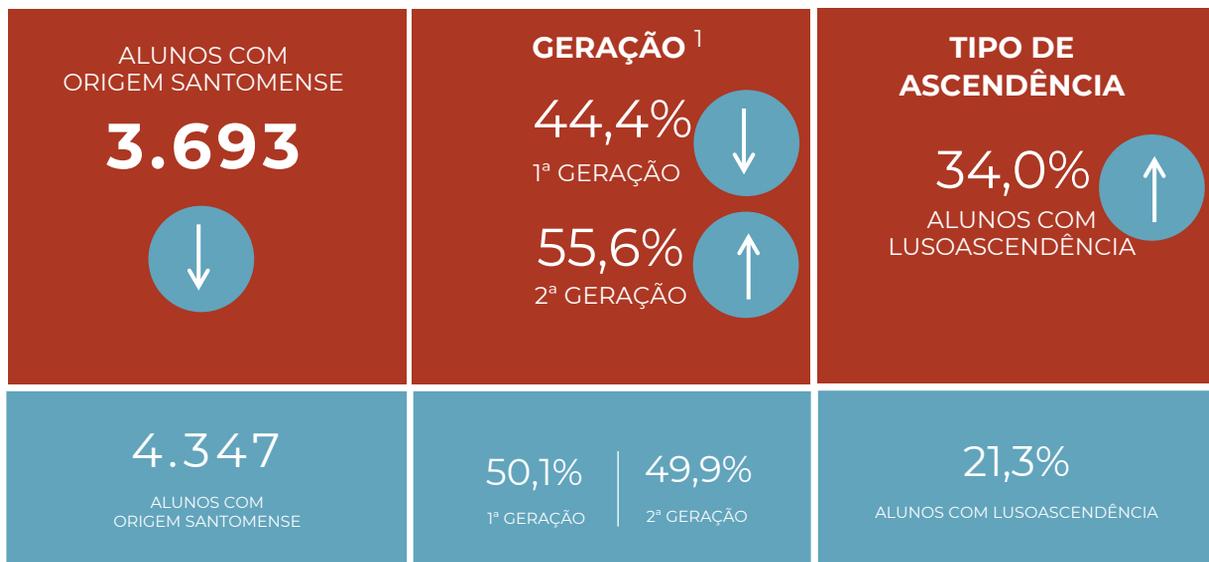
# ORIGEM NACIONAL SANTOMENSE

## LEGENDA

- ANO LETIVO 2019/2020
- ANO LETIVO 2012/2013
- ↑ AUMENTOU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013
- ↓ DIMINUIU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013



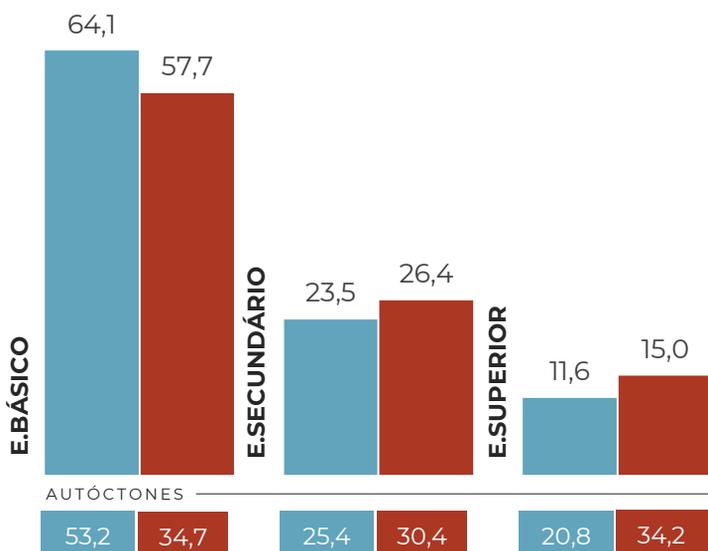
## CARACTERIZAÇÃO DEMOGRÁFICA



## ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE <sup>2</sup>



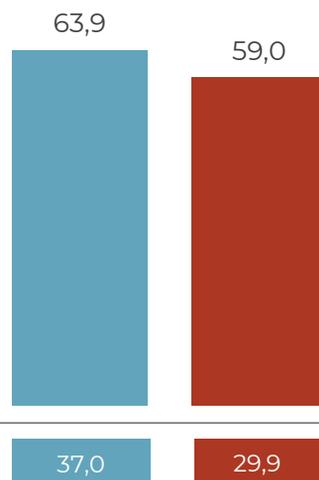
EM 2019-2020, 15,0% DOS ALUNOS TINHAM COMO ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE O ENSINO SUPERIOR, MENOS 19,2 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.



## AÇÃO SOCIAL ESCOLAR



EM 2019-2020, 59,0% DOS ALUNOS TINHAM AÇÃO SOCIAL ESCOLAR, MAIS 29,1 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.

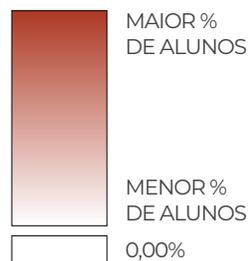


# ORIGEM SANTOMENSE DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL

ALUNOS POR MUNICÍPIO (%)

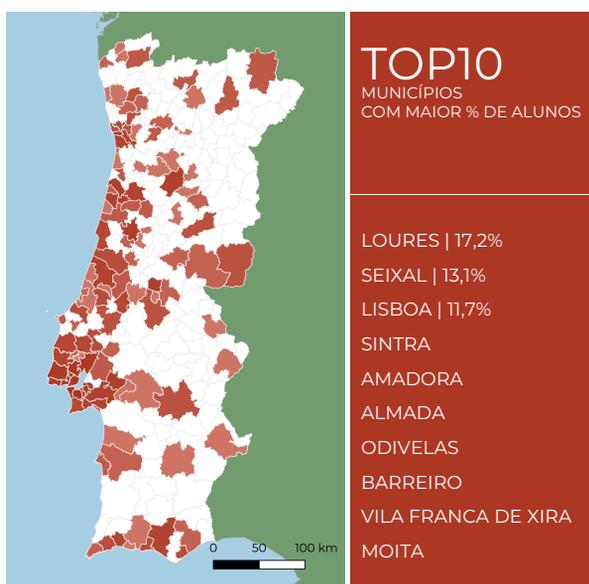
ANO LETIVO 2019/2020

## LEGENDA



### A. TOTAL

UNIVERSO: 3.693



### B. LUSOASCENDÊNCIA

UNIVERSO: 1.256



### C. 2º GERAÇÃO

UNIVERSO: 1.803



### D. 1º GERAÇÃO

UNIVERSO: 1.437



NOTA | para apurar a distribuição territorial de alunos por município, foi calculada a percentagem de alunos de origem santomense que estuda em cada um dos municípios continentais portugueses, tendo como universo o total de alunos de origem santomense residente no país.

# SUMÁRIO

## ORIGEM SANTOMENSE

1. Em 2019/2020 existiam 3.693 alunos com ascendência santomense, menos 654 do que em 2012/2013.
2. A maioria dos alunos são de 2ª geração (55,6%), embora no ano letivo de 2012/2013 a maioria fosse de 1ª geração (50,1%).
3. 34,0% dos alunos são lusodescendentes, mais 12,7 p.p. do que em 2012/2013.
4. A escolaridade familiar dominante dos alunos com origem santomense é mais reduzida que a dos alunos autóctones: os primeiros têm 26,4% com o ensino secundário e 15,0% com o ensino superior, enquanto os segundos têm 30,4% e 34,2%, respetivamente.
5. É mais elevada a proporção de alunos de origem santomense que recorre ao apoio económico da ASE (59,0%) em relação aos seus pares autóctones (29,9%). É de notar que, entre os anos analisados, houve um distanciamento entre os dois grupos, indicativa de uma intensificação da desigualdade económica, o que se deveu a uma redução mais expressiva da proporção de beneficiários da ASE no caso dos autóctones.
6. Os concelhos onde existem mais alunos de origem santomense são Loures (17,2%), Seixal (13,1%) e Lisboa (11,7%).

### OBSERVAÇÕES SOBRE O UNIVERSO E DADOS OMISSOS:

1| O universo dos alunos de origem santomense diminui quando analisada a sua geração, devido aos dados omissos na naturalidade do aluno. Os dados omissos correspondem a 12,3% em 2019/2020 e a 0,7% em 2012/2013.

2|

2.1| Em 2019/2020, o universo dos alunos de origem santomense utilizado para calcular a escolaridade familiar dominante corresponde a 2.961, o que significa existirem 19,8% de dados omissos na escolaridade familiar dominante. Em 2012/2013, a proporção de dados omissos era 24,8% de 4.347.

2.2| Esclarece-se que as percentagens referentes aos níveis de escolaridade familiar dominante estão calculadas considerando também os alunos cujos pais não têm habilitações: 0,9% em 2019/2020 e 0,8% em 2012/2013.



# ORIGEM SUL-AFRICANA

CARACTERIZAÇÃO  
SOCIODEMOGRÁFICA  
E TERRITORIAL

---

# ORIGEM NACIONAL SUL-AFRICANA

## LEGENDA

- ANO LETIVO 2019/2020
- ANO LETIVO 2012/2013
- ↑ AUMENTOU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013
- ↓ DIMINUIU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013



## CARACTERIZAÇÃO DEMOGRÁFICA



## ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE<sup>2</sup>

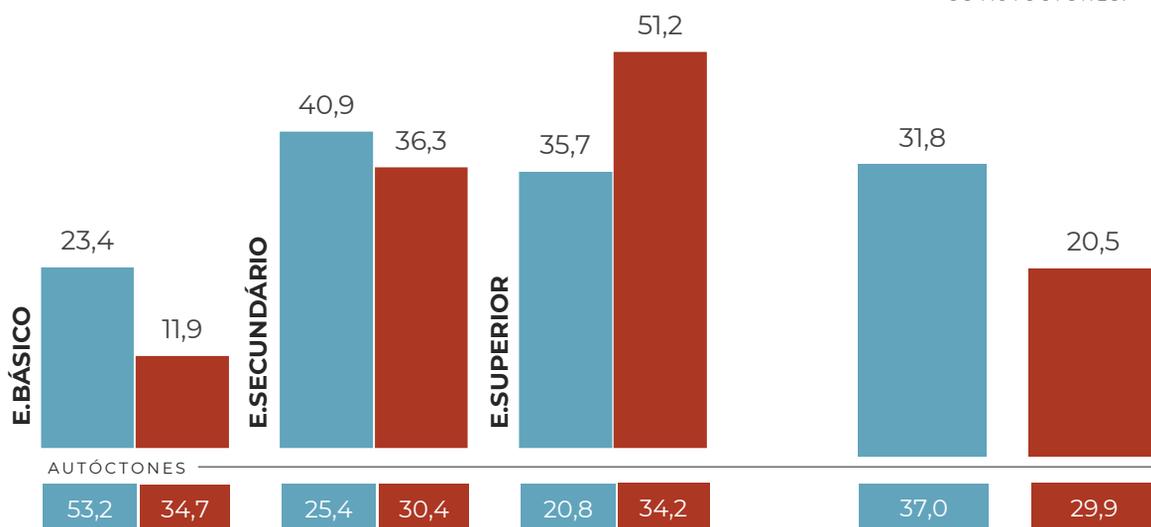


EM 2019-2020, 51,2% DOS ALUNOS TINHAM COMO ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE O ENSINO SUPERIOR, MAIS 17,0 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.

## AÇÃO SOCIAL ESCOLAR



EM 2019-2020, 20,5% DOS ALUNOS TINHAM AÇÃO SOCIAL ESCOLAR, MENOS 9,4 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.



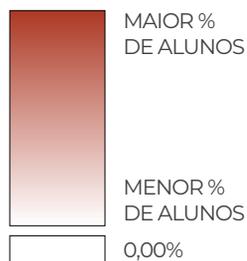
# ORIGEM SUL-AFRICANA

# DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL

ALUNOS POR MUNICÍPIO (%)

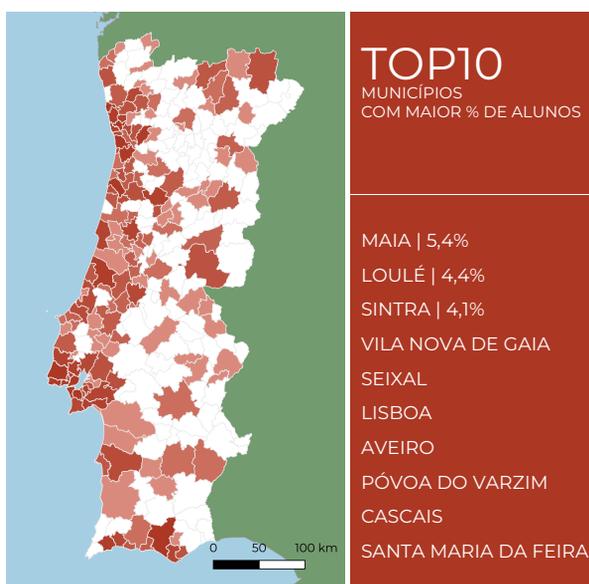
ANO LETIVO 2019/2020

## LEGENDA



### A. TOTAL

UNIVERSO: 1.148



### B. LUSOASCENDÊNCIA

UNIVERSO: 1.028



### C. 2º GERAÇÃO

UNIVERSO: 1.000



### D. 1º GERAÇÃO

UNIVERSO: 96



NOTA | para apurar a distribuição territorial de alunos por município, foi calculada a percentagem de alunos de origem sul-africana que estuda em cada um dos municípios continentais portugueses, tendo como universo o total de alunos de origem sul-africana residente no país.

# SUMÁRIO

## ORIGEM SUL-AFRICANA

1. Em 2019/2020 existiam 1.148 alunos com ascendência sul-africana, mais 31 do que em 2012/2013.
2. A grande maioria dos alunos são de 2ª geração (91,2%), não se verificando uma diferença significativa entre os anos letivos em análise.
3. 89,5% dos alunos são lusodescendentes, menos 1,9 p.p. do que em 2012/2013.
4. A escolaridade familiar dominante dos alunos com origem sul-africana é mais elevada que a dos alunos autóctones: os primeiros têm 36,3% com o ensino secundário e 51,2% com o ensino superior, enquanto os segundos têm 30,4% e 34,2%, respetivamente.
5. É mais reduzida a proporção de alunos de origem sul-africana que recorre ao apoio económico da ASE (20,5%) em relação aos seus pares autóctones (29,9%). É de notar que, entre os anos analisados, houve um distanciamento entre os dois grupos, indicativo de uma intensificação da desigualdade económica, o que se deveu a uma diminuição mais expressiva da proporção de beneficiários de ASE no caso dos alunos com origem sul-africana.
6. Os concelhos onde existem mais alunos de origem sul-africana são Maia (5,4%), Loulé (4,4%) e Sintra (4,1%).

### OBSERVAÇÕES SOBRE O UNIVERSO E DADOS OMISSOS:

1| O universo dos alunos de origem sul-africana diminui quando analisada a sua geração, devido aos dados omissos na naturalidade do aluno. Os dados omissos correspondem a 4,5% em 2019/2020 e a 0,3% em 2012/2013.

2|

2.1| Em 2019/2020, o universo dos alunos de origem francesa utilizado para calcular a escolaridade familiar dominante corresponde a 1.093, o que significa existirem 4,8% de dados omissos na escolaridade familiar dominante. Em 2012/2013, a proporção de dados omissos era 4,7% de 1.267.

2.2| Esclarece-se que as percentagens referentes aos níveis de escolaridade familiar dominante estão calculadas considerando também os alunos cujos pais não têm habilitações: 0,5% em 2019/2020 e 0% em 2012/2013.

A map of Europe with white outlines on a teal background. The country of Ukraine is highlighted with red diagonal hatching. The text is positioned in the upper right quadrant of the map.

# ORIGEM UCRANIANA

**CARACTERIZAÇÃO  
SOCIODEMOGRÁFICA  
E TERRITORIAL**

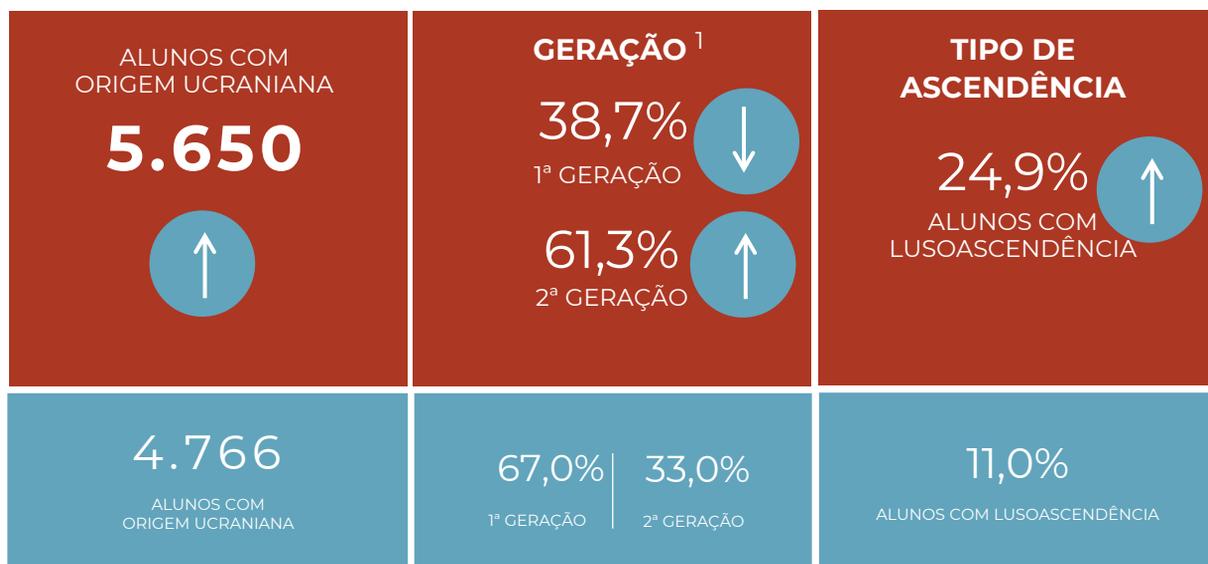
# ORIGEM NACIONAL UCRANIANA

## LEGENDA

- ANO LETIVO 2019/2020
- ANO LETIVO 2012/2013
- ↑ AUMENTOU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013
- ↓ DIMINUIU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013



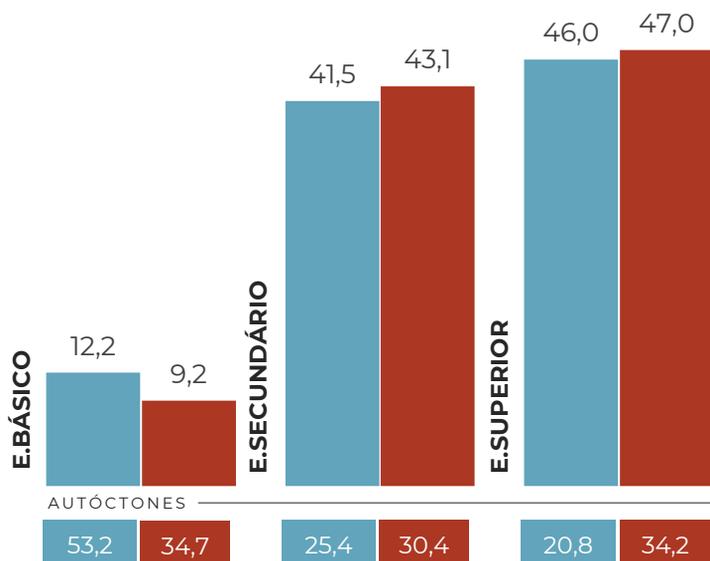
## CARACTERIZAÇÃO DEMOGRÁFICA



## ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE <sup>2</sup>



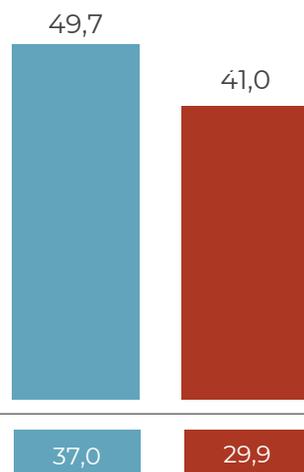
EM 2019-2020, 53,4% DOS ALUNOS TINHAM COMO ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE O ENSINO SUPERIOR, MAIS 19,2 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.



## AÇÃO SOCIAL ESCOLAR



EM 2019-2020, 41,0% DOS ALUNOS TINHAM AÇÃO SOCIAL ESCOLAR, MAIS 11,1 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.



# ORIGEM UCRANIANA DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL

ALUNOS POR MUNICÍPIO (%)

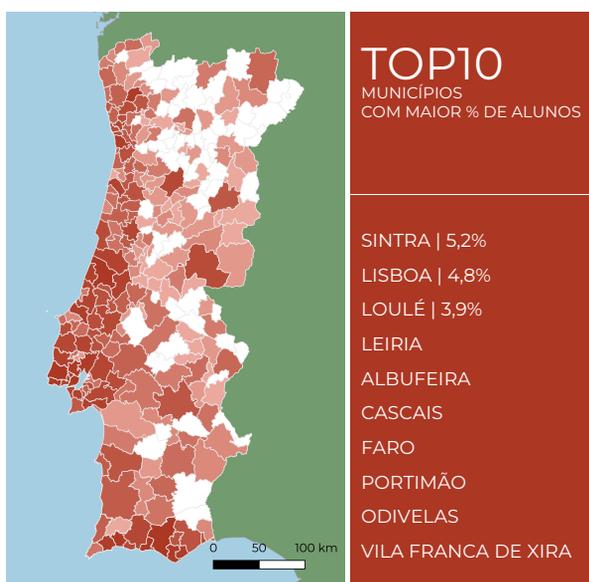
ANO LETIVO 2019/2020

## LEGENDA



### A. TOTAL

UNIVERSO: 5.650



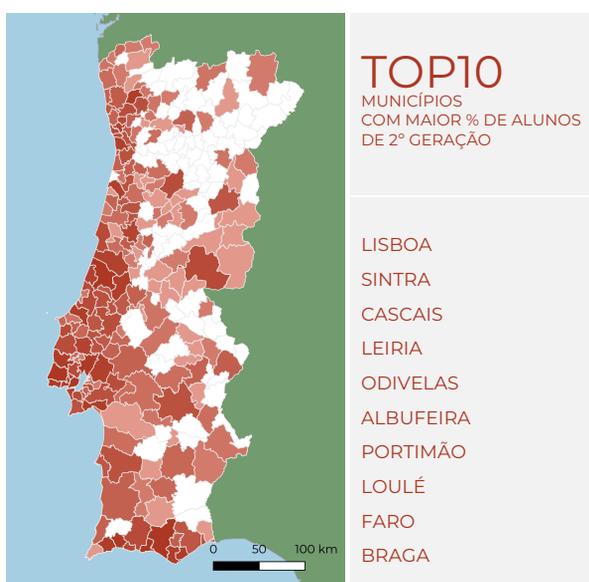
### B. LUSOASCENDÊNCIA

UNIVERSO: 1.409



### C. 2º GERAÇÃO

UNIVERSO: 3.171



### D. 1º GERAÇÃO

UNIVERSO: 2.004



NOTA | para apurar a distribuição territorial de alunos por município, foi calculada a percentagem de alunos de origem ucraniana que estuda em cada um dos municípios continentais portugueses, tendo como universo o total de alunos de origem ucraniana residente no país.

# SUMÁRIO

## ORIGEM UCRANIANA

1. Em 2019/2020 existiam 5.650 alunos com ascendência ucraniana, mais 884 do que em 2012/2013.
2. A maioria dos alunos são de 1º geração (61,3%), verificando-se uma diferença relevante entre os anos letivos em análise, uma vez que em 2012/2013 os alunos de 1º geração correspondiam a 33%.
3. 24,9% dos alunos são lusodescendentes, mais 13,9 pontos percentuais do que em 2012/13.
4. A escolaridade familiar dominante dos alunos com origem ucraniana é mais elevada do que os alunos autóctones: os primeiros têm 43,1% com ensino secundário e 47% com ensino superior, enquanto os segundos têm 30,4% e 34,2%, respetivamente.
5. É mais elevada a proporção de alunos de origem ucraniana que recorre ao apoio económico da ASE (41%) em relação aos seus pares autóctones (29,9%). No entanto, entre os anos analisados, houve uma ligeira aproximação entre os dois grupos, indicativa de uma redução da desigualdade entre a situação económica das famílias dos alunos de origem ucraniana e das famílias dos alunos autóctones.
6. Os concelhos onde existem mais alunos de origem ucraniana são Sintra (5,2%), Lisboa (4,8%) e Loulé (3,9%).

### OBSERVAÇÕES SOBRE O UNIVERSO E DADOS OMISSOS:

1| O universo dos alunos de origem ucraniana diminui quando analisada a sua geração, derivado aos dados omissos na naturalidade do aluno. Os dados omissos correspondem a 8,4% em 2019/2020 e a 0,31% em 2012/2013.

2|

2.1| Em 2019/2020, o universo dos alunos de origem ucraniana utilizado para calcular a escolaridade familiar dominante corresponde a 4.794, o que significa existirem 15,2% de dados omissos na escolaridade familiar dominante. Em 2012/2013, a proporção de dados omissos era cerca do dobro (29,5%) (1.406 alunos de 4.766).

2.2| Esclarece-se que as percentagens de nível de escolaridade estão feitas considerando ainda os alunos cujos pais não têm habilitações: 0,8% em 2019/2020 e 0,4% em 2012/2013.



# ORIGEM VENEZUELANA

CARACTERIZAÇÃO  
SOCIODEMOGRÁFICA  
E TERRITORIAL

---

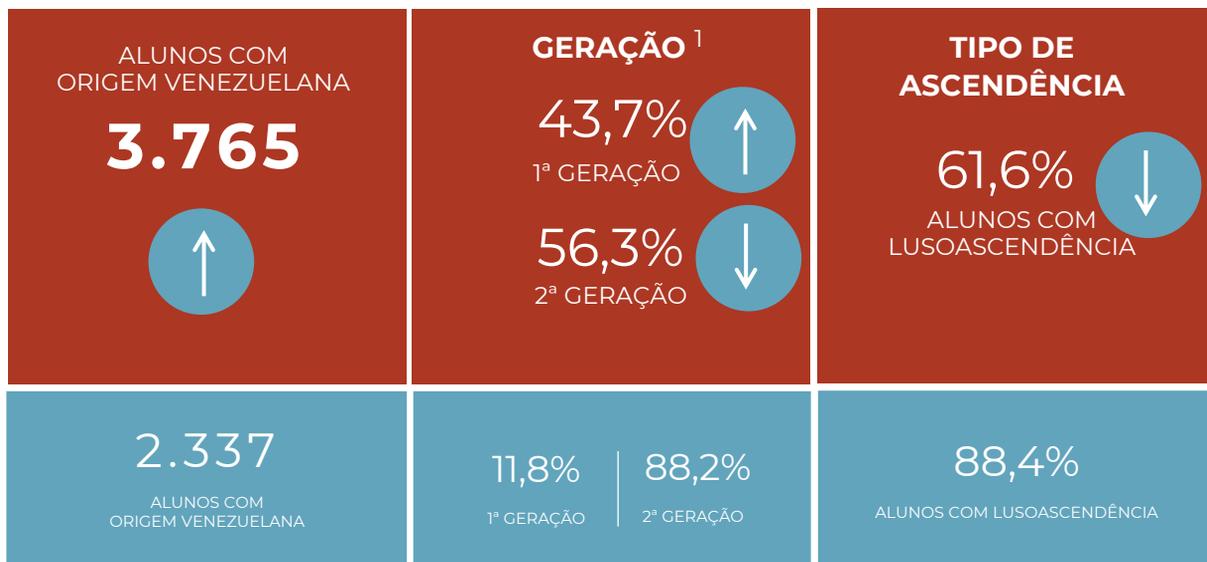
# ORIGEM NACIONAL VENEZUELANA

## LEGENDA

- ANO LETIVO 2019/2020
- ANO LETIVO 2012/2013
- ↑ AUMENTOU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013
- ↓ DIMINUIU EM COMPARAÇÃO COM 2012/2013



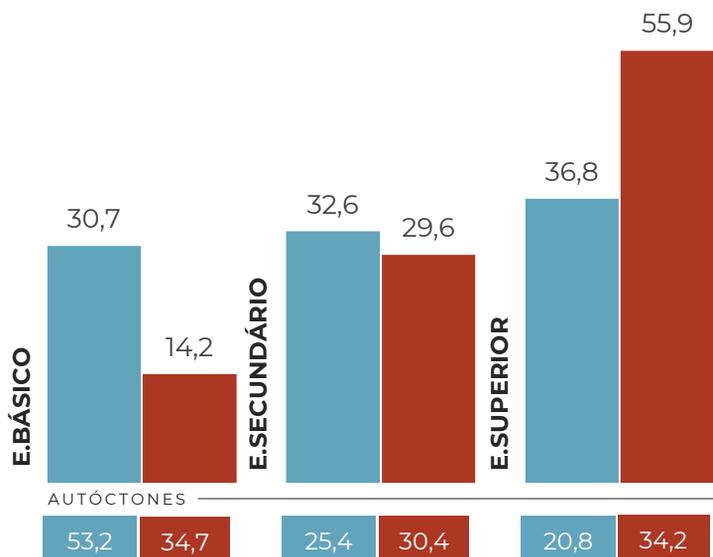
## CARACTERIZAÇÃO DEMOGRÁFICA



## ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE<sup>2</sup>



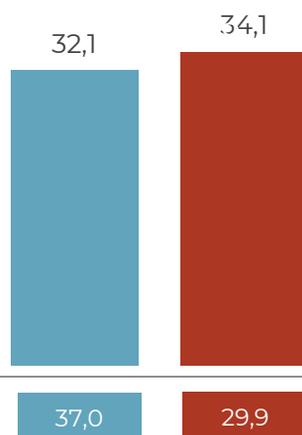
EM 2019-2020, 55,9% DOS ALUNOS TINHAM COMO ESCOLARIDADE FAMILIAR DOMINANTE O ENSINO SUPERIOR, MAIS 21,7 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.



## AÇÃO SOCIAL ESCOLAR



EM 2019-2020, 34,1% DOS ALUNOS TINHAM AÇÃO SOCIAL ESCOLAR, MAIS 4,2 P.P. DO QUE OS AUTÓCTONES.

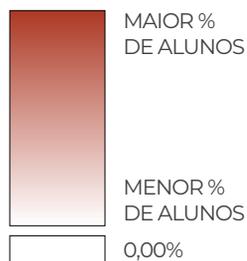


# ORIGEM VENEZUELANA

# DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL

ALUNOS POR MUNICÍPIO (%)  
ANO LETIVO 2019/2020

## LEGENDA



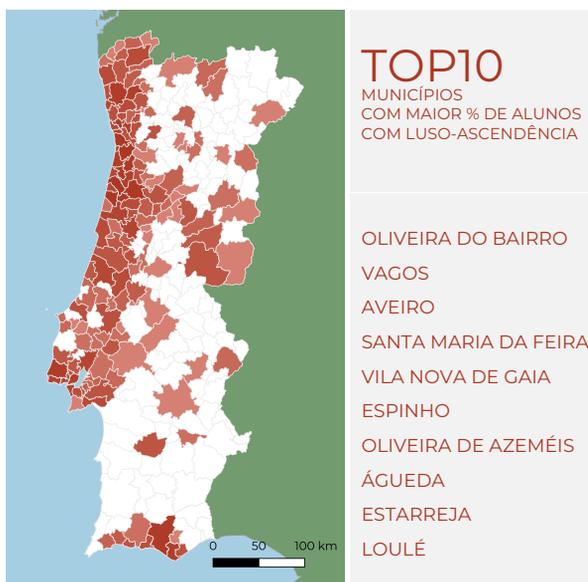
### A. TOTAL

UNIVERSO: 3.765



### B. LUSOASCENDÊNCIA

UNIVERSO: 2.321



### C. 2º GERAÇÃO

UNIVERSO: 1.948



### D. 1º GERAÇÃO

UNIVERSO: 1.509



NOTA | para apurar a distribuição territorial de alunos por município, foi calculada a percentagem de alunos de origem venezuelana que estuda em cada um dos municípios continentais portugueses, tendo como universo o total de alunos de origem venezuelana residente no país.

# SUMÁRIO

## ORIGEM VENEZUELANA

1. Em 2019/2020 existiam 3.765 alunos com ascendência venezuelana, mais 1.428 do que em 2012/2013.
2. A maioria de alunos são de 2ª geração (56,3%), menos 31,9 pontos percentuais (p.p.) do que em 2012/2013, o que significa que os alunos de 1ª geração aumentaram bastante no último ano letivo.
3. 61,6% dos alunos são lusodescendentes, menos 26,8 p.p. do que em 2012/2013.
4. A escolaridade familiar dominante dos alunos com origem venezuelana é mais elevada que a dos alunos autóctones: os primeiros têm 29,6% com o ensino secundário e 55,9% com o ensino superior, enquanto os segundos têm 30,4% e 34,2%, respetivamente.
5. É mais elevada a proporção de alunos de origem venezuelana que recorre ao apoio económico da ASE (34,1%) em relação aos seus pares autóctones (29,9%). É de notar que, entre os anos analisados, a clivagem entre os dois grupos permaneceu quase inalterada (menos 0,7 p.p.), sugerindo que a desigualdade económica persiste, o que se deve ao aumento da proporção de alunos de origem venezuelana beneficiários de ASE (mais 2 p.p.) e a uma redução mais significativa no caso dos pares autóctones (menos 7,1 p.p.).
6. Os concelhos onde existem mais alunos de origem venezuelana são Vagos (6,6%), Oliveira do Bairro (6,2%) e Aveiro (5,8%).

### OBSERVAÇÕES SOBRE O UNIVERSO E DADOS OMISSOS:

1| O universo dos alunos de origem venezuelana diminui quando analisada a sua geração, devido aos dados omissos na naturalidade do aluno. Os dados omissos correspondem a 8,2% em 2019/2020 e a 0,2% em 2012/2013.

2|

2.1| Em 2019/2020, o universo dos alunos de origem venezuelana utilizado para calcular a escolaridade familiar dominante corresponde a 3.328, o que significa existirem 11,6% de dados omissos na escolaridade familiar dominante. Em 2012/2013, a proporção de dados omissos era cerca de metade (5,5%) (129 alunos de 2.337).

2.2| Esclarece-se que as percentagens referentes aos níveis de escolaridade familiar dominante estão calculadas considerando também os alunos cujos pais não têm habilitações: 0,4% em 2019/2020 e 0% em 2012/2013.

# REFERÊNCIAS

- Almeida, S., Firmini, J., Mesquita, J., Hortas, M.J. e Luís C.N. (2021), Academic performance and territorial patterns of students with an immigrant background in the Lisbon Metropolitan Area, #638 *Working-paper*, Lisbon, Nova School of Business & Economics.
- Azzolini, D.; Schnell, P. e Palmer, J. R. B. (2012), 'Educational Achievement Gaps between Immigrant and Native Students in Two "New" Immigration Countries: Italy and Spain in Comparison'. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 643:1, pg.46-77.
- Brubaker, Rogers (2002), "Ethnicity without groups", *European Journal of Sociology*, 43(2), pp.163-189.
- Cândido, A. F. e Seabra, T. (2021), "Processos de classificação e de categorização das populações com origem imigrante no contexto europeu", Observatório das Desigualdades e-Working Papers, N°1/2023: CIES-Iscte, ISSN 2183-4199, doi: 10.15847/CIESODWP012023..
- Cândido, Ana F. (2020), Imigração, Heterogeneidade Migrante e Desempenho Escolar: Uma Análise Extensiva na Área Metropolitana de Lisboa, Dissertação de mestrado em Sociologia, ISCTE-IUL, Lisboa.
- Crul, M. e Mollenkopf J. (2012), 'The Second Generation', in Crul e Mollenkopf (eds) *The Changing Face of World Cities*, New York: Russell Sage Foundation.
- Crul, M. e Schneider J. (2010) 'Comparative integration context theory: participation and belonging in new diverse European cities', *Ethnic and Racial Studies*, 33:7, pg. 1249- 1268.
- Dollmann, Jörg; Jacob, Konstanze, e Frank Kalter (2014), "Examining the Diversity of Youth in Europe: A Classification of Generations and Ethnic Origins Using CILS4EU Data (Technical Report)", *Arbeitspapiere - Working Papers*, no.156, Mannheim, Mannheim Centre for European Social Research.
- Eurydice (2019), A Integração de Alunos de Origem Migrante nas Escolas da Europa: Políticas e Medidas Nacionais, Relatório Eurydice, Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia.
- Firmino, J., Nunes, L. C., Almeida, S., e Batista, S. (2020) Student segregation across and within schools. The case of the Portuguese public school system, #633 *Working-paper*, Lisboa, Nova School of Business & Economics.
- Gogolin, I., McMonagle, S., e Salem, T. (2019), 'Germany: Systemic, Sociocultural and Linguistic Perspectives on Educational Inequality, em P.A.J.Stevens & A.G.Dworking, *The Palgrave Handbook of Race and Ethnic Inequalities in Education*, palgrave macmillan, pp. 557-602.
- Góis, P. e Marques, J.C. (2018), 'Retrato de um Portugal migrante: a evolução da emigração, da imigração e do seu estudo nos últimos 40 anos', e-cadernos CES.
- Justino D. and Santos R. (coord.) (2017), Atlas da Educação. Contextos sociais e locais do sucesso e do insucesso.Lisboa: CICS.NOVA-FCSH & EPIS.

- Kao, G. e Tienda, M. (1995), 'Optimism and Achievement: The Educational Performance of Immigrant Youth', *Social Science Quarterly*, 76:1, pg.1-19.
- Lessard-Phillips, Laurence; Galandini, Silvia; de Valk, Helga e Rosita Fibbi (2017), "Damned if you do, damned if you don't: The challenges of including and comparing the children of immigrants in European survey data", em C. Bolzman, L. Bernardi, & J.-M. Le Goff (Eds.), *Situating children of migrants across borders and origins: A methodological overview*, Springer Open, pp. 25-53.
- Mateus, S. (2013) Futuros convergentes? Processos, dinâmicas e perfis de construção das orientações escolares e profissionais de jovens descendentes de imigrantes em Portugal, Ph.D. thesis em Sociologia, Lisboa: ISCTE-IUL.
- Mateus, S. (2019) 'Advantage in diversity: 9th grade pupils of mixed origin in Portugal', *Portuguese Journal of Social Science*, 18:1, pg.57-72.
- Mateus, S. (2022), 'Blending ahead: the advantages of young people of mixed origin in Portuguese compulsory schooling', *Globalisation, Societies and Education*, 20(5), pg.571-589.
- OECD (2019), PISA 2018 Results (Volume II): *Where All Students Can Succeed*, OECD Publishing, Paris
- Oliveira (coord.) e Gomes, N. (2019), Observatório das Migrações. Imigração em Números. Indicadores de Integração de Imigrantes, Relatório Estatístico Anual.
- Pires, S. (2009), A Segunda Geração de Imigrantes em Portugal e a Diferenciação do Percorso Escolar: Jovens de Origem Cabo-verdiana versus Jovens de Origem Hindu-indiana, Lisboa: Observatório das Migrações.
- Portes, A. e Rumbaut, R. (2005), 'Introduction: The Second Generation and the Children of Immigrants Longitudinal Study', *Ethnic and Racial Studies*, 28:6, pg.983-999.
- Rumbaut, R. G. (2006), 'Ages, Life Stages, and Generational Cohorts: Decomposing the Immigrant First and Second Generations in the United States', *International Migration Review*, 38:3, pg.1160-1205.
- Rumbaut, R., Massey, D., e Bean, F. (2006), "Linguistic Life Expectancies: Immigrant Language, Retention in Southern California", *Population and Development Review*, 32(3), pg.447-460.
- Seabra, T. (2009) Adaptação e Adversidade: O desempenho escolar dos alunos de origem indiana e cabo-verdiana no ensino básico, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Seabra, T. e Cândido, A.F. (no prelo), "Citizenship, generational status, and mixed origin: an analysis of immigrant heterogeneity on school performance in portuguese state schools", *Portuguese Journal of Social Science*.
- Seabra, T., Carvalho, H. e Ávila, P. (2019) 'The effect of the ethnic composition of schools on primary school maths results of pupils of immigrant origin', *Portuguese Journal of Social Science*, 18(1), pp. 9-26.
- Seabra, T., Vieira, M.M., Ávila, P., Castro, P., Estevão, P., e Mateus, S. (2014) *Escolas que fazem melhor: o sucesso escolar dos alunos descendentes de imigrantes na escola básica - Relatório Final*, Lisboa: CIES-IUL.
- Serviços de Estrangeiros e Fronteiras (SEF/GEFP) (2022). Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2021.
- Suárez-Orozco, C., e Suárez-Orozco M. (2001) *Children of Immigration*, Cambridge: Harvard University Press.
- Szulkin, R., e Jonsson, J.O. (2007) 'Ethnic Segregation and Educational Outcomes in Swedish Comprehensive Schools', *Working Paper 2007:2*, The Stockholm University Linnaeus Center for Integration Studies (SULCIS).

- Van Praag, L., Verhoeven, M., Stevens, P.A., e Van Houtte, M. (2019), 'Belgium: Cultural Versus Class Explanations for Ethnic Inequalities in Education in the Flemish and French Communities', em P.A.J.Stevens & A.G.Dworking, *The Palgrave Handbook of Race and Ethnic Inequalities in Education*, palgrave macmillan, pp. 159-214.
- Vietze, J., Schwarzenthal, M., Moffitt, U., e Covitillo, S. (2022), 'Beyond 'migrant background': how to select relevant, social justice oriented, and feasible social categories in educational research', *European Journal of Psychology of Education*, pg.xx

# ANEXO I

Origem nacional	Total	Lusoascendência	Ascendência nacional única OU um dos pais com naturalidade estrangeira e o outro com naturalidade omissa	% face ao total de origem imigrante
Brasileira	44962	15397	29565	28,6
Angolana	21830	13329	8501	13,9
Francesa	14981	13507	1474	9,5
Cabo-verdiana	9913	4035	5878	6,3
Moçambicana	6296	5311	985	4,0
Ucraniana	5650	1409	4241	3,6
Guineense	5071	1502	3569	3,2
Romena	3938	1120	2818	2,5
Venezuelana	3765	2321	1444	2,4
Santomense	3693	1256	2437	2,4
Alemã	3535	3167	368	2,3
Moldava	2745	614	2131	1,7
Chinesa	2164	314	1850	1,4
Espanhola	1672	1371	301	1,1
Indiana	1259	234	1025	0,8
Britânica	1227	752	475	0,8
Sul-africana	1148	1028	120	0,7
Nepalesa	1117	154	963	0,7
Russa	919	418	501	0,6
Canadiana	791	737	54	0,5
Búlgara	565	162	403	0,4
Norte-americana	558	478	80	0,4
Paquistanesa	555	92	463	0,4
Italiana	515	360	155	0,3
Holandesa	510	339	171	0,3
Marroquina	490	248	242	0,3
Afegã	482	361	121	0,3

Suíça	425	400	25	0,3
Luxemburguesa	416	394	22	0,3
Belga	389	276	113	0,2
Bengalês	353	63	290	0,2
Guineense (Conacri)	313	84	229	0,2
Cubana	247	130	117	0,2
Colombiana	236	95	141	0,2
Polaca	205	160	45	0,1
Síria	190	21	169	0,1
Timorense	188	84	104	0,1
Zimbabué	185	172	13	0,1
Senegalesa	184	58	126	0,1
Argentina	183	140	43	0,1
Australiana	157	139	18	0,1
Cazaquistanesa	129	55	74	0,1
Usbequistanês	125	25	100	0,1
Equatoriana	120	64	56	0,1
Filipina	114	46	68	0,1
Nigeriana	103	43	60	0,1
Irlandesa	100	73	27	0,1
Lituânia	95	64	31	0,1
Bielorussa	94	43	51	0,1
Congolesa (R.D.Congo)	92	54	38	0,1
Sueca	90	64	26	0,1
Georgiana	85	23	62	0,1
Húngara	78	61	17	0,0
Iraqiana	70	12	58	0,0
Mexicana	68	45	23	0,0
Congolesa (Congo)	66	47	19	0,0
Argelina	65	41	24	0,0
Letónia	60	47	13	0,0
Macaense	54	44	10	0,0
Turca	52	23	29	0,0
Peruana	51	40	11	0,0
Porto-riquenha	51	48	3	0,0
Paraguai	45	37	8	0,0
Boliviana	43	33	10	0,0
Costa-marfinense	43	19	24	0,0
Dinamarquesa	43	34	9	0,0

Iraniana	43	13	30	0,0
Austríaca	42	35	7	0,0
Sérvia	42	19	23	0,0
Albanês	40	25	15	0,0
Chilena	39	27	12	0,0
Checa	39	33	6	0,0
Egípcia	38	18	20	0,0
Finlandesa	38	31	7	0,0
Israelita	38	21	17	0,0
Eslovaca	35	29	6	0,0
Tailandesa	35	24	11	0,0
Indonésia	34	21	13	0,0
Norueguesa	33	29	4	0,0
Tunisiana	31	17	14	0,0
Guatemalense	28	17	11	0,0
Dominicana	27	19	8	0,0
Andorrense	26	23	3	0,0
Uruguaia	22	14	8	0,0
Estoniana	21	15	6	0,0
Vietnamita	21	6	15	0,0
Bósnia	19	15	4	0,0
Anguila	13	10	3	0,0
<b>Total</b>	<b>146662</b>	<b>73778</b>	<b>72884</b>	<b>93,4</b>
Dados omissos	10292	-	-	6,6
Mistas PALOP	1677	-	-	1,1
Outras origens mistas	5379	-	-	3,4
Outros alunos não classificados devido ao contingente de alunos ser inferior a 10	3236	-	-	2,1

# ATLAS DOS ALUNOS COM ORIGEM IMIGRANTE

QUEM SÃO E ONDE ESTÃO NOS ENSINOS  
BÁSICO E SECUNDÁRIO EM PORTUGAL

Não existe conhecimento aprofundado sobre quem são e onde estão os alunos com origem imigrante no sistema de ensino português. Os dados oficiais comumente disponibilizados pelas entidades públicas informam apenas sobre a nacionalidade dos alunos do território nacional, sub-representando a realidade migratória nacional nas escolas portuguesas, o que pode enviesar, positiva ou negativamente, a leitura que se faz da mesma, bem como as políticas públicas idealizadas. Em Portugal existe uma escassez de estudos de carácter extensivo que retratem as características sociodemográficas e a localização no território nacional dos alunos com origem imigrante.

Neste quadro, o Atlas dos Alunos de Origem Imigrante: quem são e onde estão nos ensinos básico e secundário em Portugal tem como objetivo aprofundar o conhecimento sobre os alunos com origem na imigração, conhecendo o seu perfil sociodemográfico e a sua localização no território nacional. Analisa-se em que medida existem (des)continuidades entre as condições sociais destes alunos e as dos seus pares autóctones e, tratando-se de um grupo bastante heterogéneo, explora-se de que modo estas mesmas condições variam conforme a origem nacional, o tipo de ascendência e o estatuto geracional dos alunos com origem imigrante. Este Atlas tem como base microdados cedidos pela Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC) referentes a todos os alunos inscritos nos ensinos básico e secundário da rede pública em Portugal continental na segunda década dos anos 2000. Numa primeira fase, analisa-se o conjunto dos alunos com origem imigrante e, numa segunda fase, é detalhada a informação relativa aos alunos que têm origem nacional dos 18 países mais representados nas escolas portuguesas.